

Jana Portela Beraldo

LITERATURA LÍQUIDA:
A MOBILIDADE EM *SEIZE THE DAY*, DE SAUL BELLOW

Jana Portela Beraldo

LITERATURA LÍQUIDA:

A MOBILIDADE EM *SEIZE THE DAY*, DE SAUL BELLOW

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura (PÓSLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Doutor em Literatura.

Área de concentração: Literatura e Práticas Sociais

Linha de pesquisa: Representação na Literatura Contemporânea (RLC)

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Roberto Vieira Braga

Brasília

Agosto/2022

BB4831 Beraldo, Jana
Literatura líquida: a mobilidade em Seize the Day, de
Saul Bellow / Jana Beraldo; orientador Cláudio Braga. --
Brasília, 2022.
145 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Água. 2. Mobilidade. 3. Modernidade. 4. Saul Bellow.
5. Zygmunt Bauman. I. Braga, Cláudio, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Deixo meu “muito obrigada” a todos que me apoiaram no percurso até aqui, não apenas no período do doutorado, mas ao longo de toda a minha carreira acadêmica. Assim, agradeço especialmente aos meus pais, que não me deixaram desistir nos momentos em que fraquejei e meu orientador, Cláudio Braga, que vem me acompanhando e me ajudando de todas as formas possíveis desde a graduação, sendo um dos grandes responsáveis pela minha paixão pela literatura. E, claro, não poderia deixar de lado meu amigo e colega de trabalho Otávio Martins, que, nos dois últimos anos de redação desta tese, me auxiliou enormemente com seus amplos conhecimentos de filosofia e psicologia, e abriu minha cabeça para várias questões que acabaram se tornando de grande valia para que eu pudesse concluir meu trabalho com orgulho e satisfação.

Tese intitulada **Literatura líquida: a mobilidade em *Seize the Day*, de Saul Bellow**, de autoria da doutoranda Jana Portela Beraldo, apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cláudio Roberto Vieira Braga
(UnB) – Presidente

Prof. Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto
(UnB) – Titular

Prof. Dra. Gláucia Renate Gonçalves
(UFMG) – Titular

Prof. Dra. Leticia Fernandes Malloy Diniz
(UFRN) – Titular

Profª. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
(UnB) – Suplente

RESUMO

Nesta tese, analiso e discuto o romance *Seize the Day*, do escritor estadunidense Saul Bellow, refletindo, com base na sua representação ficcional, sobre algumas consequências dos rumos tomados pelo mundo ocidental contemporâneo, em especial no que toca às dificuldades geradas pelo aumento no número de possibilidades com as quais indivíduos são diariamente confrontados. Entre tais consequências, posso citar a fluidificação das relações humanas, como as conjugais e as laborais. Optei por trazer, com especial destaque, as teorias de Zygmunt Bauman e Tim Cresswell, em decorrência de ambos apresentarem, sob perspectivas distintas, um ponto em comum com o texto literário selecionado: a recorrência a simbologias que, para tratar da tendência à flexibilização que é própria da modernidade, remetem à água. Partindo das conotações assumidas por esse elemento em *Seize the Day* e no corpus teórico de Bauman e Cresswell, delinheiro possíveis entendimentos dos modos pelos quais a atualidade pode ser compreendida em sua conjuntura permeada por um estado de fluidez característico da água e outros líquidos. Por fim, concluo que, devido à sua sensibilidade artística, Bellow é capaz de prenunciar, no romance em estudo, os mencionados entendimentos, que só anos após a publicação da obra seriam teoricamente enunciados por Cresswell e Bauman. Outros teóricos que compõem a íntegra desta tese são Stuart Hall, Fredric Jameson, Milton Santos e John Urry, entre outros, os quais foram escolhidos devido à relevância de seus escritos acerca dos conceitos-chave empregados, notadamente os de mobilidade, modernidade e globalização.

Palavras-chave: *Seize the Day*; água; mobilidade; modernidade; Saul Bellow; Zygmunt Bauman; Tim Cresswell.

ABSTRACT

In this dissertation, we analyze and discuss the novel *Seize the Day*, written by the Canadian writer Saul Bellow, reflecting, based on his fictional representation, upon some of the consequences of the paths taken by the contemporary Western world, specially with regard to the difficulties related to the increase in the number of possibilities with which individuals are confronted on a daily basis. Amongst those consequences, we can mention the fluidization of human relations, such as those regarding marriage and the work environment. We've chosen to bring, with special prominence, the theories by Zygmunt Bauman and Tim Cresswell, due to the fact that both present, under different perspectives, an important affinity with the selected literary text: the resort to symbologies that, to address the tendency to flexibilization which is proper of modernity, allude to water. From the connotations taken on by this element in *Seize the Day* and in Bauman's and Cresswell's theoretical corpus, I outline possible understandings of the ways by which present times can be understood as permeated by a state of fluidity typical of water and other liquids. Finally, I conclude that, because of Bellow's artistic sensitivity, he is able to predict, in the novel, the mentioned understandings, which would be theoretically disclosed by Bauman and Cresswell only years after the publication of the literary work. Other theorists that compose the totality of my dissertation are Stuart Hall, Fredric Jameson, Milton Santos and John Urry, amongst others, who were chosen due to their relevance when it comes to the key-concepts employed by me, notably those of mobility, modernity and globalization.

Keywords: *Seize the Day*; water; mobility; modernity; Saul Bellow; Zygmunt Bauman; Tim Cresswell.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA ÁGUA.....	21
1.1 Os dois lados da água	25
1.1.1 O lado positivo	25
1.2.2 O lado negativo.....	28
1.2 Uma comparação literária	30
2 TOMMY WILHELM E ZYGMUNT BAUMAN.....	36
2.1 Individualidade	36
2.2 Trabalho	56
2.2 Comunidade	67
3 DR. TAMKIN E TIM CRESSWELL.....	73
3.1 Metafísica da fixidez.....	74
3.2 Metafísica do fluxo	82
3.3 Mobilidade <i>versus</i> lugar	99
4 UM ROMANCE LÍQUIDO.....	107
4.1 Enredo em ondas.....	107
4.2 Linguagem que escorre	116
4.3 Um desfecho flutuante.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
ANEXO 1.....	142
ANEXO 2.....	147

INTRODUÇÃO

Zygmunt Bauman e Tim Cresswell, dois estudiosos contemporâneos, veem o mundo sob perspectivas distintas, concentrando-se aquele na liquefação das relações humanas e este na mobilidade crescente dos indivíduos. É, porém, em um importante ponto de convergência entre as suas teorias que foco minha análise, aplicada à leitura e compreensão do romance *Seize the Day* (1956), do autor judeu Saul Bellow, e fundamentada na discussão acerca do conceito de “fluidez”. Esta pesquisa partiu da ideia de que *Seize the Day*, uma narrativa de 1956, prenuncia importantes aspectos do pensamento teórico de Zygmunt Bauman e Tim Cresswell, conduzindo ao questionamento de como isso toma forma literária no texto de Bellow. A resposta para essa questão perpassa a simbologia envolvendo os fluidos e a liquidez, que está presente na obra literária selecionada e na maior parte do *corpus* teórico de Bauman e em uma importante parcela do de Cresswell. E a compreensão simbólica da água pode assumir, em ambas as esferas – teórica e literária –, posições mais otimistas ou mais pessimistas, dependendo da forma como se analisa o problema.

O romance escolhido para compor este estudo é extensamente permeado por imagens relacionadas à água e seus possíveis derivados, os quais carregam significados que vão muito além do óbvio. Bichnu Aryal (2007, p. 27) reforça: “O romance [...] pode ser estudado em sua dimensão simbólica relacionada à água. Quase tudo nele é associado à água, que assume sentidos tanto negativos quanto positivos na obra.”¹ Seu autor, Saul Bellow, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1976, é um homem cuja trajetória o conceito de mobilidade descrito por Cresswell (2006) acompanha desde a infância, quando se muda do Canadá para os Estados Unidos, e, posteriormente, já na fase adulta, quando passa alguns anos na França. Em razão de sua história e de sua origem, Bellow, conforme destaca Begley (2005, p. 437), sente, no início de sua carreira literária, a premente necessidade de comprovar sua autoridade e seu valor como escritor judeu descendente de russos trabalhando nos Estados Unidos e utilizando a língua nativa do país para compor sua ficção. Para elucidar esse ponto, Begley (2005, p. 437) cita palavras do próprio Bellow: “[...] no

¹ Tradução minha. No original: “The novel [...] can be studied with symbolic dimension in relation to water. Almost every thing in the novel is associated with water which stands for negative as well as positive part in the novel.”

meu sangue judeu e imigrante havia traços notáveis da dúvida que me fazia pensar se eu tinha o direito de exercer a profissão de escritor.”²

As dúvidas de Bellow quanto ao seu direito de escrever permanecem nos primeiros momentos de sua carreira, e é somente em sua terceira publicação, *The Adventures of Augie March* (1953), que ele percebe que pode se livrar das amarras da forma que o romance assume à época e falar sobre o que quer, da maneira que quer. É assim que nasce uma de suas obras mais emblemáticas, marcada, do início ao fim, por uma linguagem exuberante, vigorosa e satírica. Ela vence o National Book Award daquele ano e se torna líder de vendas, eliminando de vez qualquer complexo que poderia remanescer em relação à liberdade que tinha de escrever literatura – e literatura de qualidade – em inglês.

O romance que segue a publicação de *Augie March* é justamente o que se examina nesta tese, *Seize the Day*. Segundo Begley (2005, p. 43-44), a composição se diferencia, em muitos aspectos, da anterior:

Certamente em termos de temática, escopo e estilo, a obra marcou uma regressão da euforia e da cor de Chicago e do México (o outro lado das aventuras de Augie) para a grisalha do Upper West Side. Precisão e controle tomaram o lugar de gestos alegremente audaciosos [...]. Ao contrário de Augie, o mais livre dos livres, o protagonista de *Seize the Day*, Tommy Wilhelm, é de fato um perdedor – característica que o Sr. Bellow usa contra o personagem –, mas ao mesmo tempo um anti-herói que parte o coração do leitor e não pode ser expungido de sua mente.³

Em diversos ocasiões, o próprio Bellow declara não ter ficado satisfeito com o resultado de *Seize the Day*, como acontece na entrevista que concede à revista *Contemporary Literature*. O entrevistador pergunta-lhe se ele julga ter “acertado” no romance. A resposta é simples e objetiva: “Eu acertei até certo ponto, um ponto limitado. Eu posso até simpatizar com Wilhelm, mas não posso respeitá-lo. Ele é um sofredor por vocação. Eu sou um rebelde por vocação” (BELLOW; ROUDANÉ, 1984, p. 280).

² Tradução minha. No original: [...] in my Jewish and immigrant blood there were conspicuous traces of a doubt as to whether I had the right to practice the writer's trade...”

³ Tradução minha. No original: “Certainly in terms of subject matter, scope, and style it had marked a regression from the euphoria and color of Chicago and Mexico (the other site of Augie's adventures) to the grisaille of the Upper West Side. Precision and control had taken the place of joyously bold gestures; the dourness recalled *The Dangling Man* and *The Victim*. As contrasted with Augie, the “freest of the free,” the protagonist of *Seize the Day*, Tommy Wilhelm, is indeed a loser – a quality that Mr. Bellow came to hold against him – but he is an anti-hero who breaks the reader's heart and cannot be expunged from memory.”

Apesar do comentário, Wilhelm pode ser entendido como uma espécie de alterego do escritor, considerando-se o sentimento que partilham de estarem deslocados em um mundo não mais determinado por princípios e condutas sólidos: “Ao expressarmos amor, nos tornamos parte dos países não desenvolvidos”⁴ (BELLOW, 2017). Conforme já assinalado por Bauman (2001), noções, como a de amor, que antes possuíam sentidos bem definidos e, portanto, podiam nos guiar nas decisões que tomávamos ao longo da vida, passam a assumir significados duvidosos e pouco fiáveis, como, na comparação de Bellow, os países ditos “subdesenvolvidos”.

O protagonista de *Seize the Day* é um estadunidense de origem judaica perdido em uma realidade que parece dar valor única e exclusivamente ao dinheiro e/ou a objetos, serviços e pessoas precificáveis. Buscando fugir de tal dominação capitalista, ele se vê encurralado pelo dilema – que não é apenas seu – envolvendo a tomada de decisões que ora vão de encontro ao seu entendimento particular de liberdade e felicidade, ora lhe proporcionam liberdade e felicidade falsas, meramente figurativas.

A narrativa originalmente integrou uma coletânea de contos lançada em 1956, mas também já foi publicada isoladamente como romance. Ela aborda questões recorrentes na obra de Bellow, como a relação entre pai e filho e os males do capitalismo. De acordo com o guia de estudo de *Seize the Day* da editora Gale Research (1998, p. 5):

Considerado por muitos críticos como o melhor trabalho de ficção de Bellow, o romance imediatamente se destaca das outras histórias da coletânea como um grande trabalho. O poderoso impacto de *Seize the Day* deriva de seu enredo firmemente construído; da habilidade de Bellow de controlar com efetividade e de forma concentrada temas gigantescos como a vitimização, a alienação e a conexão humana; e da criação de Tommy Wilhelm, um dos seus mais tocantes protagonistas.⁵

O ensaísta, roteirista e escritor Daniel Fuchs (1974) tem opinião semelhante a respeito do impacto e da relevância do romance: “Um trabalho de grande força, *Seize*

⁴ Tradução minha. No original: “In expressing love we belong among the undeveloped countries.”

⁵ Tradução minha. No original: “Considered by many critics to be Bellow’s finest work of fiction, the novella was immediately singled out from among its companion pieces as a major work. The powerful impact of *Seize the Day* comes from its tightly constructed plot; from Bellow’s ability to control effectively in a concentrated form such enormous themes as victimization, alienation, and human connection; and from his creation of Tommy Wilhelm, one of his most moving protagonists.”

the Day é possivelmente a obra de Bellow que foi realizada com mais perfeição; conseqüentemente, alguns o têm como a sua melhor”⁶ (FUCHS, 1974, p. 81). E continua: “[...] *Seize the Day* parece estar em paz com o seu poder negativo. É o seu mais profundo estudo sobre a alienação, sobre a depravação da sociedade burguesa – o Bellow dos radicais”⁷ (FUCHS, 1974, p. 80).

Ainda que *Seize the Day* tenha recebido elogios como os de Fuchs (1974), o crítico estadunidense Robert Baker salienta que, para ele, Bellow tinha dois defeitos principais: a sua forma pouco convincente de retratar as mulheres e o fato de os seus textos simplesmente acabarem, ou seja, não terem um final satisfatório (GALE RESEARCH, 1998, p. 34). A grande maioria dos estudiosos, porém, compreendia os meios pelos quais o autor se expressava. Muitos chegaram aclamá-lo como um dos melhores escritores da América, como é o caso de Brigitte Scheer-Schazler e Robert R. Dutton, que afirmaram que “os romances de Bellow representam os melhores romances americanos contemporâneos”⁸ (GALE RESEARCH, 1998, p. 35). Irving Malin, por sua vez, o descreveu como “provavelmente o mais importante romancista americano ainda vivo”⁹ (GALE RESEARCH, 1998, p. 35). *Seize the Day*, em especial, é reconhecido por Malin como um “romance abençoado”, e por Harry T. Moore como, junto com *The Victim*, também da autoria de Saul Bellow, um dos melhores romances a serem publicados na América desde a Segunda Guerra Mundial (GALE RESEARCH, 1998, p. 35).

O que chama a atenção, portanto, é que, apesar de tratar de assuntos já abordados em outras ocasiões por diversos outros autores, há uma fortuna crítica consistente que tem como consenso que *Seize the Day* traz um olhar único sobre o mundo, o indivíduo e as relações humanas. E, tomando por base o discurso proferido por Saul Bellow na ocasião do recebimento do prêmio Nobel de Literatura, percebemos que muito do que está contido na obra reflete as ideias do autor sobre a contemporaneidade, as pessoas e a arte:

Todos os anos nós vemos resultados de livros e artigos que dizem

⁶ Tradução minha. No original: “A work of great force, *Seize the Day* is possibly Bellow's most perfectly realized work; consequently, some think it his very best.”

⁷ Tradução minha. No original: “[...] *Seize the Day* seems to be in a phase of agreement with its negative power. It is his most piercing study of alienation, of the depravity of bourgeois society-the radical's Bellow.”

⁸ Tradução minha. No original: “[...] Bellow's novels represent the best contemporary American novels.”

⁹ Tradução minha. No original: “[...] probably the best living American novelist.”

aos americanos o nível em que eles estão – o que gera afirmações inteligentes ou simplórias ou extravagantes ou sensacionalistas ou dementes. Todas revelam a crise em que estamos, enquanto nos dizem o que devemos fazer a respeito; e as pessoas que fazem essas análises são produzidas pela mesma desordem e pela mesma confusão que se propõem a discutir. É como escritor que considero sua extrema sensibilidade moral, seu desejo por perfeição, sua intolerância aos defeitos da sociedade, a tocante e cômica falta de limite das suas demandas, sua ansiedade, sua irritabilidade, sua sensibilidade, sua paixão, sua bondade, sua convulsividade, a imprudência com que elas usam diferentes tipos de drogas, toques terapêuticos e bombas. [...] Deixe-me tomar um pouco de tempo para examinar mais de perto essa labuta. Na vida privada, desordem e quase-pânico. Nas famílias – para maridos, esposas, pais, filhos – confusão; no comportamento cívico, nas lealdades pessoais, nas práticas sexuais [...] – mais confusão. E nessa desordem privada segue a perplexidade pública.¹⁰ (BELLOW, 1976)

Como será possível observar nos capítulos desta tese, *Seize the Day*, assim como exposto por Bellow na passagem acima, escancara diversos problemas inerentes ao período do pós-guerra. Apesar de ter sido escrito em 1956 e de se referir, em princípio, exclusivamente aos cidadãos estadunidenses, não é difícil perceber o quanto o discurso do escritor permanece atual. A confusão e a desordem descritas e experimentadas pelo protagonista de *Seize the Day* são semelhantes àquelas com as quais o homem ocidental da atualidade precisa lidar diariamente. É um mundo em que os princípios e as tradições se perderam e as pessoas vagam em busca de algo que nem elas mesmas sabem o que é. O autor completa: “O que está no centro agora? No momento, nem a arte nem a ciência, mas a humanidade tentando determinar, em meio à sua confusão e obscuridade, se resiste ou se sucumbe”¹¹ (BELLOW, 1976). Como veremos, essa noção de sucumbimento perpassa todo o romance e é empregada de uma forma bastante peculiar por Bellow.

¹⁰ Tradução minha. No original: “Every year we see scores of books and articles which tell the Americans what a state they are in – which make intelligent or simpleminded or extravagant or lurid or demented statements. All reflect the crises we are in while telling us what we must do about them; these analysts are produced by the very disorder and confusion they prescribe for. It is as a writer that I am considering their extreme moral sensitivity, their desire for perfection, their intolerance of the defects of society, the touching, the comical boundlessness of their demands, their anxiety, their irritability, their sensitivity, their tendermindedness, their goodness, their convulsiveness, the recklessness with which they experiment with drugs and touch-therapies and bombs. [...] Let me take a little time to look more closely at this travail. In private life, disorder or near-panic. In families – for husbands, wives, parents, children – confusion; in civic behavior, in personal loyalties, in sexual practices [...] further confusion. And with this private disorder goes public bewilderment.”

¹¹ Tradução minha. No original: “What is at the center now? At the moment, neither art nor science but mankind determining, in confusion and obscurity, whether it will endure or go under.”

Corroborar esse fato o entendimento de Zachary Leader (2013), professor emérito de literatura inglesa da Universidade de Roehampton, na Inglaterra, acerca da capacidade que tem Bellow de se mostrar altamente generalista, apesar de tratar de temas aparentemente particulares e específicos:

Apesar de ser fascinado por teorias e conceitos, Bellow, assim como Amis, atraiu força e significado para si como romancista das particularidades. Ele, também, diria que sua obra pertencia ao mundo, mesmo admitindo que ela o faz graças à sua imersão em especificidades de tempo e espaço.¹² (LEADER, 2013, p. 33)

Isso leva-nos a questionar a qual escola literária pertence o autor estadunidense. Modernismo? Pós-modernismo? Literatura contemporânea? O professor emérito da Universidade da Califórnia H. Porter Abbott (1980, p. 268) oferece-nos uma solução plausível para o impasse, ao afirmar que parte da originalidade da carreira de Bellow provém do fato de ele andar em “macha ré”: *Dangling Man* é o seu livro mais moderno. Apesar de falhas aparentes em todos os sentidos, Bellow não se torna ‘pós-moderno’, não torna essas falhas a base do seu trabalho futuro.’¹³

Com isso, o autor quer dizer que, apesar de ter vivido e produzido no período conhecido como tipicamente pós-modernista, Bellow lança mão de técnicas e princípios muito mais característicos do modernismo, buscando, em suas obras, verdades abstratas que justifiquem a realidade – ao passo que os membros da escola subsequente negam todo e qualquer tipo de verdade. Isso fica bastante claro no romance se pensarmos que, de seu desfecho, é possível depreender uma “moral da história”, como será melhor tratado nos capítulos seguintes, em especial no último.

Para traçar essa “moral”, o autor lança mão de diversos recursos, entre eles o do simbolismo. Em toda a narrativa, ao referir-se à angústia interior de Wilhelm, seu protagonista em *Seize the Day*, Saul Bellow emprega palavras e expressões que evocam ideias relacionadas a líquidos e fluidos, como é possível depreender da seguinte passagem do primeiro parágrafo do texto, em que o protagonista está tomando o elevador do hotel onde mora para descer à recepção: “Mas não houve

¹² Tradução minha. No original: “Though fascinated by theories and concepts, Bellow, like Amis, drew strength and meaning as a novelist from particulars. He, too, would say his work belonged to the world, while also admitting that it does so by virtue of its immersion in specifics of place and time.”

¹³ Tradução minha. No original: “*Dangling Man* is his most modern book. In spite of its apparent failures on all fronts, Bellow did not become “post-modern,” did not make those failures the basis of his future work.”

parada no décimo quarto andar, e o elevador afundou e afundou. Então a porta suave se abriu e o grande carpete irregular vermelho escuro que cobria a recepção inundou os pés de Wilhelm”¹⁴ (BELLOW, 2003, p. 1). O personagem afunda e é inundado; seu estado de espírito reflete a sensação de uma pessoa a se afogar. E quem afoga Wilhelm é o mundo, a “modernidade líquida” dentro da qual se vê forçosamente inserido, e que Bauman vai descrever apenas por volta do ano 2000. Várias outras passagens do texto atuam confirmando e reforçando essa mesma temática, como o momento em que o homem, já no penúltimo capítulo, revela a seu pai: “Eu não consigo – eu sou estúpido, pai, eu simplesmente não consigo respirar. Meu peito está inundado – eu me sinto engasgado. Eu simplesmente não consigo respirar”¹⁵ (BELLOW, 2003, p. 105).

É inegável que nos dias de hoje muitas pessoas tenham adquirido mais liberdade para mover-se, como os fluidos, de um lugar a outro, seja dentro de suas casas – por exemplo, com a gradativa alteração do lugar ideal da mulher da cozinha para o escritório –, de cidades, de países e do globo terrestre como um todo. Esse processo parece apresentar-se como consequência natural de um outro, que vem tomando forma desde o século passado: a globalização. Esta, trazendo consigo a redução de custos dos principais meios de transporte e comunicação, tem possibilitado o trânsito de indivíduos, objetos e informações de praticamente qualquer lugar a praticamente qualquer outro lugar do planeta e até mesmo do espaço sideral.

A possibilidade de se mover, seja física ou virtualmente, de um ponto a outro, tornou-se símbolo de poder, um poder não necessariamente político ou econômico, mas especialmente individual. Essa miríade de possibilidades, contudo, pode ter o seu lado negativo, a partir do momento que se passa a perceber o ser humano da atualidade não mais como um ser que *pode* fazer escolhas, mas como um ser que *deve* fazer escolhas.

Com esse nível de mobilidade antes pouco visto na História, a globalização e o capitalismo moderno introduziram na vida do homem ocidental um senso de obrigação para com a opção correta, sem que o conceito de “correto” fosse bem

¹⁴ Tradução minha. No original: “But there was no stop on the fourteenth, and the elevator sank and sank. Then the smooth door opened and the great dark-red uneven carpet that covered the lobby billowed toward Wilhelm’s feet.”

¹⁵ Tradução minha. No original: “I can’t seem to – I’m stupid, Dad, I just can’t breathe. My chest is all up – I feel choked. I just simply can’t catch my breath.”

delineado. Nós passamos grande parte da nossa existência lutando para concluir projetos que muitas vezes sequer temos a perfeita noção de para que nos servirão. Não é incomum, por exemplo, que um jovem leve anos investindo em estudos para passar no vestibular de um curso específico e, quando isso finalmente acontece, ele decide, após um ou dois anos de faculdade, pedir uma transferência para um outro curso. Na nova habilitação, porém, ele comumente permanece sem se encontrar, o que o leva a repetir o processo de transferência. Esta é a era dos cursos inacabados, dos casamentos desfeitos, das amizades virtuais, dos empregos temporários e das leituras deixadas pela metade.

Esse problema do uso “inadequado” da mobilidade humana funciona como um dos principais, se não o principal, temas do romance *Seize the Day*. Como vimos, nele, o protagonista, atormentado por possibilidades que, por ser fraco e indeciso, não consegue abraçar, passa um dia de impotência, durante o qual sente como se estivesse sendo “afogado” por tudo o que o cerca. A realidade do personagem se nos apresenta como uma símile do que ocorre diariamente com milhões de indivíduos ao redor do globo, e em especial com os habitantes do Ocidente. Desse fato infere-se a relevância do presente estudo, o qual, como já mencionado, objetiva discutir a metáfora da água, presente na obra de Bellow, em relação às teorias de Zygmunt Bauman e Tim Cresswell.

Zygmunt Bauman, filósofo e sociólogo polonês, destacou-se por defender a ideia de que o indivíduo pós-moderno tem sido tomado pela insegurança e que, por isso, as relações que estabelece com o outro se tornam cada vez mais superficiais e artificiais. Bauman acredita que a evolução do capitalismo é uma das principais responsáveis pelo estágio de “liquefação” que atingimos. Ele distingue aquilo a que se refere como “modernidade sólida”, período imediatamente anterior ao que vivemos, da “modernidade líquida” (BAUMAN *apud* PALLARES-BURKE, 2004). A diferença entre ambos residiria, segundo ele, especialmente no fato de que, na modernidade sólida, almeja-se a “desmontagem” da estrutura vigente para torná-la melhor e novamente sólida, ao passo que na modernidade líquida, tal desestruturação, outrora temporária, torna-se permanente: “como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma” (BAUMAN *apud* PALLARES-BURKE, 2004).

As reflexões trazidas por Bauman muito têm sido discutidas e debatidas nas últimas décadas, como destaca Abreu (2012, p. 17): “Anthony Giddens, teórico

inglês, considera-o um dos principais analistas daquilo que se convencionou chamar de ‘pós-modernidade’.” Reação semelhante parte de Denis Smith (1999), que vê no sociólogo um “profeta da pós-modernidade”. Bauman é muito conhecido por ter escrito em uma linguagem simples e acessível a diversos públicos, motivo que levou algumas de suas obras a não serem incluídas no campo da teoria sociológica propriamente dita (ABREU, 2013, p. 156). Em razão disso, foi apenas a partir da década de 1990 que os seus escritos começaram a receber notoriedade e ser problematizados, contribuindo para a investigação social da modernidade. Entre suas principais publicações, apontam-se *Globalização: as consequências humanas* (1998) *Modernidade líquida* (2000), *Amor líquido* (2003), *Vidas desperdiçadas* (2004), *Medo líquido* (2006) e *Vida em fragmentos* (2011).

Tim Cresswell, o outro teórico que serve de base para a análise literária empreendida nesta tese, é relativamente menos conhecido do que Bauman. Graduado em geografia, Cresswell dedica grande parte da sua carreira acadêmica à descrição e defesa dos estudos da mobilidade e do lugar:

Minha pesquisa considera o papel das formas geográficas de pensar na constituição da vida social e cultural. Por ‘pensamento geográfico’ eu me refiro a modos de pensamento [...] que empregam noções de lugar, espaço e mobilidade para conferir ao mundo valor ideológico.¹⁶ (CRESSWELL, 2018)

O geógrafo é autor, entre outros, de *On the Move* (2006), *Geographies of Mobilities* (2012) e *Place: an Introduction* (2014).

Para Cresswell, há dois tipos de metafísica que regem os processos intra e interpessoais pós-modernos: o da fixidez ou sedentarismo e o do fluxo ou nomadismo. O primeiro corresponderia a uma existência condicionada a uma supervalorização das tradições, com a busca pela manutenção de um modo de vida herdado de gerações passadas. Indivíduos regidos pelos princípios da metafísica da fixidez tendem a ver a mobilidade “como uma ameaça, uma desordem no sistema, uma coisa a ser controlada”¹⁷ (CRESSWELL, 2006, p. 26). Imigrantes, ciganos e quaisquer outros grupos com características nômades são, por conseguinte, marginalizados, criticados e combatidos. A metafísica do fluxo, ao contrário,

¹⁶ Tradução minha. No original: “My research considers the role of geographical ways of thinking in the constitution of social and cultural life. By 'geographical thinking' I mean modes of thought [...] that utilize notions of place, space, and mobility to give the world ideological value.”

¹⁷ Tradução minha. No original: “[...] as a threat, a disorder in the system, a thing to control.”

preconizaria o progresso, a liberdade e a mudança (CRESSWELL, 2006, p. 43). De acordo com o autor, das duas, esta seria a que se encontraria mais intimamente ligada ao momento vivido pela sociedade ocidental atual, cujo grau – maior ou menor – de mobilidade determinaria a probabilidade – maior ou menor – de se atingir a felicidade, ou o patamar mais próximo do que se entende por felicidade.

Em variados pontos, a teoria de Cresswell corrobora a de Zygmunt Bauman. Segundo o sociólogo polonês, ao longo da história das civilizações humanas, as pessoas teriam naturalmente passado por momentos de “solidez” e de “liquidez”. Aqueles corresponderiam aos estágios de manutenção de uma ordem vigente, como no caso das ditaduras. Estes, por sua vez, diriam respeito às fases de transição entre uma ordem e outra, como de uma ditadura a uma democracia. “Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos”, salienta Bauman (2001, p. 9), ao explicar o porquê de considerar a metáfora da “liquidez” como adequada para representar novas fases. E acrescenta, sobre a modernidade:

Graças a sua flexibilidade e expansividade recentemente adquiridas, o tempo moderno se tornou, antes e acima de tudo, a arma na conquista do espaço. Na moderna luta entre tempo e espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras – um obstáculo aos avanços do tempo. (BAUMAN, 2001, p. 17)

Até aqui parece haver certa sincronia nos pensamentos de ambos os teóricos. Tanto Bauman como Cresswell apercebem-se de que um estado perpétuo de solidez ou fixidez pode ser consideravelmente perigoso para o desenvolvimento saudável de uma sociedade, uma vez que, cedo ou tarde, passa a atuar como barreira para a instauração de mudanças benéficas para, senão todos os segmentos dessa sociedade, ora para uns, ora para outros. Tal sincronia de pensamentos, ou pelo menos a sua totalidade, porém, é apenas aparente, o que começa a se tornar evidente quando Bauman (2001, p. 10, grifo nosso) destaca que “tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para *novos e aperfeiçoados sólidos*.”

Esse “admirável mundo novo” que, para o sociólogo, se mostra como algo negativo, corresponde justamente à modernidade nômade prezada por Cresswell. Logo, o que para este pode simbolizar uma solução, para aquele representa um problema. Bauman (2001, p. 23) adverte que, na atualidade, “Qualquer rede densa de

laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado.” Nesse ínterim, considerar-se-ia como “rede densa de laços sociais”, e, portanto, como obstáculo, o casamento, as amizades e as relações entre pais e filhos, por exemplo. Em nome da liberdade, os pais de hoje se tornam mais permissivos com seus filhos, o que, entre outros fatores, contribui para a formação de adultos mais fracos e incapazes de tomar decisões em meio ao universo de possibilidades e chances com os quais são bombardeados. Em nome da mesma liberdade, uniões matrimoniais desfazem-se por motivos banais, simplesmente porque o divórcio tornou-se uma opção tão viável quanto o casamento. E, novamente pela mesma razão, amizades são colecionadas em redes sociais como troféus de um campeonato em que o prêmio e o premiado são, na maior parte das vezes, completos desconhecidos. Tudo forma-se e dissolve-se com a mesma facilidade que cubos de gelo são feitos e refeitos, em diferentes formatos, para atender às diferentes ocasiões em que sejam necessários. Nas palavras de Bauman (2001, p. 80), “Nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e não na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão.”

Cresswell, em seu turno, não nega ou negligencia os perigos da liquidez moderna, mas mostra-se mais entusiástico que Bauman com os rumos que pode tomar esse mundo ocidental em mobilidade. “Há um sentido mais difundido em que a mobilidade é vista como fonte de ansiedade na modernidade”¹⁸ (CRESSWELL, 2006, p. 17), confessa o autor, acrescentando: “A mobilidade é tanto o centro como a margem – a força vital da modernidade e o vírus que ameaça acelerar a sua derrocada”¹⁹ (CRESSWELL, 2006, p. 21). Contudo, mesmo admitindo a presença de aspectos negativos no conceito de mobilidade aliado ao cenário atual do ocidente, o geógrafo assevera:

A ideia de mobilidade como liberdade teria feito pouco sentido na sociedade feudal. No início do período moderno, com o crescimento das cidades e o deslocamento de pessoas de seus antigos territórios, a prática e a ideologia da mobilidade foi transformada. Novas figuras móveis começaram a habitar as paisagens da Europa. O surgimento da mobilidade como um direito

¹⁸ Tradução minha. No original: “There is a more pervasive sense in which mobility has been a source of anxiety in modernity.”

¹⁹ Tradução minha. No original: “Mobility is both center and margin – the lifeblood of modernity and the virus that threatens to hasten its downfall.”

acompanhou o surgimento do *cidadão* moderno, a quem foi concedido o direito de se movimentar como quiser dentro dos limites do estado-nação.²⁰ (CRESSWELL, 2006, p. 15)

Podemos inferir do discurso de Cresswell que apesar de futuramente poder gerar consequências ruins para a humanidade, o atual estado de mobilidade do ser humano apresenta igual potencial de se mostrar positivo ao seu desenvolvimento.

Nesse sentido, considerando estar a água intimamente ligada às teorias aqui apresentadas, destacamos que Chevalier e Gheerbrant (2015), em seu *Dicionário de Símbolos*, dedicam pouco mais de sete páginas à descrição das possibilidades simbólicas assumidas por esse elemento ao longo dos anos. Inicialmente, eles salientam o que seriam os seus três temas dominantes: “fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 15).

Os autores prosseguem, resumindo aquilo que, para eles, representaria o centro da força simbólica da água:

As águas, massa indiferenciada, representando a **infinidade dos possíveis**, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de absorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 15, grifo dos autores)

É fácil perceber que o entendimento acima explicitado muito tem a ver com o que vem sendo abordado nesta introdução. A água funciona, para nós, como o ponto de encontro entre a teoria e a literatura, entre a ficção e a não-ficção. Desse modo, vale retomar o que Tim Cresswell (2006, p. 45) afirma sobre a mobilidade no mundo contemporâneo: “Não apenas parece ter o mundo se tornado mais móvel, mas

²⁰ Tradução minha. No original: “The idea of mobility as liberty and freedom would have made little sense in feudal society. In the early modern period, as cities grew and people were displaced from the land, the practice and ideology of mobility was transformed. New mobile figures began to inhabit the landscapes of Europe. Mobility as right accompanied the rise of the figure of the modern *citizen* who was granted the right to move at will within the bounds of the nation-state.”

também nossos modos de compreendê-lo se tornaram mais fluidos. [...] Essas novas formas de pensar são sintomáticas da pós-modernidade.”²¹

Porém, apesar de, conforme visto no dicionário de Chevalier e Gheerbrant (2015), muitos dos significados simbolicamente atribuídos à água em obras literárias apresentarem conotação positiva, essa não deve ser a única forma de analisá-la:

Todavia, a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irreduzíveis, e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16)

Transpor essa ideia à história de Tommy Wilhelm permite-nos perceber que o romance de Bellow constitui um caso em que a água atua tanto como destruidora, e mesmo como fonte de morte, quanto como “promessa de desenvolvimento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 15). O conceito metafórico desse elemento não se encerra em uma perspectiva única: a inclusão de um novo personagem, Dr. Tamkin, quem, no primeiro capítulo, é apenas mencionado pelo protagonista, provoca uma reviravolta não apenas na vida de Tommy como na filosofia propagada pela narrativa. Se a modernidade é líquida e os indivíduos nela imersos estão fadados a se afogar, a solução poderia estar não em retirar esses indivíduos de dentro da água e fazê-los voltar para um estado sólido, como prega Bauman, mas em ensiná-los a nadar.

O desfecho da obra mostra-se um tanto ambíguo: afinal, Wilhelm aprende a nadar ou se afoga? Em decorrência de sua forte carga semântica, o destino do personagem que acompanhamos durante todo um dia e por mais de cem páginas extrapola os limites da arte e faz o leitor pensar na realidade que o cerca: suas angústias e incertezas, suas perspectivas para o futuro. Será que a modernidade e o alto grau de mobilidade que ela implica no mundo ocidental podem, de fato, ser utilizadas em favor do homem, em vez de contra ele? Eles devem ser combatidos, ignorados ou abraçados? Aqui, Bellow, uma vez mais, em seu discurso de recebimento do prêmio Nobel de Literatura, dá pistas sobre a narrativa – nesse caso, sobre como encarar as páginas finais de *Seize the Day* –, ao afirmar: “Desintegração? Bem, sim. Muito tem se desintegrado, mas nós também temos experimentado um

²¹ Tradução minha. No original: “Not only does the world appear to be more mobile, but our ways of knowing the world have also become more fluid. [...] These new kinds of thinking are symptomatic of postmodernity.”

estranho tipo de processo de refinamento. E isso vem acontecendo há muito tempo”²² (BELLOW, 1976). Essas palavras conferem um tom, até certo ponto, de otimismo em relação ao destino dos diversos Wilhelms da contemporaneidade. Apesar da desintegração que identifica, o autor consegue vislumbrar uma saída, uma solução. Essa solução, porém, não vem na forma de uma pílula, que tomamos e ficamos curados: é um processo sinuoso, demorado e, ao que tudo indica, doloroso. O que importa, contudo, é que, pelo menos para Bellow, ele existe.

Com o intuito de refletir acerca desses questionamentos, por conseguinte, minha tese foi organizada em quatro capítulos com objetivos distintos. No primeiro deles, discorro sobre os possíveis significados assumidos pela água como símbolo na cultura mundial, desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, na tentativa de delinear a maior quantidade possível de interpretações para o seu emprego na literatura. Com essa parte da pesquisa, na qual emprego especialmente Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015), Juan-Eduardo Cirlot (2005) e Herder Lexikon (2013), cada qual com seu dicionário de símbolos, levanto dados relevantes para fundamentar meus três capítulos seguintes.

No segundo capítulo, adentro a teoria de Bauman sobre a modernidade e a globalização, utilizando especialmente as obras *Globalização: as consequências humanas* (1999), *Vidas desperdiçadas* (2005), *Vida em fragmentos* (2011), *A riqueza de poucos beneficia a todos nós* (2015) e *Modernidade líquida* (2017). Nesse estágio, sinalizo as proximidades entre os preceitos teóricos defendidos pelo sociólogo e a obra *Seize the Day*, com especial enfoque nos pontos de vista atribuídos ao personagem e protagonista Tommy Wilhelm. Priorizo, para tal, os aspectos mais negativos da água como símbolo, reunidos e apresentados no capítulo anterior.

No capítulo três, por sua vez, comparo o romance de Saul Bellow aos pressupostos descritos por Tim Cresswell em sua obra *On the Move*, no que diz respeito às compreensões do estudioso acerca da modernidade, mas também, e principalmente, da mobilidade física e psicológica dos indivíduos contemporâneos. Para isso, concentro-me nas ideias veiculadas na narrativa por meio da personagem Dr. Tamkin e de sua visão otimista das possibilidades simbólicas assumidas pela água.

²² Tradução minha. No original: “Disintegration? Well, yes. Much is disintegrating but we are experiencing also an odd kind of refining process. And this has been going on for a long time.”

No quarto capítulo, endereço, especificamente, o enredo, a linguagem e o desfecho de *Seize the Day*, na intenção de tornar ainda mais clara e explícita a relação simbólica entre os líquidos e as ideologias abraçadas pelo autor. Assim, mostro como a construção da narrativa, o vocabulário e as estruturas gramaticais empregados e a conclusão escolhida para o dia de impasses enfrentado por Wilhelm introduzem elementos que remetem a algumas das ideias mais discutidas nesta tese, como a de afogamento, a de sufocamento e a de salvação.

Por último, nas minhas considerações finais, proponho-me a responder, lançando mão de toda a análise efetuada nos capítulos anteriores, o questionamento que norteia esta tese do início ao fim: como – e por que – o romance prenuncia teorias que viriam a ser desenvolvidas e consolidadas três a quatro décadas após a sua publicação? O que Saul Bellow compreendia nos anos 50 que Bauman e Cresswell só viriam a formular nos anos 80 e 90 e permaneceria atual até os dias de hoje?

1 POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA ÁGUA

No primeiro capítulo desta tese, proponho-me a apresentar e discutir a maior variedade possível de entendimentos e interpretações acerca dos significados simbólicos assumidos pela água nas diversas culturas e literaturas. Meu objetivo, com isso, é alicerçar a argumentação a ser desenvolvida nos capítulos seguintes, ao permitir que contem com o embasamento do trabalho exploratório aqui delineado. Neste ponto, vale lembrar que a temática da água e da liquidez perpassa toda a minha pesquisa e que é por isso que faz-se tão relevante dedicar-lhe estas páginas iniciais.

Isso posto, destaco que a noção de água que me interessa aqui não consiste nas mais comuns, encontradas em dicionários, uma vez que, para esta pesquisa, importa mais a sua qualidade de ser “essencial à arte”, do que a de ser “essencial à vida”, em um sentido literal. Por conseguinte, postulo que não analisarei apenas a água em si, em sua concepção física e literal, mas a maior quantidade possível de possibilidades figurativas que ela – e não apenas ela, mas todas as substâncias em estado líquido – pode assumir.

Antes de principiar o exame das origens da simbologia envolvendo a água, contudo, parece pertinente que eu discorra um pouco a respeito do porquê de ter optado por empregar sempre o termo “símbolo”, e não qualquer outro a ele relacionado, para me referir à aplicação figurativa de tal elemento ao longo deste trabalho. Para tanto, elegi abordar a introdução do *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015), que aponta com bastante clareza as principais diferenças entre emblema, atributo, alegoria, metáfora, analogia, sintoma, parábola, apólogo e *símbolo*.

Conforme descrevem os autores, haveria pelo menos oito palavras utilizadas para designar conceitos semelhantes ao de *símbolo*, mas a sutil diferença entre eles mostra-se relevante o suficiente para que seja necessário separá-los (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16). Desse modo, temos, inicialmente, o *emblema*, que corresponderia a “uma figura visível, adotada convencionalmente para representar uma ideia, um ser físico ou moral” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16). Uma bandeira, nesse caso, seria um bom exemplo. O *atributo*, em seu turno, consistiria em um acessório característico de um todo, empregado para designá-lo. É o caso da balança, que representa a Justiça. Haveria também a *alegoria*, uma situação ou um ser (humanoide ou animalesco), que mimetizaria uma outra situação ou uma virtude, como a vitória, comumente representada por uma mulher alada. Já a

metáfora desenvolveria “uma comparação entre dois seres e duas situações, como, por exemplo, qualificar de dilúvio verbal a eloquência de um orador” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16). A *analogia*, por sua vez, diria respeito à relação estabelecida entre aspectos semelhantes de seres ou noções essencialmente diferentes, tal qual a cólera de Deus *versus* a cólera do homem. O *sintoma*, muito utilizado na medicina, estaria associado a uma “modificação nas aparências ou funcionamento habituais, que pode revelar uma certa perturbação e um conflito” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16). A *parábola* seria um relato com um sentido próprio associado a uma lição de moral, como a parábola do semeador. E, finalmente, teríamos o *apólogo*, que se apresentaria como uma fábula didática com a função de transmitir algum ensinamento.

Conforme já sinalizei, contudo, se sobressai, entre tantos termos, o *símbolo*, que é o que emprego neste trabalho. A principal diferença entre ele e os outros reside no fato de estes poderem ser classificados como *signos*, ao contrário daquele:

O símbolo diferencia-se essencialmente do signo por ser, este último, uma convenção arbitrária que deixa alheios um ao outro o significante e o significado (objeto ou sujeito), ao passo que o símbolo pressupõe *homogeneidade do significante e do significado no sentido de um dinamismo organizador* [...]. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16)

Isso significa que o símbolo ressoa a sua figuração de forma mais espontânea, não preconcebida, e, por isso, carrega uma relação mais íntima e profunda com o objeto ou ser a que alude: “O símbolo [...] transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. [...] Não apenas representa, [...] realiza e anula ao mesmo tempo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16). Lexicon (1990, p. 7) completa, afirmando que as unidades linguísticas estão apenas “subordinadas aos respectivos objetos referidos”, enquanto o símbolo “une significante e significado de maneira indissolúvel.” Ele acrescenta, ainda, que, no mundo mítico-mágico, essa relação chegava a ser tão estreita que podia ser confundida com uma identidade. Como exemplo, cita o Sol, que, de tanto se associar à luz divina, passou a ser compreendido como um deus ele próprio; ou a cor vermelha, que se transformou em algo muito maior que um símbolo da vida: transformou-se na força vital em si. Finalmente, conclui:

Outra característica do símbolo como portador de significado é a sua riqueza de interpretações, frequentemente tão ampla que

mesmo significados opostos podem combinar-se em um único símbolo. Se por um lado é possível reduzir ou atenuar a multiplicidade de sentidos dos signos linguísticos falados e escritos acrescentando outros signos e observando as regras gramaticais, por outro, só é possível traduzir a riqueza de interpretações do símbolo de maneira incompleta ou vaga, por meio de descrições contextuais: o conteúdo da imagem simbólica permanece, afinal, intraduzível, circunscrito à visão interior. (LEXICON, 1990, p. 7)

Becker (2003, p. 7) corrobora os entendimentos dos três autores previamente citados, salientando que o que diferencia o símbolo das várias outras noções a ele assemelhadas é que pode – e deve – abarcar uma mensagem completa em si mesma. Como consequência disso, o número de símbolos e de signos dotados de valor simbólico é praticamente ilimitado, sendo que qualquer situação em que eles estejam presentes terá carácter pessoal e será ditada por preferências conscientes e inconscientes de quem a formalize. Desse modo, o autor também destaca que se deve levar em consideração o tempo e o espaço ao se analisar um símbolo, já que “eles emigram e seus significados mudam, o que constitui precisamente um dos campos de estudo mais interessantes das modernas ciências interdisciplinares” (BECKER, 2003, p. 8).

Com esse reforço teórico, posso conduzir a ideia de que a água e os líquidos, no romance *Seize the Day*, não contam com um significado simbólico que já presente e a arraigado na mente do leitor. Isso significa que, ao nos depararmos com a presença desses elementos no texto, não será necessariamente intuitivo que percebamos a sua importância para uma compreensão mais aprofundada das possibilidades semânticas que eles assumem. Pode ser preciso, inclusive, que façamos uma segunda leitura para que a suspeita nasça em meio às palavras que compõem a narrativa. Assim, ao contrário do que ocorre com uma analogia ou uma alegoria, por exemplo, o significado que buscamos precisa ser primeiramente detectado e posteriormente apreendido com base nos demais entendimentos veiculados pela obra e em nossas experiências prévias e pessoais. E digo “experiências prévias e pessoais” porque o fato de o símbolo estar essencialmente fundamentado em uma concepção ampla e personalista não significa que a água não abarque, em suas manifestações simbólicas, interpretações já observadas em outras ocasiões. Quero dizer, com isso, que, em que pese tudo o que foi dito acerca do símbolo, é importante não cair no erro de negligenciar, senão todos, pelo menos

alguns dos significados que já foram, ao longo da história do mundo e da literatura, figurativamente atribuídos à água.

Segundo Raissa Cavalcanti (1997, p. 12), Tales de Mileto, na Grécia Antiga, já dizia que “a água é a origem de todas as coisas e para onde tudo retorna, fonte do movimento e da vida no universo.” E acrescenta: “Para este filósofo, a água é um elemento divino e Deus é aquela inteligência que tudo faz da água.” À origem a que se refere o filósofo, dava-se o nome de *arché* e, conforme Miguel Spinelli (2006, p. 24): “por *arché* se dava como concebido um termo pelo qual se designava um elemento observável, inerente e comum a determinadas coisas [...], e que por si só seria capaz de explicá-las” (SPINELLI, 2006, p. 24). E como “a água ou a umidade era o elemento comum inerente às coisas vivas, delas tal elemento seria a explicação” (SPINELLI, 2006, p. 24). Os alquimistas, por sua vez, a viam como a “Prima Matéria”, o elemento que dá origem a todos os outros e sem o qual seria impossível transformar qualquer ser ou objeto (CAVALCANTI, 1997, p. 15). E a autora vai além:

No Gênesis, o Sopro ou Espírito de Deus pairava sobre as águas. [...] Na mitologia hindu, o Deus Narayana flutuava sobre as águas primordiais, e de seu umbigo brotava a árvore cósmica. Na mitologia egípcia, Kneph, o Deus Eterno, não-revelado, era representado por uma serpente, símbolo da Eternidade, enroscada em torno de um vaso com água, a cabeça suspensa sobre a água que ela fecundava com um sopro. [...] Para os hindus, a água é Prakriti; para os chineses, ela é Wu-Ki; para os taoístas, a água representa o prana, o sopro vital. (CAVALCANTI, 1997, p. 15)

Finalmente, Cavalcanti (1997, p. 17), conclui: “Considero que os mitos da água [...] constituem no seu conjunto uma discussão sobre as questões espirituais e, portanto, essenciais do ser: sua origem, desenvolvimento e finalidade última.” Tal consideração, como veremos mais à frente, está intimamente relacionada à relação simbólica que a água estabelece com o romance *Seize the Day*.

Herder Lexikon (1990, p. 13), corroborando os entendimentos de Cavalcanti (1997), salienta que a água é um símbolo de complexo horizonte de significados. De acordo com o autor, em diversas religiões, desde o islamismo, o hinduísmo e o budismo até o cristianismo, ela remete à força de regenerescência e purificação física, psíquica e espiritual (LEXIKON, 1990, p. 13). Ademais, a psicanálise identifica no elemento uma representação do feminino e das forças do inconsciente, ao passo que a astrologia o associa a alguns signos no zodíaco, tais como Câncer,

Escorpião e Peixes (LEXIKON, 1990, p. 14). Lexicon (1990, p. 13), porém, também admite que “a água também pode ter, como poder destruidor, um caráter simbólico negativo; por exemplo, como dilúvio.” Infelizmente, o autor não vai muito além em sua descrição das possibilidades simbólicas negativas às quais alude, apesar de trazer à baila essa importante informação, a qual se mostrará igualmente imprescindível ao desenvolvimento desta pesquisa.

1.1 Os dois lados da água

Como começamos a verificar no final da seção anterior, muitos autores veem na representação simbólica da água tanto aspectos positivos, tratando-a como fonte de vida e regenerescência, como negativos, nela vislumbrando desde mistério até morte. É o caso de Cirlot (2005, p. 62), que assevera que “A imersão nas águas significa o retorno ao pré-formal, com seu duplo sentido de morte e dissolução, mas também de renascimento e nova circulação, pois a imersão multiplica o potencial da vida.” A seguir, examinarei separadamente ambos os “lados” assumidos figurativamente pela água, para, nos capítulos subsequentes, analisar cada um em relação a um dos dois personagens principais de *Seize the Day*.

1.1.1 O lado positivo

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), as acepções simbólicas da água resumem-se a três temas principais: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência. Quanto ao primeiro, os autores destacam:

Origem e veículo de toda vida: a seiva é água e, em certas alegorias tântricas, a água representa *prana*, o sopro vital. No plano *corporal*, e por ser também um dom do céu, ela é um símbolo universal de fertilidade e fecundidade. *A água do céu faz o arrozal*, dizem os montanheseiros do sul do Vietnã, sensíveis, também, cumpre dizê-lo, à função regeneradora da água, que consideram medicamento e poção de imortalidade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16)

Vê-se que, de acordo com esse entendimento, a água constitui não apenas fonte de vida, mas também “poção de imortalidade”, ou seja, algo que chega a prevenir a morte, dando acesso à eternidade. Já pudemos verificar no início deste capítulo que, de fato, ela é apresentada em várias culturas, contemporâneas e ancestrais, como a razão para a vida existir e se manter. Ademais, pode igualmente atuar como purificadora, como algo que transforma o mau no bom:

Da mesma forma, a água é o instrumento da purificação ritual. Do Islã ao Japão, passando pelos ritos dos antigos *fu-chuel* taoístas (*senhores da água benta*), sem esquecer a aspersão dos cristãos, a ablução tem papel essencial. Na Índia e no Sudoeste Asiático, a ablução das estátuas santas – e dos fiéis – [...] é, ao mesmo tempo, purificação e regeneração. [...] É a medida, pois que o vinho forte demais deve ser misturado com água, mesmo em se tratando do vinho do conhecimento. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 16)

Sobre a ablução, vale comentar que consiste em prática comum em várias religiões – especialmente o islamismo –, na qual partes do corpo, ou o corpo inteiro, são lavadas com água, folhas, areia ou sangue, sendo a primeira a mais usada. O objetivo desse ritual é proporcionar purificação espiritual e/ou religiosa: “Por sua virtude, a água apaga todas as infrações e toda mácula” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 18). O mesmo aplica-se aos batismos: “A água do batismo, e só ela, lava os pecados, e só é conferida uma vez porque faz aceder a um outro estado: o do homem novo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 18).

No Judaísmo, e este ponto é especialmente importante para a minha tese, pelo fato de o protagonista de *Seize the Day* e sua família serem judeus, a água é tida como elemento de manutenção ou restauração de um estado de pureza, por meio de banhos rituais, conforme citam Lourenço e Bernardino (2013, p. 412). Lavar as mãos antes das refeições, portanto, tem, para esse povo, uma importância que vai além da higiene. Ademais, eles também cultuam rituais de imersão conhecidos como *mikvá*s, realizados em ocasiões específicas, como após a menstruação e o nascimento de um filho, para as mulheres, e antes do *Yom Kippur*, para os homens. Tamanha é a relevância dos banhos na cultura judaica que a própria legislação estabelece que, quando da construção de uma nova vila ou comunidade, o primeiro local a ser erguido deve ser aquele destinado aos *mikvá*s (LOURENÇO; BERNARDINO, 2013, p. 412). E, por constituir um bem tão intimamente ligado ao divino, acrescenta Furriela (2009, p. 22), o seu uso não consciente é fortemente condenado: “A religião proíbe o desperdício e a destruição da obra divina.” Portanto, cabe a cada indivíduo assumir essa missão, que independe da ajuda ou do engajamento acerca de questões ambientais de outros povos.

Seguindo a mesma linha dos temas anteriores, o terceiro apontado por Chevalier e Gheerbrant (2015), o da regenerescência, também está relacionado à ideia de algo positivo que é trazido a uma pessoa ou uma situação. Afinal, trata-se da

renovação, da regeneração, ou mesmo da salvação, de algo que foi destruído ou de alguma forma danificado. Segundo os autores, pelo fato de a água poder ser considerada tanto como vida quanto como morte (conforme examinaremos cuidadosamente mais à frente), a imersão em seu conteúdo é regeneradora na medida em que promove uma espécie de renascimento: “A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 18). Nesse sentido, é igualmente usual que ela seja utilizada como sinônimo de cura em razão de suas virtudes específicas, algumas das quais já tive a oportunidade de enumerar em parágrafos anteriores. A crença em torno desse elemento é tão contundente em alguns lugares e em meio a algumas sociedades que a própria Igreja Católica já chegou a combater o culto a ele prestado, uma vez que os “desvios pagãos e a volta das superstições constituíam, sempre, uma ameaça” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 19). E o poder curativo da água não se restringe apenas aos homens e a situações específicas, como salientam Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 19): “Se as águas precedem a criação, é evidente que elas continuam presentes para a recriação. Ao homem novo corresponde a aparição de um outro mundo.”

Herder Lexikon (1990, p. 14) identifica, em seu *Dicionário de Símbolos*, os mesmos três temas apontados por Chevalier e Gheerbrant (2015), acrescidos dos da juventude, da feminilidade e da fecundidade, apesar de não se aprofundar na discussão dos últimos. Entende-se, porém, que o primeiro deles poderia estar ligado às ideias de regenerescência e vida já apontadas, uma vez que é comum se associar a juventude a uma existência recente, seja por consistir em vida nova ou em vida refeita, de onde podemos tirar a noção de rejuvenescimento. Ademais, pode-se também dizer que a juventude costuma ser entendida como uma fase de maior pureza e inocência, ao compreender os anos em que um indivíduo pouco conhece ou pouco entende sobre o mundo. Quanto à feminilidade e a fecundidade, parece pertinente alocá-las dentro de um mesmo campo semântico que pressupõe, uma vez mais, o meio necessário para que a vida seja formada. A água é frequentemente conectada à fecundidade pela religião, que afirma que “Os rios são agentes de fertilização de origem divina, as chuvas e orvalho trazem consigo a fecundidade e manifestam a benevolência divina” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 17). Cirlot (2005, p. 64) acrescenta: “A expressão mítica ‘surgido das’ ou ‘salvo das águas’ simboliza a fecundidade e é uma imagem metafórica do parto.” E completa, estabelecendo a relação entre fecundidade e feminilidade: “Das águas e do inconsciente universal

surge tudo o que é vivente, como da mãe” (CIRLOT, 2005, p. 62/63). A mãe é a mulher, a responsável por dar à luz, e se é ao mesmo tempo dela e da água que surge uma nova vida, podemos concluir que ser mulher é, de certo modo, carregar os mesmos dons da água.

Com a discussão dos parágrafos anteriores, pudemos explorar alguns dos principais significados simbólicos atribuídos à água, tais como o da vida, da regenerescência, da pureza, da juventude, da fertilidade e da feminilidade. Todos eles têm em comum o fato de elevarem os líquidos ao patamar de elementos quase que divinos, sem os quais a existência humana, física e espiritual seria praticamente inconcebível. Partiremos, agora, ao exame de alguns sentidos menos otimistas, pois, como já vimos, sua figuração compreende ambos os lados de uma mesma moeda.

1.1.2 O lado negativo

A água possui uma gama tão vasta e complexa de possibilidades simbólicas que ao mesmo tempo que pode remeter à vida, pode também representar a morte. Nas palavras de Cirlot (2005, p. 64): “[...] a água é o elemento que melhor aparece como transitório, entre o fogo e o ar de uma parte – etéreos – e a solidez da terra. Por analogia, mediadora entre a vida e a morte, na dupla corrente positiva e negativa, de criação e destruição.” Mas por que morte e destruição?

Lexikon (1990), menciona o dilúvio para construir uma ponte entre a água e a morte. Michael Ferber (2007, p. 180) corrobora, afirmando: “O Dilúvio bíblico destrói toda a vida que não estava na arca, e também há o ‘Mar Morto’, na Palestina. A salvação por Cristo é frequentemente imaginada como o resgate de um afogamento [...]”²³ Percebe-se que, uma vez mais, a religião determina como o símbolo pode – ou, por vezes, deve – ser interpretado. Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 18) seguem a mesma linha:

As *grandes águas* anunciam, na Bíblia, as provações. O desencadeamento das águas é o símbolo das grandes calamidades. [...] A água pode destruir e engolir, as borrascas destroem as vinhas em flor. Assim, a água também comporta um poder maléfico. Nesse caso, ela pune os pecadores, mas não atinge os justos: estes nada têm a temer das *grandes águas*. As *águas da morte* concernem apenas os pecadores e se transformam em *águas de vida* para os justos.

²³ Tradução minha. No original: “The biblical Flood destroys all life not in the ark, and there is the “Dead Sea” in Palestine. Salvation through Christ is often imagined as rescue from drowning [...]”

A água é o meio pelo qual Deus pode tanto infligir severos castigos, como no caso da história de Noé, quanto salvar e/ou purificar, a depender apenas da natureza – boa ou má – do indivíduo. E há, ainda, a divisão entre as “águas do alto” e as “águas do baixo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 18), correspondendo as primeiras à água doce e calma dos rios, lagos e lagoas, que consistiria em fonte de paz e ordem, e as últimas à água salgada e agitada do mar, que traria amargura e morte. Ferber (2007, p. 180) salienta os fatos concretos de a água do mar não ser ingerível – não representando, portanto, um meio para a existência humana – e de já ter tirado muitas vidas pelo afogamento. A água doce, em contrapartida, apesar de também já ter provocado mortes, pode ser igualmente identificada como meio de sobrevivência, uma vez que garante a quem a bebe o atendimento a uma das mais importantes necessidades básicas de qualquer ser vivo. Ademais, muitas vezes, ao ouvir o som de um rio correndo, sentimos uma sensação de tranquilidade, talvez por haver um certo grau de consciência acerca do destino daquelas águas; quando ouvimos o som do mar, em contrapartida, podemos nos sentir mais agitados, pois as ondas tendem a levar tudo aquilo que transportam a lugares totalmente imprevisíveis.

Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 22), por fim, chamam atenção para o fato de que mesmo a água mais calma e límpida pode causar o mal em situações específicas: “Uma sindicância conduzida por Jules Gritti, em 1976, [...] revelou a persistência simbólica da água entre os habitantes de cidades e aldeias. A água *poluída* infunde horror, [...] imundície, doença, morte: *a poluição é o câncer da água.*” Percebemos, com isso, que a simbologia aqui tratada pode fugir aos limites do que carrega como inato. O ser humano, no caso mencionado, atua alterando alguns dos sentidos positivos atribuídos ao elemento ao interferir na sua *pureza*. Assim, o líquido, que era para ser fonte de vida, torna-se fonte de morte por culpa dos principais afetados pela mudança. Vemos, assim, que um termo figurativo de possibilidades interpretativas tão amplas não pode se restringir aos entendimentos religiosos ou aos entendimentos do passado, já que o presente continua a construir e modificar nossas percepções de mundo.

Terminada esta seção, passarei, a seguir, ao apontamento e breve análise de uma obra da literatura ocidental cuja narrativa foi favorecida pelo aporte simbólico da água. O objetivo é abrir caminho para um exame bem mais aprofundado, a ser iniciado no capítulo 1, acerca do romance *Seize the Day*, de Saul Bellow.

1.2 Uma comparação literária

A água é um tema recorrente na literatura e, conforme já discuti, pode assumir diversos papéis simbólicos. No romance examinado nesta tese, por exemplo, a ela é conferida uma importância que chega a se equivaler à do protagonista, uma vez que, sem a sua presença, dificilmente seria possível tecer a ideia central do texto como foi feito, com maestria, por Saul Bellow.

Há também outras narrativas em que os líquidos ocupam uma posição de destaque e, para mostrar a importância que o símbolo pode ter para a compreensão de uma obra literária, farei, a seguir, um breve comparativo entre *Seize the Day* e o conto “Marinha”, de Samuel Rawet.

Saul Bellow e Samuel Rawet são escritores que têm dois importantes pontos em comum, o que justifica um exercício de comparação: ambos têm origem judaica e provêm de uma família de imigrantes. Rawet, nascido em 1929 na Polônia, vem para o Brasil aos sete anos de idade, enquanto Bellow, como vimos, nasce no Canadá, dois anos após a migração de seus pais russos. Como muitos outros autores diaspóricos, Bellow e Rawet inserem em suas obras traços tanto dos países e culturas que deixaram para trás quanto daqueles que os receberam. Nesse sentido, são recorrentes em suas obras os personagens que se encontram em meio à constante sensação de deslocamento, seja por serem moventes, como seus autores, ou simplesmente por não conseguirem se definir em meio ao mundo moderno.

Como mencionado, para os propósitos desta tese, optei por discorrer sobre o conto de Rawet intitulado “Marinha”, em que a temática da água está presente de forma mais abundante. Nele, temos um único personagem, um vendedor em uma loja de eletrodomésticos, que passa todo o conto deitado na areia da praia, sendo seu corpo molhado pelas ondas do mar, que vão e vêm. Ele sente-se fatigado, provavelmente pela rotina em que se vê diariamente imerso e, como Wilhelm, pela constante falta de dinheiro. Tão refém do capitalismo quanto o outro, ele tem de lidar, todos os dias, com uma “concorrência forte” e uma “comissão pequena”. Enquanto a água inunda seu corpo e, em seguida, se retrai, os pensamentos circulam em sua cabeça obedecendo a um movimento também pendular.

Nas obras literárias em estudo, ao contrário do que possa parecer em uma primeira leitura, podemos evidenciar tanto a perspectiva de Bauman, conforme já apontado em relação a Tommy Wilhelm, quanto a de Cresswell, que toma forma no

personagem Tamkin, em *Seize the Day*, e perpassa todas as sucintas linhas de “Marinha”.

No conto de Samuel Rawet, o protagonista, deitado na areia da praia, em um ponto em que o mar atinge seu corpo inteiro e depois retrai-se, repetidamente, apresenta-se como um indivíduo cansado de sua vida pessoal, profissional e financeira. Termos como “cansaço”, “exaustão” e “se entregar” aparecem diversas vezes na narrativa. Tomando Bauman como aporte teórico, podemos, nesse ínterim, compreender a areia como reflexo da sua vida atual, real, concreta, sólida, monótona como se lhe apresenta, sempre com “o mesmo rosto” a esperá-lo à janela de casa e “a mesma camisa” que usa dia após dia para trabalhar na “mesma loja” (RAWET, 2004, p. 369-370). Nas palavras do narrador, o personagem está “sem horizontes interiores” (RAWET, 2004, p. 370). A água, em contrapartida, representaria o movimento e conseqüentemente a mudança. O homem é “puro cansaço até que a onda desfeita lhe atinja as pernas” (RAWET, 2004, p. 369). Quando isso ocorre, é como se, nele, se operasse uma transformação: “O corpo-músculo-nervo se alteia quando o rosto se molha, e o impulso se iguala ao da água que avança” (RAWET, 2004, p. 369). Nesse momento, quando a água atinge seu corpo e, em especial, seu rosto, o vendedor acorda do transe provocado pelo cansaço e é tomado por um impulso que o faz reagir. É “um impulso que é fome, que é criação de fome, alimento de fome a gerar fome” (RAWET, 2004, p. 369). E de que é essa fome? De mudança. De sair do estado sólido em que se encontra para cair em um líquido que o conduza a um novo sólido, melhor que o anterior, assim como Bauman prega em sua teoria sobre a modernidade líquida. Só a água pode operar esse milagre, pois ela é a única capaz de moldar a areia: “Grãos em uma superfície polida pela água” (RAWET, 2004, p. 369). Na citação, “polido” veicula a ideia de “moldado”, “aperfeiçoado” e até mesmo de “corrigido”. Assim, os grãos, que são sólidos e nunca o deixam de ser, são reestruturados de forma a recompor a existência do personagem, e o meio pelo qual isso é possível é o da água. Com isso, temos a “correção” dos erros na vida do homem, abrindo-se a ele o caminho que faltava para a resolução do impasse sofrido.

Em *Seize the Day*, visão semelhante oferece-nos Dr. Tamkin, o suposto psiquiatra que entra na vida de Tommy Wilhelm para fazer com que o protagonista mude radicalmente a sua forma de encarar o mundo, especialmente o mundo moderno em que está “afogado”. Em entrevista concedida a Matthew C. Roudané (1984, p. 280), Bellow descreve seu personagem da seguinte forma: “O Dr. Tamkin é um

tapeador que confere a seus golpes um gás psicológico hilariante.”²⁴ Com isso, ele quer dizer que Tamkin, ao mesmo tempo em que cumpre um importante papel na narrativa, o qual pode até mesmo ser definido como terapêutico, o faz enganando e, de modo subjacente, zombando daqueles que se propõe a ajudar. Bellow explica:

Ele fazia o bem às pessoas, as pegava pela mão e as curava. Era uma tia Sally maltrapilha. Ele ajustava as pessoas, mas não as civilizava. Se elas não se dessem conta do que estava à sua frente, estavam acabadas. Eu acredito que esse tenha sido o primeiro livro que realmente descreveu a confusão mental dos americanos, indivíduos com uma premente necessidade de “orientação”.²⁵ (BELLOW; ROUDANÉ, 1984, p. 280-281).

Tamkin de fato fazia o bem, curava e “ajustava” as pessoas, mas não da forma convencional, e muito menos da maneira que faria um terapeuta de verdade. Seu procedimento-base consistia em transmitir sua teoria de aproveitar o presente e depois deixar a pessoa em uma situação de extremo desconforto, e até de desespero, para que ela se sentisse compelida a seguir os seus conselhos. Por isso é que Bellow destaca que o indivíduo ajudado por Tamkin é praticamente obrigado a enxergar o que está “à sua frente”.

Agora, voltando a Wilhelm, temos que ele, assim como o vendedor de “Marinha”, sente-se aprisionado pela realidade que o cerca, a realidade de sua vida. Apesar de não ser explicitamente escravo de um trabalho, como o outro personagem, ele é escravo do capital e, conseqüentemente, da falta que este lhe faz. Nesse momento, Tamkin surge com sua estratégia, e promete fazê-lo obter o dinheiro de que tanto necessita por meio de um investimento no mercado financeiro. Tommy sabe dos riscos que corre, mas a vontade imperativa de lucrar o mais rápido possível o vulnerabiliza e leva a figura do senhor a – na maioria das vezes – lhe transmitir segurança. O real valor do psiquiatra para a narrativa, contudo, não reside na sua capacidade de resolver de imediato os problemas do protagonista, mas sim de lhe indicar os instrumentos necessários para que aprenda a nadar e, com isso, não se afogue. Tamkin possui, no romance, propósito similar ao da água em “Marinha”:

²⁴ Tradução minha. No original: “Dr. Tamkin was a con man who gave his dupes psychological laughing gas.”

²⁵ Tradução minha. No original: He was going to do people good, he was going to take them in hand and cure them. He was a shabby Aunt Sally. He was going to adjust them, not civilize them. If they didn't light out for the territory ahead, they were done for. I suppose that this was the first book that really described the mental confusions of the Americans, people in dire need of "orientation."

chocar e criar um impulso de mudança. Tanto é assim que, ao final da história, concluímos que o doutor poderia não passar de um charlatão; isso, entretanto, é irrelevante para o desfecho, pois como já salientamos, o importante não era que Wilhelm tivesse a vida resolvida por terceiros, mas sim que aprendesse como resolvê-la por si próprio. No fim das contas, esta é a mensagem que fica: “A natureza sabe de apenas uma coisa, que é o presente. Presente, presente, eterno presente, como uma grande, uma gigantesca onda – colossal, brilhante e linda, cheia de vida e de morte, escalando até o céu no meio do mar” (BELLOW, 2003, p. 85). Uma vez mais, temos a metáfora da onda, do mar, da água, e, por conseguinte, a ideia da mudança.

Porém, assim como constatei ocorrer em *Seize the Day*, “Marinha” não evidencia apenas o lado positivo da liquidez; o conto também veicula, em seu íntimo, a ideia do afogamento. A água também é, neste caso, impulso de vida e de morte. Para demonstrar isso, basta lembrar que todas as vezes que a onda inunda o corpo do homem, este ergue a cabeça, em um movimento que analisei como sendo representativo de um impulso de mudança. A mesma água que provoca essa mudança, contudo, é a água que afoga, caso nada seja feito, caso nenhuma atitude seja tomada. Paralelamente, Wilhelm sente-se sufocado por igualmente receber um impulso e não conseguir acompanhá-lo.

Finalmente, em seus desfechos, os textos mantêm a sintonia que vimos terem estabelecido desde o início. Em ambos, um desenlace ambíguo nos deixa em dúvida sobre os próximos passos dos protagonistas, mas, uma vez mais, em ambos, o tom que permeia a narrativa leva-nos a adotar uma perspectiva mais otimista para o futuro. Em *Marinha*, o homem “Ergue-se aos poucos, quadrúpede. A mão deixa escapar um jato de grãos” (RAWET, 2004, p. 370). Considerando-se que entendi, neste estudo, que os sólidos, e portanto a areia, estariam associados à ideia da fixidez e da rotina, esse “deixar escapar” da areia na última frase do conto sugere que o personagem está abrindo mão da solidez da sua vida e se dispendo a abraçar uma possível mudança, por maior que seja a insegurança que isso lhe traga. Em *Seize the Day*, após o repentino desaparecimento de Tamkin, Wilhelm, desorientado, entra no velório de um desconhecido e passa por uma espécie de epifania. Ele começa a chorar, inicialmente de forma comedida e discreta, mas logo entrega-se ao pranto intenso e aos soluços no parágrafo de conclusão do romance:

As flores e luzes se fundiram em êxtase nos olhos cegos e molhados de Wilhelm; a pesada música que lembrava o mar invadia seus ouvidos. Ela despencava em cima dele no lugar onde havia se escondido, no meio de uma multidão, através do gigantesco e alegre esquecimento das lágrimas. Ele a ouvia e afundava para além da tristeza, com o choro e os soluços rasgados que seguiam na direção da consumação da necessidade mais profunda do seu coração.²⁶ (BELLOW, 2003, p. 114)

A entrega desmedida de Wilhem indica que ele, assim como o homem de “Marinha”, optou por ceder à água, aqui materializada na forma das lágrimas em seus olhos e da música que embala as suas emoções. Tal cessão, contudo, não parece remeter a uma simples rendição ao afogamento, mas sim a uma quebra na resistência do personagem em aprender a nadar, ou seja, de recorrer à mudança para solucionar os impasses que o perturbam desde o início. Nesse sentido, vale lembrar que seu choro, como afirma Bellow, é “gigantesco e alegre”, ou seja, remete mais a um sentimento de alívio do que de desespero. Conclui-se, por conseguinte, que ambos os homens tomam, ao final, a decisão de não sucumbir à “solidez” da água.

Digo “solidez” porque, como verificamos, uma forte dubiedade marca não apenas a simbologia envolvendo a ideia da água – ora representando a vida, ora a morte – e os entendimentos de Bauman – mais fatalista – e Cresswell – mais otimista – acerca da modernidade e mobilidade humanas, como também a própria existência dos autores selecionados para compor este estudo. Saul Bellow e Samuel Rawet, na condição de estrangeiros habitando um país hospedeiro cuja cultura difere, às vezes imensamente, daquela passada por incontáveis gerações de suas famílias de origem judaica, muito provavelmente sentiram-se “afogados” pela incompreensão, a indefinição, o deslocamento e a falta de identidade que suas condições impuseram-lhes durante toda a vida.

A seguir, examinarei em mais detalhes em que pontos e de que maneiras os pensamentos conferidos a Wilhelm por Bellow e a teoria formulada por Bauman acerca daquilo que o sociólogo chamou de “modernidade líquida” conectam-se para formar uma base de compreensão comum da sociedade e seus problemas.

²⁶ Tradução minha. No original: “The flowers and lights fused ecstatically in Wilhelm’s blind, wet eyes, the heavy sea-like music came up to his ears. It poured into him where he had hidden himself in the center of a crowd by the great and heavy oblivion of tears. He heard it and sank deeper than sorrow, through torn sobs and cries toward the consummation of his heart’s ultimate need.”

2 TOMMY WILHELM E ZYGMUNT BAUMAN

Neste capítulo, discuto a relação entre Tommy Wilhelm, protagonista de *Seize the Day*, e Zygmunt Bauman, concentrando-me nos entendimentos deste acerca da “modernidade líquida”. Para tal, divido meu texto em três seções, cada uma destinada a tratar de um aspecto da teoria de Bauman que esteja relacionado à realidade vivida pelo personagem de Saul Bellow; são elas: individualidade, trabalho e comunidade. Meu objetivo é mostrar como as perspectivas de Bauman e Wilhelm cruzam-se em diversos momentos, sendo a água e os líquidos o principal ponto de convergência entre elas.

Recordo apenas, antes de adentrar o primeiro tópico, do que diz Bauman (2001, p. 15) acerca da modernidade líquida:

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “autoevidentes”; eles são muitos, chocando-se se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder à política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar *dela*), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível macro para o nível micro do convívio social.

Com isso, o autor assevera que um processo – o da liquefação – considerado normal e mesmo desejável para as esferas da política, da economia e da sociedade como um todo, invadiu, na atualidade, os campos da política e da economia individuais. É de suma relevância destacar, portanto, que, no que toca aos entendimentos de Bauman, o termo “modernidade líquida” pode ser empregado como sinônimo de “contemporaneidade”, tendo em vista que, apesar de o fenômeno a que remete ter se iniciado décadas atrás, ele continua sendo válido para analisarmos os comportamentos e as dinâmicas dos indivíduos nos dias de hoje. Tendo isso em mente, pontuo, a seguir, os efeitos desse estado de coisas.

2.1 Individualidade

Tenho, ao longo desta tese, me referido ao protagonista de *Seize the Day*, Tommy Wilhelm, como “herói”. Entretanto, considero de extrema importância contrastar, no início desta seção, os termos *herói* e *anti-herói*, pois apesar do meu

uso, Wilhelm pode, dependendo da perspectiva, tender mais para a variante antitética do vocábulo. De acordo com David Simmons (2008, p. 10), nos Estados Unidos, a figura do anti-herói começa a ganhar força na literatura por volta da década de 1960, que é justamente de quando data o romance de Bellow aqui em estudo. Em decorrência dos efeitos devastadores da guerra e do estado geral de desilusão que toma conta da população norte-americana, os leitores passam não só a preferir como tornam-se ávidos por histórias protagonizadas por homens e mulheres rebeldes e subversivos. “Em muitos casos, o desejo de reavaliar aspectos da sociedade explica o uso do anti-heróico. Os escritores empregam a sua figura como forma de analisar a ideologia anglo-saxã branca e protestante, comumente com técnicas como a sátira e a paródia”²⁷, complementa Simmons (2008, p. X).

Existem diversos tipos de anti-heróis, porque eles, ao contrário dos heróis, não seguem um padrão preestabelecido. No geral, contudo, podemos afirmar que, enquanto os heróis tradicionais são belos, corajosos, bondosos, altruístas e, acima de tudo, éticos, os anti-heróis representam o exato oposto de uma ou de todas essas características. Isso quer dizer que um anti-herói pode até agir com bondade ou fazer o bem, mas, geralmente, ele tem um motivo privado para fazer isso, ou seja, ele age de acordo com os próprios interesses, quer esses interesses sigam ao encontro da ou de encontro à ética. Desse modo, o moralismo, nos romances pós-segunda guerra, ganha uma conotação inteiramente nova, passando de “fazer o que é certo para uma coletividade” para “fazer o que é certo para um único indivíduo”. E isso está fortemente conectado, como veremos no decorrer desta seção, à ideia que o indivíduo faz de si mesmo na modernidade líquida de Bauman.

Simmons (2008) salienta que muito da mudança sofrida no padrão dos protagonistas literários existente antes da guerra deve-se ao fato de as pessoas terem percebido que o ideal de herói imposto ao longo dos tempo, e especialmente durante o advento dos governos fascistas de Hitler, Mussolini e outros, estava completamente equivocado. O líder do partido nazista era forte, corajoso, determinado e mostrava-se preocupado com o cidadão alemão, ou seja, supostamente, era um perfeito herói. A história mostrou, contudo, que seguir um “perfeito herói” pode dar muito errado:

²⁷ Tradução minha. No original: “In many cases, the desire to reevaluate aspects of society explains the use of the anti-heroic. Writers apply them in order to analyze the white protestant Anglo-Saxon ideology, usually associated with techniques such as the satire and the parody.”

A ideia de que um homem poderia, ou deveria, atingir o nível da exaltação heroica previamente encorajada pelo individualismo do capitalismo começou a levantar suspeitas e dissidências entre aqueles que testemunharam as manifestações extremistas dessa ideologia. Assim sendo, pode-se sugerir que os eventos da Segunda Guerra Mundial, e a equivocada lealdade dos apoiadores do fascismo, para sempre abalaram a prática de se seguir uma liderança de boa fé, efetivamente enterrando a figura do herói.²⁸ (SIMMONS, 2008, p. 11)

Portanto, o anti-herói se apresenta, acima de tudo, como alguém em quem declaradamente não se pode confiar. Por essa razão é que foi junto com esse conceito que surgiu o de “narrador não confiável”, cunhado por Wayne C. Booth em 1961. Conforme elucida Simmons²⁹ (p. 202), “Narradores podem ser não confiáveis por vários motivos: eles podem não ter autoconhecimento, [...] ou eles podem ser inocentes e inexperientes.” Além disso, eles podem ser intencionalmente tendenciosos, induzindo o leitor a adotar um ponto de vista específico, geralmente o dele próprio, seja por insegurança ou por algum tipo de culpa. Em *Seize the Day*, Tommy Wilhelm, personagem que, apesar de não coincidir explicitamente com a figura do narrador, possui voz ativa no desenrolar da narrativa, é, como um bom anti-herói, altamente não confiável.

Podemos evidenciar esse fato, primeiramente, por seu hábito frequente de vitimizar-se perante o leitor. Ele lança mão de diversos recursos para mostrar como o mundo e todos ao seu redor são injustos. É o caso do sistema capitalista, como voltaremos a abordar mais à frente neste trabalho, e de sua ex-esposa, Margaret, que está sempre a cobrar-lhe dinheiro. Em alguns momentos, até mesmo Tamkin, que em muito o ajuda, parece querer tirar proveito das situações que o envolvem. De todos que Tommy aponta como cruéis, porém, nenhum é mais mencionado que seu pai, Dr. Adler. Este, além de sempre recusar com veemência o empréstimo de qualquer quantia em dinheiro ao filho, passa a impressão de nunca estar satisfeito com as suas escolhas e condutas. “Seu pai tinha vergonha dele”³⁰ (BELLOW, 2003, p. 10), nos diz o narrador que, como já vimos, apesar de ser em terceira pessoa, em diversos

²⁸ Tradução minha. No original: The idea that a man could, or should, reach the level of heroic exaltation previously encouraged by capitalism’s individualism began to raise suspicion and dissidence amongst those who have testified the extreme manifestations of such ideology. Therefore, one might suggest that the events of the Second World War, and the mistaken loyalty of the supporters of Fascism, have shaken the practice of following a lead of good faith for good, effectively burying the image of the hero.”

²⁹ Tradução minha. No original: “Narrators can be unreliable for various reasons: they might lack self-knowledge, [...] or they can be innocent and inexperienced.”

³⁰ Tradução minha. No original: “His father was ashamed of him.”

momentos tem a voz confundida com a de Wilhelm. “Ah, a verdade é que havia problemas, e desses problemas seu pai não queria tomar parte. Seu pai tinha vergonha dele”³¹ (BELLOW, 2003, p. 10), repete-se, na mesma página. Essa ideia, recorrente ao longo do texto, pode fazer-nos pensar: “que pai horrível e inescrupuloso!”

À medida que vamos conhecendo melhor o protagonista, contudo, nós mesmos começamos a estranhar algumas coisas e perguntar-nos: “será que o pai é realmente tão ruim?” Isso acontece porque Wilhelm vai nos dando pistas de que não é uma pessoa das mais confiáveis, especialmente porque se contradiz com demasiada frequência. Diversas vezes, por exemplo, somos bombardeados com suas blasfêmias, dirigidas especialmente às pessoas que vivem pelo dinheiro. Suas críticas são pesadas e impiedosas. Ele próprio, entretanto, passa todo o dia (que é o tempo em que transcorre a história) à procura de obter recursos financeiros, quase que como uma obsessão. E, ao mesmo tempo em que mostra-se triste por envergonhar o pai, o critica por não se compadecer da sua situação. Ao mesmo tempo em que afirma que a única coisa que espera do velho médico é amor e compreensão, atira-lhe indiretas, em diversas ocasiões, com a intenção de tocá-lo e fazê-lo emprestar-lhe a quantia (em dinheiro) desejada.

Como, apesar dos seus esforços, Wilhelm não logra convencer o pai, ele tenta aplicar a mesma estratégia com o leitor, mostrando-lhe o quão sofrida é a sua vida e o quão renegado ele é por todos que ama. E, como em diversas outras passagens do texto, o autor lança mão da água, como símbolo, para reforçar esse ponto específico da construção da narrativa, ou seja, a personalidade manipuladora do protagonista. Isso pode ser evidenciado de forma bastante clara pelo discurso fatalista adotado por Tommy nas últimas linhas do quarto capítulo, quando já havia aberto mão dos últimos dólares dos quais dispunha para, com Tamkin, investir no mercado de matérias-primas. “Eu fiz uma aposta”, afirma. “Agora só um milagre para me salvar. Meu dinheiro desaparecerá, então não será possível que ele me destrua.” E, finalmente, conclui: “As águas do mundo vão passar por cima de mim.”³² (BELLOW, 2003, p. 73). Esta e outras falas e atitudes de vitimização e, por conseguinte, de falta de confiabilidade é que, entre outras características, fazem de

³¹ Tradução minha. No original: “Ah, the truth was that there were problems, and of these problems his father wanted no part. His father was ashamed of him.”

³² Tradução minha. No original: “I took a gamble. [...] It’ll have to be a miracle, though, to save me. [...] The waters of the earth are going to roll over me.”

Wilhelm um anti-herói. Mas, quais seriam essas outras características? Uma delas está conectada ao fato de, apesar da já mencionada vitimização, não poder-se negar que Wilhelm passa, sim, por dificuldades financeiras e, principalmente, psicológicas. Um excelente exemplo disso é a forma bastante precária com que ele encara a própria aparência:

O Dr. Adler pensou que Wilhelm parecia estar particularmente desarrumado naquela manhã – cansado também, seus olhos avermelhados de tanto fumar. Ele respirava pela boca e estava evidentemente muito distraído, rolando seus olhos avermelhados incivilizadamente. Como de costume, a gola da sua blusa de frio estava levantada como se tivesse tido que sair na chuva. Quando saía para trabalhar, ele se compunha um pouco melhor; caso contrário, se esquecia de si mesmo e ficava horrível.³³ (BELLOW, 2003, p. 29)

Aqui, vale chamar atenção para uma referência à água, quando o narrador cita a chuva sob a qual o protagonista parecia ter estado. Se recordarmos que, no romance, um dos principais “objetivos” da água, como símbolo, é afogar Tommy, a associação que aqui faz-se entre o seu estado deplorável e o fato de ele parecer ter andado sob a chuva, devido ao fato de a gola do seu casaco estar levantada, é muito significativa.

Não é só à sua aparência, entretanto, que Wilhelm abdica. Como podemos constatar na seguinte passagem, a sua saúde também é colocada em segundo plano:

Você toma muitos remédios de todos os tipos – primeiro estimulantes e depois antidepressivos, analgésicos seguidos de analépticos, até o seu pobre organismo não saber mais o que está acontecendo. Então o Luminal não fará mais as pessoas dormirem, e o Pervitin ou a Benzedrina não as acordará. Deus sabe! Essas coisas se tornam perigosas como venenos, e mesmo assim todos depositam nelas a sua fé.³⁴ (BELLOW, 2003, p. 29)

Temos, dessa forma, aquilo que podemos chamar de “medicalização” da vida, a qual é lançada como recurso desesperado de fuga ou mesmo de compensação pelas dores causadas não por um ferimento ou uma doença real, mas pelo mundo moderno. Como assevera Bauman, “Em circulação pelo globo, em busca de subsistência e na

³³ Tradução minha. No original: “Dr. Adler thought that Wilhelm looked particularly untidy this morning—unrested, too, his eyes redrimmed from excessive smoking. He was breathing through his mouth and he was evidently much distracted and rolled his red-shot eyes barbarously. As usual, his coat collar was turned up as though he had had to go out in the rain. When he went to business he pulled himself together a little; otherwise he let himself go and looked like hell.”

³⁴ Tradução minha. No original: “You take too many pills of every kind—first stimulants and then depressants, anodynes followed by analeptics, until the poor organism doesn’t know what’s happened. Then the luminal won’t put people to sleep, and the Pervitin or Benzedrine won’t wake them. God knows! These things get to be as serious as poisons, and yet everyone puts all their faith in them.”

tentativa de se estabelecer onde ela pode ser encontrada, essas pessoas constituem um alvo fácil para a descarga das ansiedades provocadas pelos temores generalizados de redundância social” (BAUMAN, 2004, p. 81). Os problemas emocionais e econômicos enfrentados por Tommy levam-no, por conseguinte, no final do penúltimo capítulo, a ter de lidar com momentos de angústia absoluta, ao dar-se conta de que Tamkin, de fato, desaparece sem deixar-lhe qualquer perspectiva de recuperação da quantia investida e, menos ainda, de obtenção do lucro almejado. Com isso, a primeira reação do protagonista é tentar ocultar das pessoas à sua volta tudo o que está sentindo: “Eu estaria condenado se desabasse na frente deles como uma criança, ainda que eu jamais pretenda vê-los novamente. Não! Não! Mesmo assim, as lágrimas acumuladas em seus olhos cresciam e cresciam e ele se parecia cada vez mais com um homem prestes a se afogar”³⁵ (BELLOW, 2003, p. 100). E, uma vez mais, temos a simbologia da água fazendo-se presente e atuando no sentido de fortalecer a ideia por trás da narrativa.

Com isso, concluo que o anti-herói de *Seize the Day*, como vários outros na literatura posterior aos anos 50/60, não é uma pessoa de saúde, tanto física quanto mental, equilibrada. Noto também que ele está sob o constante efeito de fármacos, o que pode alterar tanto a sua percepção sobre a realidade quanto o seu humor/comportamento. Isso fica bem evidente nas situações em que “explode” com as pessoas, especialmente com o seu pai, mostrando que tem pouco ou nenhum controle sobre suas ações e emoções.

Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que, por vezes, Tommy age de modo agressivo, em outros momentos ele é tomado pela insegurança e a falta de capacidade de impor-se, que, juntas, compreendem a última característica anti-heróica que irei abordar nesta seção. Com frequência, Wilhelm experimenta sentimentos de raiva, dor e/ou angústia, mas é incapaz de responder a esses sentimentos de forma satisfatória. É o que acontece, por exemplo, quando seu pai diz-lhe “Saia de perto de mim agora. É uma tortura ficar olhando para você, seu porcalhão” (BELLOW, 2003, p. 106) e Wilhelm responde apenas “Tudo bem, pai. Isso basta. Vamos parar por aqui”³⁶ (BELLOW, 2003, p. 106). Circunstância similar

³⁵ Tradução minha. No original: “I’ll be damned if I’ll break down in front of them like a kid, even though I never expect to see them again. No! No! And yet his unshed tears rose and rose and he looked like a man about to drown.”

³⁶ Tradução minha. No original: “Go away from me now. It’s torture for me to look at you, you slob! [...]Okay, Dad. That’ll be enough. That’s about all we should say.”

ocorre quando, minutos depois, Tommy telefona para sua ex-esposa, que, mesmo tendo tido os estudos custeados pelo ex-marido, recusa-se a procurar um emprego. Ele, pacientemente, tenta convencê-la do quase impossível: “Margaret, eu peço que você, por favor, reconsidere seus pensamentos sobre trabalho. Você agora é formada. Para que eu paguei pelos seus estudos?”³⁷ (BELLOW, 2003, p. 110). E, finalmente, nova contradição faz-se evidente no exemplo citado dois parágrafos atrás: apesar de boa parte das páginas da narrativa tentarem mostrar ao leitor e às pessoas à volta de Tommy o grau de dificuldade da sua situação, quando um choro genuíno de desespero irrompe em seu peito, ele tenta ocultá-lo, a todo custo, dos presentes.

Percebemos, com esses exemplos, que Wilhelm assume, na narrativa, características que compõe o rol de possibilidades daquelas que podem ser utilizadas para se qualificar um anti-herói: é depressivo, descontrolado, instável e inseguro. Além disso, age sempre pensando em si próprio, por mais que tente convencer-nos do contrário, como quando afirma que o que mais o preocupa é o futuro dos filhos. E tudo isso tem a ver com o que Bauman teoriza sobre a individualidade na modernidade líquida.

Como tive a oportunidade de começar a pontuar anteriormente, uma das mais importantes particularidades da teoria da “modernidade líquida” é a de que ela consiste em um processo comum – pelo qual periodicamente passam as sociedades enquanto manifestações de uma coletividade –, que vem, já há vários anos, permeando vidas privadas. Isso significa dizer que a instabilidade gerada por momentos de mudança em uma comunidade, como ocorre na transição de um sistema político ou econômico a outro, tem-se reproduzido nas vidas das pessoas. A ideia é, portanto, a de que, pela primeira vez na história, estamos vivendo em um estado de instabilidade e insegurança permanentes em todas as esferas que tocam as nossas existências individuais.

Bauman (2001) vê no regime capitalista instaurado no período entre o final da Segunda Guerra e o esfacelamento da União Soviética a origem do estado de liquidez contemporâneo. A esse respeito, ele destaca: “Podemos dizer que o rumo dos eventos no mundo do capitalismo provou ser o exato oposto do que Max Weber previa quando escolheu a burocracia como protótipo da sociedade por vir e a retratou

³⁷ Tradução minha. No original: “Margaret, I want you please to reconsider about work. You have that degree now. Why did I pay your tuition?”

como a forma por excelência da ação racional” (BAUMAN, 2001, p.77). E, mais à frente, explica:

Sabendo que a capacidade racional dos seres humanos tende a ser solapada constantemente por propensões afetivas e outras inclinações igualmente irracionais, poder-se-ia suspeitar de que a disputa sobre os fins dificilmente chegaria a um final; mas essa disputa seria no futuro expulsa da corrente principal, impulsionada pela inexorável racionalização – e deixada para os profetas e pregadores à margem dos superiores (e decisivos) afazeres da vida. (BAUMAN, 2001, p. 78)

Finalmente, completa:

Nas palavras de Gerhard Schulze, este é um novo tipo de incerteza: “não saber os fins, em lugar da incerteza tradicional de não saber os meios.” Não é mais o caso de tentar, sem ter o conhecimento completo, calcular os meios (os já disponíveis e os tidos como necessários e zelosamente buscados) em relação a determinado fim. O que está em pauta é a questão de considerar e decidir, em face de todos os riscos conhecidos ou meramente adivinhados, quais dos muitos flutuantes e sedutores fins “ao alcance” [...] devem ter prioridade – dada a quantidade de meios disponíveis e levando em consideração as ínfimas chances de sua utilidade duradoura. (BAUMAN, 2001, p. 79)

Bauman (2001) identifica dois tipos de capitalismo, o “pesado”, que seria anterior à Revolução Socialista e estaria associado às ideias trazidas pelo fordismo, e o “leve”, que corresponderia ao sistema sob o qual vivemos na atualidade. O que mais diferenciaria um do outro é a *ordem*. No primeiro, temos uma organização absoluta dos processos de geração de capital; no segundo, estes contam com diversas possibilidades de concretização, as quais vão muito além das disponíveis no período precedente. A ampliação no campo de alternativas para a produção de capital, associada a uma maior racionalização das ações humanas, acaba levando o indivíduo a concentrar-se mais na escolha de seus fins do que na dos meios para atingir determinado fim. É o caso, por exemplo, do jovem que simplesmente não consegue decidir qual carreira seguir, situação cada dia mais comum. Antes da modernidade líquida, ele já tinha convicção, desde cedo, sobre sua futura profissão, precisando concentrar-se apenas em como alcançá-la. Segundo Bauman (2001, p. 80), “Há mais – muitíssimo mais – possibilidades do que qualquer vida individual, por mais longa, aventureira e industriosa que seja, pode tentar explorar, e muito menos adotar.”

Assim, na contemporaneidade, o “normal” é “viver num mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior [...]. Nesse mundo,

poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis” (BAUMAN, 2001, p. 81). Diferentemente do período “sólido”, não há nada nem ninguém que controle ou pré-determine os rumos que devemos tomar, ficando o caminho livre para que busquemos aquilo que julgemos mais atrativo. Contudo, do mesmo modo que nenhuma derrota é definitiva, também não o são as nossas vitórias: “Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre” (BAUMAN, 2001, p. 81).

Como veremos a seguir, toda a teoria de Bauman acerca da individualidade na modernidade líquida encaixa-se como uma luva na história de Wilhelm, protagonista de *Seize the Day*. Para demonstrar esse fato, principiarei pela descrição e análise de seu pai, o Dr. Adler, cuja trajetória de vida constitui-se como antítese perfeita da do filho.

Dr. Adler é apresentado na narrativa como um homem forte, sério e decidido. Médico aposentado, o personagem é admirado por todos por ter construído e mantido, durante os anos em que esteve profissionalmente ativo, uma carreira de sucesso, que proporciona a ele e à família uma vida de conforto social e financeiro. Após a morte da esposa, ele muda-se para um hotel, onde convive com vários outros anciãos:

O charmoso e velho doutor estava bem acima dos outros velhos do hotel. Ele era idolatrado por todos. Isso era o que as pessoas diziam: ‘Aquele é o velho professor Adler, que dava aulas de medicina interna. Ele era um diagnosticador, um dos melhores de Nova Iorque, e tinha uma tremenda prática. [...] É um prazer ver um velho cientista tão talentoso, limpo e imaculado’³⁸ (BELLOW, 2003, p. 9).

Note-se a ênfase colocada no termo “velho”, repetido várias e várias vezes. Situação semelhante pode ser apontada na seguinte passagem, em que o narrador descreve um outro hotel, próximo daquele em que vivem o Dr. Adler e o filho:

O Ansonia, a maior marca registrada do bairro, foi construído por Stanford White. Ele se parece com um palácio barroco de Praga ou Munique, cem vezes aumentado, com torres, domos, imensas ondas e bolhas de metal esverdeadas pela exposição ao sol, perfurações e enfeites de ferro. Escuras antenas de televisão estão

³⁸ Tradução minha. No original: “The handsome old doctor stood well above the other old people in the hotel. He was idolized by everyone. This was what people said: “That’s old Professor Adler, who used to teach internal medicine. He was a diagnostician, one of the best in New York, and had a tremendous practice. Isn’t he a wonderful-looking old guy? It’s a pleasure to see such a fine old scientist, clean and immaculate.”

densamente instaladas nos seus cumes arredondados.³⁹ (BELLOW, 2003, p. 3)

O trecho chama atenção para os contrastes entre velho e novo presentes no edifício: a construção em si parece não ser recente, pois as suas partes metálicas já sofreram com o efeito do tempo e, além disso, ela segue um estilo barroco, o qual remonta ao século XVIII. Em contrapartida, preenchem seus cumes antenas de televisão, que remetem a um período bem mais recente, notadamente o século XX. E, como não poderia deixar de ser, a imagem da água vem associada a esse exemplo, assim como ocorre em inúmeros outros trechos do livro:

Sob as diferentes facetas do clima, ele (o Ansonia) lembrava, alternadamente, o mármore ou a água do mar, escura como a ardósia em dias de névoa, clara como a tufa calcária em dias de sol. Naquela manhã, ele se parecia com a imagem de si mesmo projetada em águas profundas, branca e concentrada em cima, com distorções cavernosas em baixo.⁴⁰ (BELLOW, 2003, p. 3)

A edificação, assim como a relação entre pai e filho, parece ter sido inundada pela água (do mar, que vimos ser a mais “perigosa”) que a cerca, ideia que marca profundamente o curso dos eventos da narrativa. Neste ponto, me refiro, em especial, à diferença de idade entre Wilhelm e Adler, pois é nela que intrinsecamente jaz a origem do conflito central do protagonista: “Em meio aos idosos do Gloriana, Wilhelm se sentia deslocado. Ele era comparativamente jovem, nos seus quarenta, grande e loiro, com ombros largos; suas costas eram pesadas e fortes [...]”⁴¹ (BELLOW, 2003, p. 3). Ora, basta lembrarmos que o livro data de 1956, quando Wilhelm estaria na faixa dos quarenta anos, e que Bauman vê no fim da Segunda Guerra o início da modernidade líquida. Constata-se, portanto, que os anos de juventude do protagonista são passados em meio à já presente atmosfera de dúvida quanto a objetivos de vida, ao contrário do doutor, que nasce e faz-se adulto ainda na fase anterior, da solidez e do capitalismo pesado.

³⁹ Tradução minha. No original: “The Ansonia, the neighborhood’s great landmark, was built by Stanford White. It looks like a baroque palace from Prague or Munich enlarged a hundred times, with towers, domes, huge swells and bubbles of metal gone green from exposure, iron fretwork and festoons. Black television antennae are densely planted on its round summits.”

⁴⁰ Tradução minha. No original: “Under the changes of weather it may look like marble or like sea water, black as slate in the fog, white as tufa in sunlight. This morning it looked like the image of itself reflected in deep water, white and cumulous above, with cavernous distortions underneath.”

⁴¹ Tradução minha. No original: “He was comparatively young, in his middle forties, large and blond, with big shoulders; his back was heavy and strong [...]”

Enquanto o velho persegue com precisão os planos que traça para si quando jovem, seu sucessor parece “nadar, nadar, e morrer na praia”. Ele inicia seus estudos superiores, como esperado pelos pais, porém sem qualquer convicção de que aquilo fosse o que realmente desejava. À primeira oportunidade de abandonar a faculdade, portanto, ele cede, e acaba tentando encontrar-se na carreira de ator, porém sem sucesso. Neste ponto, faz-se necessário salientar que não é por acaso que o agente responsável por inserir Tommy no mundo das câmeras chama-se Maurice Venice, sobrenome que alude à famosa cidade italiana. Em Veneza, construída sobre bancos de areia criados pelas correntes do Mar Adriático e frequentemente afetada por inundações, os carros são substituídos por gôndolas, que levam as pessoas de um local a outro. As tradicionais ruas são convertidas em canais, e a água define o destino de tudo e todos. Quando pensamos nesses termos, parece inconcebível que ao agente tivesse sido dado outro nome, afinal, ele é o responsável pelo início do processo de derrocada de Wilhelm, já que, antes do seu aparecimento, o nosso protagonista, pelo menos aparentemente, vinha traçando para si um caminho satisfatoriamente sólido, assim como o fora o de seu pai. Venice, contudo, surge para apresentar ao herói a vida líquida, com todos os seus sedutores atrativos. Assim, sucede que, após sete anos de sucessivos fracassos em Hollywood, Tommy desiste de atuar e acaba empregado como caixeiro-viajante em uma empresa especializada em móveis infantis, onde permanece por mais algum tempo. Então, uma vez mais, dando prosseguimento ao ciclo sem fim da modernidade líquida, quando surge uma chance, Wilhelm apodera-se de uma desculpa qualquer para deixar para trás um ótimo salário e voltar a tentar a vida na cidade grande. Como ditam os preceitos descritos por Bauman, o personagem está sempre em busca de novas – e empolgantes – oportunidades. E isso reflete-se também na esfera pessoal. Ao passo que seu pai passa toda a vida casado com sua mãe, mantendo uma relação infeliz e de aparências, porém indestrutível como uma rocha, o protagonista facilmente desfaz-se de seu casamento, sendo essa opção relativamente bem aceita por sua geração. E, de maneira também muito simples, ele apaixona-se por outra mulher. O matrimônio deixa de representar a mesma instituição sólida do passado, como destaca o pai: “Você deveria ter lidado com seus problemas. Mais cedo ou mais tarde todo mundo os tem. Pessoas normais lidam com eles. Eles passam. Mas você não fez isso,

portanto agora pague por suas noções românticas e estúpidas”⁴² (BELLOW, 2003, p. 47). Por “pessoas normais”, o idoso se refere a seus contemporâneos, deixando bastante clara a sua incapacidade de compreender o que se passa na cabeça dos mais jovens.

Agora, faz-se pertinente destacar a caracterização que Wilhelm faz de si próprio: “Um hipopótamo cabeludo! – Era assim que ele via a si mesmo. Ele via um rosto grande e redondo, uma boca vermelha gigante e florescente e dentes curtos”⁴³ (BELLOW, 2003, p. 4). Aqui, a figura do hipopótamo aparece como símbolo, e um símbolo ligado, uma vez mais, àquele outro que é tão pertinente a este trabalho, o da água. Conforme apontam Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 493), o animal pode assumir conotações totalmente antagônicas, assim como vimos ocorrer com o elemento. Ele pode, assim, trazer à tona o aspecto da negatividade tanto quanto o da positividade. “Saqueando ou devorando uma parte das colheitas, o hipopótamo era considerado no Egito, a mais das vezes, como manifestação das forças negativas que existem neste mundo... Inimigo do homem, o hipopótamo foi consagrado a Set, o maligno” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 493), afirmam os autores. Em contrapartida, o hipopótamo fêmea era “venerado e, até, adorado, como símbolo da fecundidade sob os nomes de O Harém (Opet) e A Grande (Tuéris). Acreditava-se que ela assistia, tradicionalmente, à mãe quando vinham ao mundo os deuses, os reis, e simples mortais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 493). Percebemos, desse modo, que, tal qual a água, o hipopótamo pode representar tanto a vida, por meio da fêmea, que gera e cuida da prole, quanto a morte, por meio do macho, que mata e destrói. Portanto, ao ser associado a esse mamífero, o protagonista pode estar, implicitamente, sendo associado à liquidez.

Ainda a esse respeito, julgo relevante trazer mais algumas considerações acerca dos hipopótamos e da simbologia que carregam. Poucos sabem, por exemplo, que o nome desse ser, em grego, significa “cavalo aquático”, “cavalo marinho” ou, ainda, “cavalo do rio”. A sua figura dificilmente pode ser distanciada da figura da água, tanto denotativa quanto conotativamente. Quero dizer, com isso, tanto que ele não pode viver longe dos rios, como requisito básico para a sua sobrevivência, como

⁴² Tradução minha. No original: “Did you have bed-trouble with her? Then you should have stuck it out. Sooner or later everyone has it. Normal people stay with it. It passes. But you wouldn’t, so now you pay for your stupid romantic notions.”

⁴³ Tradução minha. No original: “Fair-haired hippopotamus!—that was how he looked to himself. He saw a big round face, a wide, flourishing red mouth, stump teeth.”

que raramente é imaginado fora de um ambiente de grande umidade. Além disso, os hipopótamos costumam demonstrar agressividade apenas quando estão imersos em água, até porque é nesse ambiente que eles reproduzem-se (cópula e parto). Se essa ideia for trazida para o romance e confrontada com a teoria de Bauman, podemos concluir que, assim como acontece com o mamífero, que na água sente mais necessidade de defender o seu território, na modernidade líquida em que vive, Wilhelm sente a urgência de proteger os seus múltiplos e mutantes sonhos e desejos, ou em outras palavras, de ser ele mesmo. Mas, quem, ou o que, é a ameaça? É especialmente, como vimos, o seu pai, que é visto como um obstáculo, e a sociedade capitalista, que, ao mesmo tempo em que disponibiliza as diversas opções de escolha que atraem os indivíduos líquidos, as torna inacessíveis a uma significativa parcela deles.

Com isso, chamo atenção para o fato de, mais uma vez, a liquidez fazer-se presente na narrativa, ainda que não sob a forma da água em si, mas de um animal que a tem não apenas como recurso básico para a sobrevivência, mas como moradia e local de reprodução.

Voltando à análise da obra, noto que situação muito semelhante à de Wilhelm é vivenciada por sua irmã. Médica formada, Katherine buscara seguir os passos do pai e alcançar o sucesso na profissão. Contudo, o mar de possibilidades no qual se vê embebida, como Tommy, desde a juventude, faz com que se transforme em uma profissional frustrada, que abandona o cargo de anestesista assim que se casa. Do mesmo modo que o irmão aspirara à vida de ator, ela almeja ser uma pintora reconhecida:

Aos quarenta ela ainda ambicionava se tornar uma pintora. Wilhelm não se aventurava a criticar o seu trabalho. Não parecia nada demais, dizia, mas também ele não era nenhum crítico de arte. [...] Ela trabalhava duro, mas havia cinquenta mil pessoas em Nova Iorque com tintas e pinceis [...].⁴⁴ (BELLOW, 2003, p. 29)

Depreende-se das apreensões de Wilhelm que a irmã não é uma boa pintora e que, por isso, ela, assim como ele, não conseguiria tecer um futuro favorável às suas aspirações e acabaria por desistir das “tintas e pinceis”.

⁴⁴ Tradução minha. No original: “No, Wilky. There’s not a thing on those canvases. I don’t believe it; it’s a case of the emperor’s clothes. I may be old enough for my second childhood, but at least the first is well behind me. I was glad enough to buy crayons for her when she was four. But now she’s a woman of forty and too old to be encouraged in her delusions. She’s no painter.”

Percebemos, com isso, que os membros da geração imediatamente posterior à do Dr. Adler já não têm o mesmo comprometimento com objetivos que antes. Enquanto o que importa para o ancião e seus contemporâneos é descobrir maneiras de colocar suas metas em prática, o mais relevante para Wilhelm e Katherine é definir quais serão suas eternamente mutáveis metas. Assim, eles põem muito menos empenho em de fato tornarem-se, respectivamente, um ator e uma pintora, do que na escolha de o serem. E isso impacienta o médico:

Não, Wilky. Não há nada naquelas telas. [...] Eu posso estar velho o suficiente para a minha segunda infância, mas pelo menos a primeira está a anos luz de distância. Eu me satisfiz em comprar giz de cera quando ela tinha quatro anos. Mas agora ela é uma mulher de quarenta, velha demais para ter suas ilusões encorajadas. Ela não é uma pintora. (BELLOW, 2003, p. 43)

É o mesmo que ocorre com a decisão do protagonista de investir no mercado de matérias-primas: ele toma mais tempo e gasta mais energia para se resolver a investir ou não do que para traçar um plano de como investir de modo a correr menos riscos. Um personagem presente na narrativa, contudo, parece ir de encontro a essa teoria. Me refiro a Artie, primo de Wilhelm, com quem este brincava, na infância de ambos, “[...] perto do monumento dos soldados e navegantes, na Riverside Drive”⁴⁵ (BELLOW, 2003, p. 13). Como teremos a oportunidade de verificar mais à frente, essa não é a primeira menção à Riverside Drive, que, em português, poderia ser traduzida como “Estrada Ribeirinha”. O nome, aqui, é significativo, pois remete a uma nova referência à água como símbolo. Quero dizer, com isso, que o local em que as crianças costumavam encontrar-se leva uma alcunha que alude diretamente aos rios. É como se os jovens meninos tivessem estado, desde o início de suas vidas, circundados pela liquidez e tudo o que ela, figurativamente, significa e invoca para eles. Reforça essa noção o fato de o ponto específico onde eles costumavam encontrar-se estar situado próximo a um monumento dedicado aos navegantes. De certa maneira, essa passagem na existência de ambos prenuncia o que os espera no futuro.

Artie, entretanto, apesar de estar inserido em um contexto idêntico ao de Tommy, parece conseguir afastar-se do destino que eventualmente os espera. Nas palavras de Bellow, “Ele era agora um professor [...]”⁴⁶ (BELLOW, 2003, p. 13), ou

⁴⁵ Tradução minha. No original: “[...]near the soldiers’ and sailors’ monument on Riverside Drive.”

⁴⁶ Tradução minha. No original: “He was now a professor [...]”

seja, apesar das influências, o primo aparentemente consegue superar o estado de liquidez do mundo que o circunda e apoiar-se em emprego sólido e seguro. E não é sem certo despeito que o narrador (que por diversas vezes se confunde com o protagonista) anuncia esse fato. Afinal, Wilhelm faz parte da geração da dúvida, da incerteza, pois enquanto as possibilidades de meio são relativamente restritas e exigem frieza para sua escolha, as possibilidades de fim, como já destacava Bauman, são praticamente infinitas e sua seleção comumente vem acompanhada por uma forte carga emocional por parte do indivíduo que toma (ou espera-se que tome) as decisões. Bauman (2001, p. 83) resume:

O capitalismo pesado, no estilo fordista, era o mundo dos que ditavam as leis, dos projetistas de rotinas e dos supervisores; o mundo de homens e mulheres dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, do modo determinado por outros. Por essa razão, era também o mundo das autoridades: de líderes que sabiam mais e de professores que ensinavam a proceder melhor.

Dr. Adler provavelmente não tem a opção de escolher sua profissão, talvez por um capricho de seus pais, talvez por ser a única alternativa considerada viável para conquistar o estilo de vida que almeja. Os filhos, porém, são criados de maneira mais liberal, “podendo escolher”; o caminho mais justo, entretanto, nem sempre é o mais fácil. O pensamento liberal predominante na sociedade estadunidense, e que influencia a família e a criação dos filhos, tende a confundir independência com negligência, o que pode resultar em distorções da ideia de liberdade individual. São muitas as variáveis. Algumas vezes enveredamos por caminhos diferentes para encontrarmos na melhor alternativa, outras vezes simplesmente permanecemos inertes, incapazes de tomar uma decisão. Isso ocorre porque o ser humano tem uma tendência natural a seguir comandos, considerando-se que a sua ausência gera ansiedade:

Daí a ansiedade – provocada pela dolorosa experiência de estar perdido e infeliz: não somos os únicos, *ninguém* está no comando, ninguém está por dentro. Não há como dizer quando e de onde virá o próximo ataque, até onde suas ondas vão chegar e qual será o grau do cataclismo. A incerteza e a angústia que dela nasce são produtos básicos da globalização. Os poderes de Estado não podem fazer quase nada para aplacar a incerteza, muito menos para eliminá-la. O máximo que podem fazer é mudar seu foco para objetivos alcançáveis. Tirá-la dos objetos em relação aos quais nada podem fazer e colocá-la sobre aqueles que pelo menos lhe

propiciam uma demonstração de sua capacidade de manejo e controle. (BAUMAN, 2004, p. 84)

Bauman quer dizer que o mundo atual, líquido, globalizado, não pode mais contar com Estados fortes e bem estruturados como os das sociedades sólidas de outrora; Estados que transmitiam conforto e segurança aos cidadãos, ao conduzi-los ao caminho que consideravam mais adequado para o progresso geral das nações. Agora, o melhor que têm a oferecer são objetivos vagos e meramente alcançáveis, na tentativa de forjar uma ilusão de controle que não mais existe.

Isso se deve, especialmente, ao individualismo exacerbado instaurado pelo ultraliberalismo ou neoliberalismo do século XX, que diminui o Estado e prega que o indivíduo precisa resolver tudo sozinho. E o que torna-se uma tendência no mundo todo aparece primeiro e com mais força no berço do capitalismo, ou seja, nos Estados Unidos. Tanto é assim que surge, nessa época, o termo “*American rugged individualism*”⁴⁷, cunhado em memória dos antigos habitantes das fronteiras do país, local pouco povoado e que, por isso, conta com infraestrutura pública escassa. Essa situação leva-se a ter de lutar sozinho pela própria subsistência e desenvolver a noção de que não precisam de ajuda externa para subsistirem. Esse raciocínio atravessa os séculos e acaba sendo extrapolado para todo o país, graças ao presidente Herbert Hoover, que cunha e promove a expressão, incentivando os cidadãos americanos a adotarem filosofia semelhante em suas vidas. E, alguns anos mais tarde, no pós-guerra, ele passa a fazer ainda mais sentido, uma vez que as pessoas, desoladas com os horrores testemunhados, facilmente convencem-se de que, de fato, não podem contar com mais ninguém, além delas mesmas.

Ainda a esse respeito, parece pertinente trazer à baila uma citação do presidente J. F. Kennedy, proferida em discurso aos estadunidenses apenas alguns anos após a publicação de *Seize the Day*: “Vocês não devem se perguntar o que o seu país pode fazer por você, mas sim o que você pode fazer pelo seu país.” Essa frase mostra o quão culturalmente arraigada estava a ideia de que o papel do indivíduo é tomar atitudes, e não ficar passivamente aguardando que estas sejam tomadas por ele.

Surge, nesse contexto, o individualismo radical, que é assim definido por Tania Salem (2011, p.11), professora da UFRJ:

⁴⁷ Em tradução livre, “individualismo americano bruto”.

A valorização da “espontaneidade”, do “natural”, dos “instintos vitais”, da “antinormatividade” e da “desrepressão” em todos os níveis sugere a representação de um plano da vida social imune a normas e constrangimentos, no qual só imperam o sujeitos e seus “desejos”. No lugar da premissa usualmente reconhecida de que toda a sociedade implica, por definição, constrictões e restrições, o ideário da época insiste em que não existem normas que possam legitimamente se impor ao jogo do desejo. **A afirmação radical da individualidade contra a aspiração das normas à universalidade desemboca, assim, numa ética que exacerba valorativamente as diferenças individuais.** Noticia-se, em outras palavras, a prevalência assumida pelo indivíduo, pelo “pessoal”, pela “subjetividade”, pelo culto das “satisfações privadas” e pela exploração de um “eu” recôndito nesse contexto ideológico. (Destques inseridos.)

A autora se refere aos anos de 1950/1960, época em que se desenrola a narrativa de Saul Bellow. Se analisarmos atentamente as palavras de Salem, podemos perceber que muito, senão tudo, do que a autora descreve como sendo parte da filosofia do individualismo vai ao encontro das ideias atribuídas, no romance, ao Dr. Tamkin. Valorizar o natural, satisfazer desejos e viver o presente são algumas das expressões que poderiam facilmente ser a ele atribuídas. Ainda que reconheça que fazemos parte de um “corpo maior”, que compreende todas as pessoas, ele não crê existir universalidade no comportamento esperado de cada indivíduo, ou que o grupo deva seguir este ou aquele preceito. Ao contrário, o preceito primordial defendido é o de que todos são iguais dentro de suas diferenças e que, portanto, não existe ser humano que seja melhor que os outros ao ponto de ser designado para comandá-los. A seguinte passagem ilustra esse ponto: “O interesse da alma fingidora é o mesmo interesse da vida social, o mecanismo da sociedade. Essa é a maior tragédia da vida humana. É terrível, terrível! Você não é livre. Seu traidor está dentro de você mesmo e o vende. Você tem de obedecê-lo como um escravo”⁴⁸ (BELLOW, 2003, p. 66). Recordemos, aqui, que Tamkin diferencia aquilo que chama de “alma verdadeira” da “alma fingidora”, estando a primeira conectada a quem nós realmente somos e a segunda a quem tentamos ser para nos adequar aos anseios da sociedade.

É então que, em dado momento, o médico impostor parece resumir, em algumas linhas, tudo aquilo que Bauman entende por “verdade” em relação à história do mundo: “‘Você não percebe’, Tamkin lhe diz, ‘que você não pode caminhar em

⁴⁸ Tradução minha. No original: “The interest of the pretender soul is the same as the interest of the social life, the society mechanism. This is the main tragedy of human life. Oh, it is terrible! Terrible! You are not free. Your own betrayer is inside of you and sells you out. You have to obey him like a slave.”

linha reta para a vitória? Você flutua em direção a ela. De Euclides a Newton havia linhas retas. A nova era analisa os flutuantes”⁴⁹ (BELLOW, 2003, p. 60). Do trecho, depreende-se que Tamkin antecipa a liquidez descrita pelo sociólogo a um período muito anterior ao que compreendemos como modernidade. Segundo ele, ela teria início ainda no século XVII, com a Revolução Científica de Newton e seus contemporâneos. Não fica claro o porquê desse entendimento, mas posso sugerir que esteja relacionado ao fato de a ciência e as inovações tecnológicas empoderarem o indivíduo, dando-lhe meios para resolver problemas cotidianos e tornar-se cada vez mais independente e autossuficiente. É por isso que ele afirma que de Euclides (Grécia Antiga) a Newton caminhava-se em linha reta e, depois disso, passou-se a flutuar: na antiguidade as pessoas não tinham alternativas, mas depois começaram a poder ter seus destinos alterados – basta considerar que quem flutua está constantemente sujeito a alterações de rota.

Nesse contexto, eu não poderia deixar de comentar uma nova alusão à água, que fica evidente na passagem supracitada. Como terei a oportunidade de verificar mais a fundo no capítulo seguinte, Tamkin não vê na liquidez um problema, um obstáculo, mas sim um novo estilo de vida e, por vezes, até uma solução para impasses do dia a dia. Em que apoiar-se-ia, portanto, a dificuldade não só de Wilhelm, mas de todo um conjunto de pessoas, de sobreviver e encontrar a felicidade em meio a essa fluidez em que encontram-se inseridas?

Fluidez e individualismo andam lado a lado, nutrindo ideológica e praticamente um ao outro. O problema disso – e é a preocupação que vemos a todo momento na teoria de Bauman – é que ambos associam-se intimamente ao capitalismo, na medida em pregam a liberdade do ser humano, em todos os sentidos possíveis. Isso não seria propriamente uma ameaça se não pudesse nos conduzir a um comportamento egoísta e por vezes até nocivo em relação ao outro. E, infelizmente, em muitos casos, é precisamente isso que acontece. Em sua obra *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Bauman (2013, p. 25) escreve:

A desigualdade social parece agora estar mais perto que nunca de se transformar no primeiro motoperpétuo da história – o qual os seres humanos, depois de inúmeras tentativas fracassadas, afinal conseguiram inventar e pôr em movimento. [...] Essa é uma lição

⁴⁹ Tradução minha. No original: “‘Don’t you realize,’ Dr. Tamkin told him, ‘you can’t march in a straight line to the victory? You fluctuate toward it. From Euclid to Newton there was straight lines. The modern age analyses the wavers.’”

que precisamos aprender, e é imperativo aprendê-la para não atingirmos o ponto de não retorno, o momento em que o “modelo econômico” corrente, tendo emitido tantas advertências de catástrofe iminente sem todavia captar nossa atenção nem nos incitar à ação, realiza seu potencial “autodestrutivo”.

Infere-se das linhas acima que o sociólogo vê no “modelo econômico” a causa principal para as desigualdades que assolam, já há muito tempo, pessoas em todo o mundo. E, uma vez mais, pode-se identificar a crítica ao capitalismo estadunidense por parte de Bellow, que dá ao protagonista de *Seize the Day* uma voz questionadora sobre a busca incessante e até doentia do ser humano – incluindo ele mesmo – pelo dinheiro. A esse lado negativo e até “sombrio” da teoria aqui em discussão podemos dar o nome de individualismo tóxico, que, como vimos, é o processo que deixa de estabelecer limites para as liberdades de um indivíduo, quem começa a passar por cima dos outros para obter aquilo que deseja e julga ser seu por direito.

A grande questão, portanto, é que, apesar de as sementes que gerariam o neoliberalismo já estarem incrustadas na cultura americana à época de Wilhelm, na modernidade líquida parece não saber-se viver com múltiplas possibilidades e menos ainda conciliá-las com o respeito às possibilidades do outro. É como Tamkin diz, ao contar uma história que se passa entre ele e um antigo conhecido: “[...] por causa do dinheiro, eu lhe desejei o mal. Eu percebi isso. Este não é o momento de descrever todos os detalhes, mas o dinheiro me tornava culpado. Tanto Dinheiro como Decesso começam com ‘D’. Dispositivo. Dano” (BELLOW, 2003, p. 65). Nesse sentido, podemos dizer que, da mesma forma que o texto literário do autor estadunidense antecipa as ideias relativas à modernidade líquida, ele prevê, também, as opressões neoliberais que, inclusive, compõem todo o conjunto de ideias envolvendo a teoria de Bauman.

É assim que, com seu discurso de “aproveitar o momento”, o suposto charlatão ordena os pensamentos de Wilhelm e salva-o do afogamento. A relação entre os dois homens estabelece um paralelo com as sensações e sentimentos detectados por Bauman no que toca ao papel do Estado, que está mais presente nos tempos de juventude do Dr. Adler, antes da popularização massiva do neoliberalismo e, conseqüentemente, do individualismo radical e do tóxico. Neste ponto, faz-se pertinente lembrar que o excêntrico personagem é conhecido, entre outras coisas, por suas invenções inusitadas, como a roupa de mergulho que, pelo menos em teoria, possibilita a uma pessoa caminhar dentro d’água, totalmente submersa, chegando

ilesa ao seu destino (BELLOW, 2003, p. 37). Essa pessoa, figurativamente, seria Wilhelm, e a água seria a sua vida.

Cansado de tentar, tentar e não conseguir alcançar o sucesso sozinho, o protagonista, inconscientemente, busca a figura do líder. Corroborando os ensinamentos de Bauman, ele dá-se conta de que a modernidade, apesar de inúmeras promessas, traz também muitas dificuldades e, assim como seu pai contara com um auxílio – o da escassez de alternativas – para ajudá-lo a decidir para onde ir, Wilhelm permite, quase que cegamente, que Tamkin guie seus passos em baixo d'água, atuando como a roupa de mergulho previamente descrita. Essa situação pode ser evidenciada pelo modo como o primeiro defende o segundo, quando outras pessoas duvidam do caráter do psiquiatra: “Inventores são assim. Eu mesmo tenho ideias malucas vez ou outra. Todo mundo deseja inventar alguma coisa. Qualquer americano deseja”⁵⁰ (BELLOW, 2003, p. 37).

Entretanto, se o impasse da vida moderna pudesse ser solucionado apenas com a adoção de um líder, não estaríamos imersos no nosso atual estado de liquidez. Tanto é assim que, mesmo seguindo e defendendo Tamkin, o fado da dúvida não abandona Wilhelm: “[...] ele estava em desespero. Eles estavam rindo do homem a quem fornecera uma procuração sobre seus últimos setecentos dólares, para que especulasse em seu nome no mercado de matérias-primas”⁵¹ (BELLOW, 2003, p. 38). Ainda assim, algo parece diferente de antes e o final da narrativa leva-nos a considerar que o herói, de fato, encontra o que passa toda a sua vida, até aquele momento, buscando. Isso se dá porque Tamkin surge como possibilidade que, apesar de aparentar ser apenas mais uma entre tantas, diferencia-se pelo simples fato de, naquele momento, ser a única. Ou seja, Wilhelm chega ao fim da linha: ou segue a proposta do psicólogo ou afunda por completo na liquidez. Assim, a falta de dinheiro finalmente aparece como um ponto de encontro entre o personagem e seu pai, já que é ela que leva Dr. Adler a escolher a medicina e Wilhelm a escolher Tamkin. Nas últimas páginas, portanto, fica evidente que já não mais importa se o suposto “inventor” é ou não um charlatão, uma vez que o que ele tem a oferecer ao protagonista vai muito além da obtenção imediata de capital: ele diz a Wilhelm o que

⁵⁰ Tradução minha. No original: “Inventors are supposed to be like that. I get funny ideas myself. Everybody wants to make something. Any American does.”

⁵¹ Tradução minha. No original: “But he was in despair. They were laughing at the man to whom he had given a power of attorney over his last seven hundred dollars to speculate for him in the commodities market.”

deve fazer, função que, nos tempos do doutor, fora ocupada pelo capitalismo pesado. Nos parágrafos finais, o narrador reconhece: “Mas dentro de poucos minutos ele havia se esquecido de Tamkin”⁵² (BELLOW, 2003, p. 112).

Finalmente, é importante deixar claro, antes de terminar esta seção, que, como discutido no parágrafo anterior, Wilhelm chega a um beco sem saída. Viver de opções não é mais uma opção, pois todas esgotaram-se. A vida que, antes, parecera tão tentadora para o herói perde todo o seu brilho e transforma-se em um fardo a ser carregado. As ilusões do mundo líquido já não atingem o protagonista e menos ainda penetram o seu ser como outrora. Ao contrário, ele almeja – e necessita – encontrar um pouso livre de água. Algumas passagens do texto corroboram essa ideia, mas, a meu ver, poucas mostram-se tão emblemáticas quanto a seguinte: “Ele usava um barbeador elétrico para não precisar encostar na água”⁵³ (BELLOW, 2003, p. 33). Uma sentença aparentemente simples carrega um significado profundo: Wilhelm não pode mais com a liquidez, pois em seu íntimo ele sabe que, se não modificar a sua filosofia de vida, seu eu afundar-se-á em águas tão profundas que já não será possível salvar-se. Com isso em mente, passamos à análise do segundo ponto selecionado da discussão de Bauman acerca da modernidade líquida, o trabalho.

2.2 Trabalho

Para iniciar esta seção, é muito pertinente trazer à baila um conceito anterior às ideias de Bauman e também ao romance de Saul Bellow, mas que, durante muito tempo, regeu, e ainda rege, o funcionamento da sociedade estadunidense. Me refiro ao “sonho americano”, que consiste, basicamente, na crença de que qualquer cidadão é capaz de mudar a sua vida para melhor se trabalhar com afincamento e dedicação. Obviamente, para os seguidores dessa filosofia de vida, tudo tem um preço e, portanto, tudo pode ser comprado. Esse pensamento está presente do início ao fim de *Seize the Day*, seja na descrição da forma pela qual o Dr. Adler sai da pobreza e torna-se um homem rico e proeminente ou na indignação que Wilhelm sente ao dar-se conta de que, à sua volta, tudo é determinado pelo capital.

Conforme atesta Hochschild (1995, p. 32), “A ideia do sonho americano já esteve ligada a tudo, desde a liberdade religiosa até uma casa no subúrbio, e já

⁵² Tradução minha. No original: “But within a few minutes he had forgotten Tamkin.”

⁵³ Tradução minha. No original: “He used an electric razor so that he didn’t have to touch water.”

provocou emoções que variaram de profunda satisfação a fúria desiludida.”⁵⁴ No geral, pode-se dizer que ela corresponde ao “sucesso”, independentemente de sua forma. No princípio, quando os primeiros colonos começam a chegar em território americano, o sonho remete à liberdade, em todos os seus sentidos possíveis, considerando-se que o grupo é formado, em grande parte, pelo expurgo da sociedade inglesa. Ao longo do tempo, a noção vai adquirindo novos significados, até culminar, nos anos de 1920, em um doentio culto à propriedade e ao dinheiro. Desde então, ter “sucesso” tem sido sinônimo de morar em uma casa grande e bonita, preferencialmente uma mansão, dirigir o carro do ano e consumir produtos e serviços de alto padrão.

Supostamente, o sonho seria para todos, pois todos teriam a capacidade de “lutar” para alcançá-lo. Com a crise de 1929, porém, passou-se a perceber, talvez pela primeira vez de forma consistente, que tudo poderia não passar de uma farsa. Milhares de pessoas de “sucesso” perderam os seus bens do dia para a noite; muitos suicidaram-se. Então, finalmente, passou-se a duvidar da onipotência da entidade “sonho americano”.

Nos anos de 1950, chegou a haver uma reviravolta nesse cenário, conforme aponta Graciela Fabrício (2011, p. 2): “A década de 1950 foi, para os Estados Unidos, uma época de prosperidade e de relativa estabilidade. Após os anos de crise, iniciados com a Grande Depressão dos anos 1930, o país manteve o ritmo de crescimento econômico que havia começado já durante a Segunda Guerra Mundial.” Esse “renascimento”, porém, não atingiu a mesma proporção de antes: enquanto os contemporâneos da “era de ouro” (anos de 1920), geração à qual pertence o pai de Wilhelm, abraçam com efusão o retorno dessa filosofia de vida, os mais jovens, primeiros filhos da modernidade líquida, expressam em relação a ela a insegurança e a desconfiança típicas de seu momento histórico.

O homem contemporâneo começa a dar-se conta de que a realização do sonho não depende única e exclusivamente da força de vontade, também chamada de meritocracia: “Americanos que fazem tudo o que podem e ainda assim falham podem começar a perceber que esforço e talento, sozinhos, não garantem o

⁵⁴ Tradução minha. No original: “The idea of the American Dream has already been attached to everything from religious freedom to a house in the suburbs, and has led to emotions varying from profound satisfaction to disillusioned fury.”

sucesso”⁵⁵ (HOCHSCHILD, 1995, p. 35). É o caso de Wilhelm e sua irmã, que passam grande parte de suas vidas adultas perseguindo sonhos de carreiras que lhes trariam fama e reconhecimento, os quais, entretanto, nunca são capazes de tornar reais. Devido a essa incapacidade de desempenhar de forma satisfatória a profissão que idealiza para si, o protagonista deposita toda a sua angústia e frustração naquilo que ele próprio almeja com mais intensidade:

Como eles amam o dinheiro, pensou Wilhelm. Eles adoram o dinheiro! Sagrado dinheiro! Belo dinheiro! Estava-se chegando a um ponto em que as pessoas eram burras em se tratando de todos os assuntos, menos do dinheiro. Se você não o tinha, você era um idiota, um idiota! Você devia se retirar da face da terra. Frangos! Isso que eram. O negócio do mundo. Se ao menos ele conseguisse se livrar disso.⁵⁶ (BELLOW, 2003, p. 32)

Vemos que, aqui, o dinheiro é visto de forma dúbia, ambivalente. Assim como a água, ele pode representar a salvação e a vida – na medida em que abre portas para o atingimento de tudo aquilo que o sonho americano engloba – ou a desgraça e a morte – ao privar o indivíduo não apenas de seus desejos, mas também dos meios básicos para a sua subsistência (alimentação e abrigo).

Um terceiro problema envolvendo o sonho americano está ligado à sua fundamentação sobre uma base profundamente individualista: se o êxito de uma pessoa significar o fracasso de outra, não há escrúpulos que impeçam a primeira de agir:

Pessoas bem-sucedidas expõem seu sucesso se afastando dos locais onde passaram suas pobres e impotentes juventudes, acelerando a derrocada da sua comunidade étnica. Esse é um fenômeno agri-doce. A liberdade para se mover para um lado e para o outro é desejável, ou pelo menos desejada. Mas, certamente, aqueles deixados para trás, provavelmente aqueles que se mudam e seguramente a nação como um todo perdem quando grupos de pessoas com fortes laços pessoais e culturais quebram esses laços em busca de alcançar o famigerado sucesso. A divisão entre

⁵⁵ Tradução minha. No original: “Americans who do all they can and still fail can begin to notice that effort and talent, by themselves, do not guarantee success.”

⁵⁶ Tradução minha. No original: “How they love money, thought Wilhelm. They adore money! Holy money! Beautiful money! It was getting so that people were feeble-minded about everything except money. While if you didn’t have it you were a dummy, a dummy! You had to excuse yourself from the face of the earth. Chicken! that’s what it was. The world’s business. If only he could find a way out of it.”

autonomia e atomismo é difícil de ser delineada.⁵⁷
(HOCHSCHILD, 1995, p. 34)

Como veremos um pouco mais à frente, a ideia de comunidade passa a ser associada àqueles que, por algum motivo, encontram-se deslocados em meio aos ideais da sociedade líquida moderna, que, como temos tido a oportunidade de verificar, estão intimamente associados ao conceito de sucesso trazido pela versão mais recente do sonho americano. Nesse sentido, os bem-sucedidos, como o Dr. Adler, não apenas deixam de sentir a necessidade de associarem-se a outras pessoas como essas próprias associações passam a ser vistas como obstáculos para o sucesso. E uma vez alcançado, ele é protegido de todas as formas. Exemplo disso é a veemente negação, por parte do médico aposentado, de ajudar o filho financeiramente. O individualismo inerente ao *self-made man*⁵⁸ priva-o de qualquer sentimento de compaixão para com o próximo. Além do mais, ele pensa que, se foi capaz, qualquer outra pessoa também o é. Voltamos, então, à nossa discussão anterior sobre meritocracia: “Eu só quero que você entenda que já estou muito velho para assumir novos fardos. Estou simplesmente muito velho para isso. E as pessoas que ficam apenas esperando por ajuda – devem *esperar* por ajuda. Elas precisam parar de esperar”⁵⁹ (BELLOW, 2003, p. 106. Destaque do autor).

O ponto de vista do Dr. Adler é encarado pelos filhos, especialmente por Wilhelm, como falta de amor, de apreço e de carinho. Em diversos pontos da narrativa, isso fica muito claro, como quando o homem diz o que espera do pai: “Não é o dinheiro, mas apenas a assistência; aliás, nem mesmo a assistência, mas apenas o sentimento”⁶⁰ (BELLOW, 2003, p. 53). Essa percepção é reforçada pelo Dr. Tamkin, que afirma: “Eu sou mais eficiente quando não trabalho pelo dinheiro. Quando só há amor. Sem uma recompensa financeira. Eu me retiro da influência social.

⁵⁷ Tradução minha. No original: “Successful people expose their success by getting away from the places where they spent their poor and impotent youth, accelerating the downfall of their ethnical community. This is a bitters-sweet phenomenon. Freedom to move one way or another is desirable, or at least desired. But, certainly, those left behind, probably those who move and for sure the nation as a whole loose when groups of people this strong personal and cultural bonds break those bonds in order to reach the notorious success. The difference between autonomy and atomism is hard to be outlined.”

⁵⁸ Em tradução literal, “o homem feito por si mesmo”. O termo se refere à pessoa que logrou obter sucesso por meio da busca do atingimento do sonho americano. Geralmente o *self-made man* provém de origem humilde e obtém dinheiro e sucesso graças ao trabalho árduo e dedicado.

⁵⁹ Tradução minha. No original: “And I want you to understand that I’m too old to take on new burdens. I’m just too old to do it. And people who will just wait for help—must wait for help. They have got to stop waiting.”

⁶⁰ Tradução minha. No original: “It isn’t the money, but only the assistance; not even assistance, but just the feeling.”

Especialmente do dinheiro. Compensação espiritual é o que eu procuro”⁶¹ (BELLOW, 2003, p. 62). Como, todavia, ao longo de todo o romance, a posição de Tamkin sobre a vida e os eventos que acontecem com o protagonista mostra-se bastante dúbia, podemos considerar que a opinião que ele expressa pode não coincidir com o seu ponto de vista real, da mesma forma que não devemos crer cegamente no anseio de Wilhelm “única e exclusivamente” por carinho e atenção. Neste ponto, vale lembrar que o suposto médico psiquiatra é, sim, afeito às recompensas financeiras. Basta recordarmos da sua intimidade com o mercado de matérias-primas.

Entende-se, portanto, que muitas vezes – e é o caso de Wilhelm –, a negação do sonho americano dá-se quando esta faz-se pertinente ao indivíduo. Na modernidade líquida, veicula-se a ideia, que já vimos, de que não é tão fácil assim alcançar o sonho, pois as pessoas simplesmente não querem mais lutar pelas coisas, uma vez que elas, muito provavelmente, terão um caráter transitório em suas vidas. No mundo descrito por Bauman, pode-se dar ao luxo de errar, de falhar, de perder. Isso, porém, não traz tantas vantagens ao homem líquido quanto pode parecer.

Enquanto Wilhelm vive preso às amarras da contemporaneidade, Tamkin, como um bom representante da era do capitalismo pesado, tal qual Dr. Adler, se nos apresenta como uma pessoa extremamente descomplicada – daí tiramos mais uma evidência da diferença entre eles, ainda que ambos aparentem priorizar o sentimento sobre o dinheiro. Ao passo que a nova geração, como vimos, se preocupa muito mais com os fins, e, portanto, com o futuro, a geração anterior concentra sua atenção nos meios, e, portanto, no presente: “Ford teria proclamado triunfante o que Pierre Bourdieu notou recentemente com tristeza: para dominar o futuro é preciso estar com os pés firmemente plantados no presente” (BAUMAN, 2001, p. 166). Esse é exatamente o cerne da filosofia de Tamkin, e o que ele tenta passar a Wilhelm: “A natureza conhece apenas uma coisa, que é o presente. Presente, presente, eterno presente, como uma grande, uma enorme, uma gigantesca onda – colossal, brilhante e bela, cheia de vida e de morte [...]”⁶² (BELLOW, 2003, p. 85). É possível, desse modo, associarmos a ideia de “progresso”, segundo definida por Bauman, bem como

⁶¹ Tradução minha. No original: “I am at my most efficient when I don’t need the fee. When I only love. Without a financial reward. I remove myself from the social influence. Especially money. The spiritual compensation is what I look for.”

⁶² Tradução minha. No original: “Nature only knows one thing, and that’s the present. Present, present, eternal present, like a big, huge, giant wave colossal, bright and beautiful, full of life and death [...]”

seu pseudoantônimo, o “fracasso”, respectivamente às visões de mundo de Tamkin e Wilhelm:

Para as pessoas que confiam no seu poder de mudar as coisas, o “progresso” é um axioma. Para as que sentem que as coisas lhes escapam das mãos, a ideia de progresso não ocorre, e seria risível se ouvida. [...] Mas se a autoconfiança – o sentimento tranquilizador de que se está “firme no presente” – é o único fundamento em que a fé no progresso se apoia, então não surpreende que em nossos tempos a fé seja oscilante e fraca. (BAUMAN, 2001, p. 167).

E essa fé “oscilante e fraca” do tempo presente mostra-se bastante clara quando Bellow (2003) descreve o momento em que Wilhelm sente-se parte de um “corpo maior”:

A ideia desse “corpo maior” tinha sido cultivada dentro dele alguns dias antes, abaixo da *Times Square*, quando se dirigia ao centro para comprar ingressos para o jogo de *baseball* do sábado [...]. Ele estava passando por um corredor do metrô, um local que ele sempre detestara, e detestava ainda mais naquele momento. Nas paredes entre os cartazes publicitários havia palavras escritas com giz: “Não Peques” e “Não Coma o Porco” foram as que mais lhe chamaram a atenção. E então do túnel escuro, em meio à correria, ao calor e ao negrume que desfiguram e geram aberrações e fragmentos de narizes e olhos e dentes, de repente, espontaneamente, um amor geral por todas essas pessoas imperfeitas e de aparência sinistra irrompeu no peito de Wilhelm. Ele as amava. A cada uma, ele amava com paixão. Elas eram seus irmãos e irmãs. Ele próprio era imperfeito, mas que diferença isso fazia se ele estava unido a elas por esse arroubo de amor?⁶³ (BELLOW, 2003, p. 80).

Aqui vale mencionar o que que Romain Rolland, escritor francês, chamou, em carta endereçada a Sigmund Freud, de “sentimento oceânico”. O termo foi cunhado enquanto tentava, em resposta à publicação de *O futuro de uma ilusão*, explicar ao psicanalista algo que este parecia não compreender sobre a religião. Assim, ele escreve:

⁶³ Tradução minha. No original: “The idea of this larger body had been planted in him a few days ago beneath Times Square, when he had gone downtown to pick up tickets for the baseball game on Saturday (a double-header at the Polo Grounds). He was going through an underground corridor, a place he had always hated and hated more than ever now. On the walls between the advertisements were words in chalk: “Sin No More,” and “Do Not Eat the Pig,” he had particularly noticed. And in the dark tunnel, in the haste, heat, and darkness which disfigure and make freaks and fragments of nose and eyes and teeth, all of a sudden, unsought, a general love for all these imperfect and lurid-looking people burst out in Wilhelm’s breast. He loved them. One and all, he passionately loved them. They were his brothers and his sisters. He was imperfect and disfigured himself, but what difference did that make if he was united with them by this blaze of love?”

[...] sensação de eternidade; um sentimento como o de algo sem limites, sem barreiras, “oceânico”, por assim dizer. Esse sentimento seria um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé; a ele não se ligaria nenhuma garantia de continuidade pessoal, mas ele seria a fonte da energia religiosa que as diferentes Igrejas e sistemas religiosos captam, conduzem por determinados canais e com certeza também consomem. Apenas com base nesse sentimento oceânico alguém poderia chamar-se religioso, mesmo recusando toda fé e toda ilusão. (ROLLAND *apud* FREUD, 2019, P. 42)

Apesar de o sentimento experimentado por Wilhelm não estar, ao menos diretamente, relacionado a qualquer religião, pode-se inferir da citação de Rolland que o que o escritor compreende por “religião” não corresponde à ideia fechada que costumamos fazer do termo. Ao contrário, este parece associar-se muito mais à descrição do protagonista de Bellow acerca do sentimento de amor que o une a todas as outras pessoas do que àquilo que já provocou diversas guerras e conflitos, tanto pessoais quanto coletivos.

A religião, para Rolland, é algo profundo, imenso, sem barreiras e até misterioso. É difícil ignorar a significação e a pertinência trazida a esta análise pela comparação com o oceano. E, uma vez que pude conectar o sentimento de Wilhelm ao trabalhado pelo francês, também faz-se possível correlacionar esse sentimento às características do oceano. Ademais, assim como o adjetivo “subjetivo” foi empregado para ajudar a fundamentar a proposta de Rolland, ele pode ser igualmente utilizado para qualificar a água em si, tendo em vista que, como vimos, ela, como símbolo, pode ser interpretada de diferentes maneiras.

Na passagem de *Seize the Day*, fica bastante claro que o problema de Tommy é, na realidade, o mesmo de toda a sua geração, formada por pessoas imperfeitas, inseguras e instáveis. Esses indivíduos não possuem mais a noção de “futuro” que vigorara outrora: para eles, existem futuros compartimentados, e não um absoluto. Não há projetos do vida de longo prazo, e sim projetos de curto ou médio prazo, os quais raramente são vistos como definitivos.

Nesse contexto, o *trabalho* deve ser entendido como algo que se adequou, ou melhor, foi adequado, à nova situação: “Muitas vezes é um ato único: armação de um *bricoleur*, um trapaceiro, que mira o que está à mão e é inspirado e limitado pelo que está à mão, mais formado do que formador, mais o resultado de agarrar a oportunidade que o produto de planejamento e projeto” (BAUMAN, 2001, p.175). Deixam de existir os empregos pretensamente definitivos, pois sempre está-se

procurando por “algo melhor”. Bauman (2001, p. 185) completa: “De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante a sua vida de trabalho – e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo [...]” Apenas para efeito de comparação, trazendo a teoria de Bauman para o contexto brasileiro, e mais especificamente para o contexto de Brasília, é interessante notar que essa constatação mostra-se verdadeira até mesmo quando trata-se dos famosos “concursos públicos”, já que não é incomum uma pessoa, após ser aprovada em uma seleção, logo retomar os estudos para tentar suas chances em um outro cargo no governo, que pague melhor. E assim se segue em diante, como um ciclo sem fim.

Situação semelhante se passa com Wilhelm, que, depois de desistir da carreira de ator, passa a trabalhar na já mencionada empresa de móveis infantis. Lá, seu salário é descrito como mais que satisfatório, suficiente para sustentar a esposa e os dois filhos em uma casa confortável. Os seus planos de crescer dentro da firma, porém, são frustrados, e ele acaba pedindo demissão, provavelmente na expectativa de “conseguir algo melhor”: “[...] A verdadeira razão é que eles haviam chegado a um ponto em que teriam de me promover a um cargo importante dentro da empresa. Vice-presidência. Eu estava chegando lá, mas então o tal genro apareceu e —”⁶⁴ (BELLOW, 2003, p. 32). Tudo leva-nos a crer que o real motivo para a saída de Wilhelm é seu enfado com o posto que ocupa e o seu conseqüente desejo de “tentar algo novo”, apesar de esforçar-se ao máximo para convencer todos a seu redor – e talvez até a si mesmo – de que teria sido fortemente injustiçado, restando-lhe como alternativa apenas a demissão. Bauman (2001, p. 175/176) esclarece:

Talvez o termo “remendar” capte melhor a nova natureza do trabalho separado do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade e do não menos grandioso projeto de uma vocação para toda a vida. [...] Em vez disso, o trabalho adquiriu – ao lado de outras atividades da vida – uma significação principalmente estética. Espera-se que seja satisfatório por si mesmo e em si mesmo, e não mais medido pelos efeitos genuínos ou possíveis que traz a nossos semelhantes na humanidade ou ao poder da nação e do país, e menos ainda à bem-aventurança das futuras gerações.

⁶⁴ Tradução minha. No original: “The real reason was that they had gotten to the place where they would have to make me an officer of the corporation. Vice presidency. I was in line for it, but instead this son-in-law got in, and—”

Ou seja, Wilhelm e sua geração líquida não estão verdadeiramente preocupados em encarar o trabalho como algo útil e necessário para a sociedade, ou sequer para seus familiares. Para Bauman (2001, p. 203, destaques do autor), “Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres [...] a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos *descartáveis*, objetos para *uma só* utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos.” Tanto é assim que o protagonista de *Seize the Day* não pensa na esposa e nos filhos antes de tomar suas decisões egoístas, uma vez que é única e exclusivamente para satisfazer um capricho que deixa o emprego de vendedor. E depois, incapaz de atingir o “algo melhor” tão almejado e vendo-se aprisionado em uma situação financeira extremamente desconfortável, Wilhelm culpa primeiro seu pai, que supostamente mostra-se insensível ao seu “intenso” sofrimento, e depois o capitalismo e o dinheiro, que consistiriam em “ferramentas de agressão”: “As pessoas vão ao mercado para matar. Elas falam, ‘Vou sair para matar.’ Não é acidental. Elas não têm a verdadeira coragem para matar, então alçam um símbolo da matança. O dinheiro”⁶⁵ (BELLOW, 2003, p. 65). Desempregado, ele não poupa críticas à cobiça e aos que “vivem pelo dinheiro”, sem notar, ou ao menos sem admitir, que ele próprio faz isso. Afinal, é muito conveniente abraçar e usufruir do capital enquanto este mostra-se disponível e criticá-lo quando faz-se escasso ou ausente.

De acordo com Bauman (2001, p. 187), relação semelhante é estabelecida entre os indivíduos e o amor ou as relações amorosas: “[...] quando virtualmente todas as regras relativas ao jogo das promoções e demissões foram esgotadas ou tendem a ser alteradas antes que o jogo termine, há pouca chance de que a lealdade e o compromisso mútuos brotem e se enraízem.” A “lealdade e o compromisso mútuo” a que se refere o autor já foram, outrora, princípios cultuados e cultivados no universo do trabalho, mas não apenas nele. E também não foi apenas nele que perderam força e, em alguns casos, chegaram até a desaparecer por completo:

Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o “viver junto”, com todas as atitudes disso decorrentes e conseqüências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão,

⁶⁵ Tradução minha. No original: “People come to the market to kill. They say, ‘I’m going to make a killing.’ It’s not accidental. Only they haven’t got the genuine courage to kill, and they erect a symbol of it. The money.”

uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo. (BAUMAN, 2001, p. 187)

Como tivemos a oportunidade de observar brevemente algumas páginas atrás, Wilhelm enquadra-se muito bem na descrição de Bauman. Tão transitória é a sua conexão com seus empregos quanto com a sua esposa. Desaparecido o desejo e a empolgação do status de homem casado, ele sai de casa, deixando os dois filhos para trás. O divórcio não se apresenta como uma opção possível, já que para obtê-lo é necessário pagar um valor do qual não dispõe. Para ele, o casamento e o trabalho são duas amarras que servem apenas para tolher sua liberdade, pois para escapar de um, precisa submeter-se totalmente ao outro: “Então os caras matam uns aos outros pela grana, para que possam se livrar de uma mulher que os odeia, e são vendidos para a empresa. A empresa sabe que o cara precisa do salário, e tira vantagem disso”⁶⁶ (BELLOW, 2003, p. 45). Como típico “eu líquido”, Wilhelm sofre desmedidamente, pois enquanto seu pai, na juventude, conforma-se com sua situação e seu destino e administra o trabalho e o casamento para que durem pelo tempo que “devem” durar (aposentadoria e morte da esposa, respectivamente), ele não aceita estar irremediavelmente atrelado a uma coisa ou outra. E, para piorar, ele “apaixona-se” novamente: “Tem uma garota em Roxbury com quem eu saí. Nós nos apaixonamos e queríamos nos casar, mas ela se cansou de esperar pelo meu divórcio. Margaret descobriu. E além de tudo a garota era católica e eu teria de ir com ela a um padre e dar uma explicação”⁶⁷ (BELLOW, 2003, p. 49).

Margaret, a esposa de Wilhelm, evidentemente não querendo perder o dinheiro que dele recebe todo mês, faz de tudo para dificultar a obtenção do divórcio. Assim, sem muita pretensão de conseguir um novo emprego e decidido a levantar capital de um jeito mais “fácil”, o ex-vendedor opta, como vimos, por investir no mercado de matérias-primas. O intuito é, evidentemente, alcançar a almejada separação legal, sendo o casamento com a garota de Roxbury colocado em segundo plano, já que apesar de ambos estarem “apaixonados”, ele ainda teria de passar pelo inconveniente de ter de explicar-se ao padre da igreja frequentada pela moça. Uma

⁶⁶ Tradução minha. So then guys kill each other for the buck, and they may be free of a wife who hates them but they are sold to the company. The company knows a guy has got to have his salary, and takes full advantage of him.”

⁶⁷ Tradução minha. No original: “There is a woman in Roxbury that I went with. We fell in love and wanted to marry, but she got tired of waiting for my divorce. Margaret figured that. On top of which the girl was a Catholic and I had to go with her to the priest and make an explanation.”

vez mais, os caprichos e as relações superficiais e transitórias moldam as ações do personagem.

E a saída mais “fácil” buscada pelo protagonista para a solução dos seus problemas já havia sido prevista por Bauman (2001, p. 208):

Nenhuma pessoa racional esperaria passar por toda sua vida, ou pelo menos boa parte dela, em uma mesma empresa. A maioria das pessoas racionais preferiria confiar as economias de toda a vida aos notoriamente arriscados fundos de investimento e companhias de seguros, que jogam nas bolsas, e não contar com as pensões que as empresas em que atualmente trabalham podem pagar.

De acordo com o sociólogo, um dos principais motivos para isso acontecer é o de que, no mundo moderno, assim como as empresas perdem a confiança nos seus funcionários – podendo estes, em busca de novas “aventuras”, pedir demissão a qualquer momento –, os funcionários também deixam de acreditar nos seus empregadores. O empresário já não se preocupa tanto com as antigas noções de solidez e estabilidade quanto com um crescimento rápido e explosivo. Alguns chegam, inclusive, a montar seus negócios já conscientes de que terão prazo de validade, durante o qual a palavra de ordem é lucrar o máximo possível. Dentro dessa lógica, tem-se que os funcionários já não precisam ser tão leais e comprometidos com o crescimento da marca, uma vez que provavelmente não passarão muito tempo empregados: a partir do momento em que deixarem de gerar lucro, são rapidamente descartados e substituídos por outros. Toda essa situação gera desconfiança de ambos os lados, tornando o ambiente laboral cada vez mais complexo.

Apesar de o investimento em fundos ou ações também apresentar riscos e, portanto, abrir portas para a insegurança, ele é atrativo por proporcionar o retorno financeiro rápido tão almejado pela sociedade do imediatismo. Em *Seize the Day*, Wilhelm desconfia o tempo todo de Tamkin e sua proposta de especulação no mercado de matérias-primas: “Até mesmo o tom de verde do cheque de Tamkin parecia errado; era de uma cor falsa, decepcionante”⁶⁸ (BELLOW, 2003, p. 55). Ademais, no momento em que ambos se encaminham para o local de concretização da compra das ações, cai uma chuva fina e insistente, o que remete ao leitor à atmosfera de instabilidade da modernidade líquida: “Aquele fora um dia chuvoso e

⁶⁸ Tradução minha. No original: “The very shade of green of Tamkin’s check looked wrong; it was a false, disheartening color.”

esfumaçado, e Wilhelm havia se afastado de Tamkin sob o pretexto de ter de passar na agência de correios”⁶⁹ (BELLOW, 2003, p. 55). Mesmo assim, o protagonista leva seu plano adiante, pois, como vimos, mais vale um ganho fácil e célere, apesar de incerto, do que um demorado, trabalhoso e igualmente incerto.

Pode-se constatar, por conseguinte, que a lógica líquida que rege a vida individual do sujeito na modernidade é a mesma que se aplica à sua realidade laboral. A seguir, discutiremos como esse pensamento invade igualmente as relações de toda uma comunidade de pessoas, que interagem umas com as outras de forma superficial e volátil.

2.3 Comunidade

Nos Estados Unidos, a ideia de comunidade sempre esteve fortemente ligada à de nacionalismo, ou seja, ser estadunidense é fazer parte de um grupo de pessoas que enaltecem a nação a que pertencem. Mas o que é uma nação? De acordo com o sociólogo Stuart Hall (2003, p. 47):

As culturais nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*. [...] A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (Grifos do autor)

Ou seja, grosso modo, nação é um conjunto razoavelmente extenso de pessoas que vivem de acordo com regras e padrões sociais, políticos, educacionais e econômicos pré-estabelecidos e que, geralmente, convivem dentro de um mesmo espaço geográfico. Como pode ser facilmente percebido, portanto, a nação é muito mais uma construção mental com vários adeptos do que um fato inquestionável. Por exemplo, um ser humano não pode ser confundido com qualquer outro animal, pois a condição da sua espécie não pode ser relativizada; um alemão, em contrapartida, pode não ter nascido na Alemanha e ainda assim sentir-se pertencente à nação alemã, ou pode,

⁶⁹ Tradução minha. No original: “That day had been a weeping, smoky one and Wilhelm had gotten away from Tamkin on the pretext of having to run to the post office.”

ainda, requerer reconhecimento de uma outra nacionalidade, como a italiana ou a francesa: é relativo. Como coloca Hall (2003, p. 48):

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que são dela construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”. (Grifos do autor)

Nos Estados Unidos, passou-se, desde o início da colonização, por um processo de construção desse imaginário coletivo de nação, o qual foi intensificado pela noção, a qual já tive a oportunidade de abordar na seção anterior, do sonho americano. Como vimos, no início, ingleses perseguidos e de origem humilde navegaram até a América em busca de uma nova vida, em busca da construção de uma nova comunidade, uma comunidade na qual pudessem finalmente encaixar-se. O progresso dessa empreitada deu forma e força ao movimento, que cresceu e transformou o país na potência que conhecemos hoje.

Contudo, assim como o “sonho americano”, os conceitos de “nação” e, principalmente, de “comunidade”, passam por momentos de turbulência ao longo da história, em especial depois da Segunda Guerra Mundial. O confronto trouxe à tona problemas antes pouco pensados ou discutidos com tanta ênfase. E entre eles, estão os horrores e as atrocidades que os seres humanos são capazes de cometer em nome de uma identidade nacional, identidade esta que, como vimos, é relativa, é apenas “imaginada”. Apesar de não terem tido intensidade suficiente para destruir por completo o construto “nação”, os eventos que se deram a partir de 1939 serviram para arrefecer o empenho despendido em defender-se uma nacionalidade, ou mesmo em pertencer-se a ela.

A necessidade de filiação a um ou mais grupos, que é inerente à essência do homem, todavia, continuou existindo. Desse modo, o conceito de “comunidade” desvinculado do de “nação” adquire grande importância para as gerações do pós-guerra, pois, como afirma Bauman, é à ilusão do pertencimento que muitos agarram-se para fugir das incertezas da vida moderna:

O mundo comunitário está completo porque todo o resto é irrelevante, mais exatamente, hostil – um ermo repleto de emboscadas e conspirações e fervilhante de inimigos que brandem o caos como sua arma principal. A harmonia interior do mundo comunitário brilha e cintila contra a escura e impenetrável selva que começa do outro lado da estrada. (BAUMAN, 2001, p. 215)

Isso significa que a noção de comunidade confere ao sujeito tudo aquilo de que ele sente falta dentro de sua própria individualidade: estabilidade, segurança e sentimento de pertencimento, características básicas de uma realidade “sólida”.

Nos dias atuais, dificilmente um casal permanece junto “até que a morte os separe” e cada vez mais raros têm se tornado os amigos “reais”; em contrapartida, os “virtuais” emergem em quantidades desconcertantes, graças às redes sociais. Hoje, em plataformas como o Instagram ou o Facebook, é muito comum que uma pessoa tenha mil, dois, três, cinco mil amigos, apesar de aqueles com os quais ela de fato se encontra não somarem mais de seis. E, desses seis, apenas um, ou talvez dois, permanecerá em contato por mais de dez anos. A quantidade, porém, proporciona conforto ilusório, ainda mais ao testemunharmos o aparecimento concomitante de diversos grupos (de Whatsapp, de Facebook etc.) que reúnem pessoas completamente diferentes com base em uma única característica que tenham em comum (que pode ser o lugar onde moram ou trabalham, um amigo que fará aniversário, um curso do qual participam ou um passatempo que partilham).

Com a mesma facilidade que se inserem nesses grupos, no entanto, os indivíduos, tanto de hoje como de algumas décadas atrás, deles retiram-se; é preciso apenas que suas individualidades sejam de alguma forma feridas. Como já tive a oportunidade de abordar quando tratei do casamento de Wilhelm com Margaret, as relações interpessoais na modernidade líquida deixam de ser estáveis e duradouras para tornarem-se instáveis e transitórias. Bauman (2001, p. 213) completa:

Um aspecto muito positivo do desaparecimento das velhas garantias é a nova fragilidade dos laços humanos. A fragilidade e a transitoriedade dos laços pode ser um preço inevitável do *direito* de os indivíduos perseguirem seus objetivos individuais, mas não pode deixar de ser, simultaneamente, um obstáculo dos mais formidáveis para perseguir eficazmente esses objetivos – e para a coragem necessária para persegui-los. Isso também é um paradoxo – e profundamente enraizado na natureza da vida na modernidade líquida. (Grifo do autor)

Toda essa situação faz com que o homem moderno seja essencialmente solitário e infeliz, por mais que esteja sempre rodeado de “amigos” e “seguidores”.

Em *Seize the Day*, mesmo Wilhelm, que aparenta ser irremediavelmente antissocial, busca conforto em uma espécie de comunidade: a dos jogadores de buraco. O protagonista, à época dos eventos da narrativa, costuma reunir-se todas as noites com um grupo de homens para jogar cartas. Assim como o previsto por Bauman, porém, ele logo se cansa dos encontros: “Ele estava farto de perder, e também estava farto da companhia, então foi sozinho ao cinema”⁷⁰ (BELLOW, 2003, p. 5). Percebemos aqui, nitidamente, a questão do egoísmo inerente ao sujeito moderno: enquanto é pertinente a Wilhelm continuar frequentando os encontros, ele continua, apoiando-se nos colegas para sentir-se menos perdido dentro de sua existência líquida. Porém, uma vez atingido o “prazo de validade” dessa relação, ele retira-se do grupo com uma despreensão e uma falta de constrangimento que só poderiam ser explicadas pela adesão a uma nova comunidade.

E essa nova comunidade é formada, nada mais, nada menos, que pelos investidores do mercado de matérias-primas, figurativamente liderados por Tamkin. Digo “figurativamente” porque não há nada explícito, no texto, que determine a sua posição hierárquica. Há, porém, inferências que podemos fazer com base em comentários do narrador, como: “Não havia assentos reservados no aposento, apenas assentos comuns. Tamkin sempre se sentava na segunda fileira, do lado do corredor destinado às matérias-primas. Alguns conhecidos mantinham seus chapéus em cima das cadeiras para guardar seu lugar”⁷¹ (BELLOW, 2003, p.75). Em outro momento, menciona-se o quanto o psiquiatra estava tranquilo com o horário, apesar de saber que naquele dia o mercado de matérias-primas estaria especialmente cheio – ou seja, ele já tinha o conhecimento de que teria garantido um lugar para sentar-se.

A maior parte dos conhecidos de Tamkin é composta por homens mais velhos, comunidade dentro da qual, outra vez, Wilhelm destoa. Se recordarmos que tal diferença marca a relação entre a sua realidade e a de seu pai, podemos sugerir que o fato aponta para um possível, e provável, insucesso do protagonista dentro de seu novo grupo. Algumas passagens do capítulo, que uma vez mais trazem a água e os líquidos à tona, corroboram esse entendimento. A primeira diz respeito ao nome da rua em que Wilhelm julga ter visto, certa vez, um dos investidores passeando com

⁷⁰ Tradução minha. No original: “He was tired of losing, and tired also of the company, and so he had gone by himself to the movies.”

⁷¹ Tradução minha. No original: “There were no reserved seats in the room, only customary ones. Tamkin always sat in the second row, on the commodities side of the aisle. Some of his acquaintances kept their hats on the chairs for him.”

as netas, a qual já foi mencionada em outra oportunidade nesta tese: Riverside Drive, ou, em português, “Estrada Ribeirinha”. Depois, o narrador menciona que o valor da banha, produto em que o herói investe, flutua, ou seja, é instável como um objeto ao mar, instável como o próprio Wilhelm. Finalmente, para comentar sobre a forma peculiar com que as pessoas em Nova Iorque iniciam a abordagem de qualquer assunto, Wilhelm utiliza, como exemplo, um copo de água.

Os fluidos estão presentes todo o tempo, até nas observações aparentemente mais insignificantes, e sempre com o propósito de lembrar-nos da inconstância da vida moderna, personificada pelo protagonista. Vemos, portanto, que a participação em comunidades ou grupos, por parte do homem líquido, não passa de uma farsa, um artifício para fazer supor que há alguma segurança no modo com que se encara a contemporaneidade. Afinal, a água pode tanto unir, quanto separar.

Neste capítulo, vimos de que maneira o protagonista de *Seize the Day* encaixa-se na teoria de Bauman acerca da modernidade líquida. Abordando os temas individualidade, trabalho e comunidade, tive a oportunidade de mostrar que no mundo descrito pelo sociólogo, o ser humano é individualista, ao mesmo tempo em que busca sempre estar inserido em comunidades às quais se une e abandona com a mesma facilidade e rapidez que faz com postos de trabalho. E Tommy Wilhelm ilustra muito bem todas essas características, ao vitimizar-se constantemente e pensar apenas em si, nunca contentar-se com um emprego e estar sempre à procura de novas pessoas com quem se relacionar. Todos esses entendimentos sobre o personagem são corroborados por intervenções simbólicas da água, tanto na teoria como no texto literário. Basta lembrarmos que, aqui, ela atua como um agente que impossibilita o indivíduo de fixar-se e, portanto, de seguir o curso natural da história, que tende para a solidificação da política, da economia e das relações humanas como um todo.

No próximo capítulo, tomarei o curso oposto dessa corrente e me concentrarei no personagem Tamkin, que será relacionado aos entendimentos do geógrafo Tim Cresswell sobre a mobilidade humana e suas implicações e diferentes formas de compreensão. Veremos, assim, como a ausência de fixidez tão repudiada por Bauman pode oferecer uma perspectiva inteiramente nova – e positiva – ao ser humano contemporâneo.

3 DR. TAMKIN E TIM CRESSWELL

No capítulo anterior, dediquei-me à investigação da personalidade e das atitudes do protagonista de *Seize the Day*, Tommy Wilhelm, tendo por base os pressupostos teóricos do sociólogo Zygmunt Bauman acerca do que chamou de modernidade líquida. Seguindo a mesma linha, neste capítulo proponho-me a estabelecer uma associação lógica entre o personagem Dr. Tamkin e os entendimentos do geógrafo Tim Cresswell sobre a metafísica do fluxo e da fixidez.

Para isso, focarei, assim como foi feito anteriormente em relação a Bauman, alguns pontos específicos da vasta obra de Cresswell. O principal livro de sua autoria que utilizo para isso é *On the Move: Mobility in the Modern Western World* (2006). Nele, um capítulo inteiro é dedicado à descrição da “metafísica do fluxo e da fixidez”. Assim, terei, aqui, três sessões distintas: a metafísica da fixidez, a metafísica do fluxo e mobilidade *versus* lugar. Dentro de cada uma, analisarei como os personagens de *Seize the Day*, e em especial o Dr. Tamkin, dialogam com as ideias defendidas pelo geógrafo, sempre trazendo à baila a influência que a simbologia da água exerce no romance.

Antes de adentrar o primeiro tópico de discussão, considero pertinente introduzir o pensamento de Tim Cresswell (2006, p. 25) com a seguinte passagem:

No pensamento social contemporâneo, palavras associadas à mobilidade assumem conotações incansavelmente positivas. Dizer que algo é fluido, dinâmico, fluente ou simplesmente móvel, é quase sinônimo de dizer que é progressivo, excitante e contemporâneo. Dizer, ao contrário, que algo é enraizado, fundamentado, estático ou limitado equivale a dizer que é reacionário, enfadonho e antiquado.⁷²

Logo percebe-se a diferença no tom do discurso do geógrafo, em relação ao de Bauman. Enquanto para este um estado de solidez é tido como ideal e desejável, para aquele é “reacionário, enfadonho e antiquado”. A ideia da água, por conseguinte, que, antes, fora associada à incerteza e até à fraqueza, agora, sob os parâmetros de Cresswell, pode conectar-se a tudo que é “progressivo, excitante e contemporâneo”. Neste capítulo, portanto, examinarei os aspectos positivos da fluidez da vida moderna.

⁷² Tradução minha. No original: “In contemporary social thought, words associated with mobility are unremittingly positive. If something can be said to be fluid, dynamic, in flux, or simply mobile, then it is seen to be progressive, exciting, and contemporary. If, on the other hand, something is said to be rooted, based on foundations, static, or bounded, then it is seen to be reactionary, dull, and of the past.”

3.1 Metafísica da fixidez

Essencial para a compreensão dos escritos de Cresswell acerca da metafísica tanto do fluxo quanto da fixidez é o conceito de *mobilidade*, o qual tem sido discutido de maneira crescente nos dias atuais. Ele será abordado em maior profundidade na terceira seção deste capítulo. Portanto, por hora, basta que trabalhe com uma noção razoavelmente bem fundamentada do seu significado. Cresswell (2006, p. 5) afirma: “A mobilidade, como produto social, não existe em um mundo abstrato de tempo e espaço absolutos, mas é um mundo significativo de espaço social e de tempo social. E a mobilidade é também parte do processo de produção social de tempo e espaço.”⁷³ Isso significa que a mobilidade deve ser vista não apenas como aquilo que nos transporta no tempo e no espaço, mas como o próprio tempo e o próprio espaço dentro do qual vivemos. Segundo esse ponto de vista, nós estaríamos inseridos em uma realidade essencialmente movente, sendo o movimento, portanto, indissociável da vida em si.

Ao falar de “fixidez”, Cresswell tem em mente uma ideia semelhante à que Bauman tem quando fala de “solidez”. A maneira de encará-la é que é drasticamente alterada de uma situação para a outra. Vimos que, para Bauman, o estado de solidez traz, acima de tudo, segurança. Ele reconhece a importância dos líquidos, mas quase que exclusivamente para transportar-nos de um estado de solidez a outro, ou seja, de uma zona segura a outra. Entre essas duas zonas haveria, portanto, insegurança. E nós, desde as décadas de 1940 e 1950 do século passado, estaríamos imersos – ou mais, aprisionados – nessa “entrezona”. Cresswell concorda com a existência dessa imersão, mas para ele, nós não estaríamos presos, e sim finalmente livres.

A infinidade de possibilidades que se abre diante de nós na modernidade e que, para Bauman, é angustiante por levar-nos a vários lugares ao mesmo tempo, sem, contudo, permitir que nos fixemos a qualquer um deles, é, para Cresswell, a nossa única saída. A chance de escolher não mais condena, mas salva. Vamos compreender melhor.

Tim Cresswell chama a nossa atenção para a trajetória ambivalente que percorre a noção de mobilidade na atualidade: ao mesmo tempo em que cresce o

⁷³ Tradução minha. No original: “Mobility, as a social product, does not exist in an abstract world of absolute time and space, but is a meaningful world of social space and social time. Mobility is also part of the process of the social production of time and space.”

interesse no seu significado e em suas implicações, especialmente as positivas – basta considerar que nunca antes o tema havia sido tão estudado como agora –, também floresce o preconceito em torno de tudo aquilo a que ela está associada:

A visão do mundo como enraizado e limitado se reflete na linguagem e na prática social. Esse pensamento ativamente fixa identidades a propriedades, religiões, nações – lugares. Ele produz simultaneamente discursos e práticas que tratam a mobilidade e o deslocamento como patológicos. Esse processo claramente se concretizou nas reações aos mendigos na América da virada do século e aos ciganos no Reino Unido. E um processo similar tem cercado a existência do refugiado e do exilado.⁷⁴ (CRESSWELL, 2006, p. 40)

No processo a que o autor se refere, pessoas ou grupos historicamente marginalizados nas sociedades têm uma de suas características, a mobilidade, generalizada e extrapolada à noção de perigo, de ameaça. De fato, as comunidades mencionadas, ou seja, os ciganos, os mendigos, os refugiados e os exilados, entre tantos outros, são todas moventes. Essa, porém, nem sempre é uma escolha que fazem, mas sim uma necessidade que dificuldades de variadas ordens lhes impõem. Mesmo assim, por associação, o burguês, o capitalista, o homem e a mulher que dispõem de condições sociais, políticas e financeiras favoráveis ao seu “pertencimento” a um lugar específico, passam a considerar todo indivíduo que, ainda que por escolha, recorra à mobilidade como modo de vida, como “vadio”, “vagabundo”.

Rodrigo Corrêa Teixeira (2009), ao discorrer sobre a história dos ciganos no Brasil, chama atenção para a forma com que as “sociedades sedentárias” veem o nomadismo:

[...] um comportamento suspeito e associado à criminalidade. A maioria dos dicionários e enciclopédias do século XIX, tanto em língua portuguesa quanto em francesa, rejeitavam e tratavam pejorativamente o nomadismo, pois este seria um modo de vida contrário ao “crescente progresso”. Afinal, o ideal civilizatório requisitava a presença da cidade, por conseguinte, exigia o sedentarismo. [...] Portanto, o vagabundo se caracterizava pela ausência de domicílio, que é associada à imoralidade (incluindo a

⁷⁴ Tradução minha. No original: “Thinking of the world as rooted and bounded is reflected in language and social practice. Such thoughts actively territorialize identities in property, in region, in nation—in place. They simultaneously produce discourse and practice that treats mobility and displacement as pathological. This process has clearly been at work in reactions to tramps in turn-of-the-century America and gypsies in the United Kingdom. A similar process has surrounded the existence of the refugee and the asylum seeker.

promiscuidade), a falta de higiene, à falta de vínculos com a sociedade sedentária e civilizada; o vagabundo, como estrangeiro, é mal afamado, ladrão em potencial, preguiçoso, delinquente em potencial e propagador de epidemias. (TEIXEIRA, 2009, p. 116-117)

Mais uma vez vê-se o nômade ser associado à incivilidade e à imoralidade. Ele é tido como alguém em quem não se pode confiar, alguém que a qualquer momento teria a capacidade de enganar, roubar e até matar. Muitos dos representantes desses grupos móveis são vistos como inimigos da religião e até mesmo como demônios. Em todo o caso, são sempre pessoas que desestabilizam a ordem, aqui representada pela solidez ou fixidez.

Bauman corrobora esse entendimento ao descrever os mencionados grupos sociais:

[...] refugiados e imigrantes, vindos de “longe” e, no entanto, solicitando permissão para se estabelecerem na vizinhança, servem apenas para o papel de efígie a ser queimada como o espectro das “forças globais”, temidas e abominadas por fazerem seu trabalho sem consultar aqueles que tendem a ser afetados. Afinal, pessoas em busca de asilo e “migrantes econômicos” são réplicas coletivas [...] da nova elite do poder do mundo globalizado, bem suspeita (e com razão) de ser o verdadeiro vilão dessa peça. Tal como essa elite, eles são esquivos, imprevisíveis, sem laços com lugar algum. Tal como ela, são a epítome do insondável “espaço de fluxos” em que se fincam as raízes da atual precariedade das condições humanas. (BAUMAN, 2004, p. 85)

Na passagem, o autor argumenta que comunidades em movimento são responsabilizadas por todos os males que a globalização vem trazendo para a sociedade contemporânea. Elas são bodes expiatórios por excelência, “réplicas coletivas [...] da nova elite do poder do mundo globalizado”, as “verdadeiras vilãs” da atualidade, ao mostrarem-se “esquivas e imprevisíveis” e, portanto, impedirem a fixação de raízes.

Essa noção pré-concebida do ser que não se fixa é claramente aplicável ao caso do personagem Dr. Tamkin, em *Seize the Day*. Para clarificar isso, trataremos, primeiramente, de fatos mais concretos, ou seja, de como é o seu estilo de vida. O suposto psiquiatra – ninguém é capaz de afirmar, com certeza, se a profissão é real – é apresentado ao leitor como um homem vago, de procedência incerta. Ele fala muito de si, mas pouco é totalmente crível. É representativo o fato de que, no período em que a história se desenrola, ele more em um hotel, que pode ser entendido como um

lugar de trânsito, não-fixo, que ajuda a caracterizar a personagem desenraizada. Além disso, há indícios de que já tenha residido em outras cidades, nas quais, ao que tudo indica, não criou grandes vínculos. Aliás, ele parece não criar vínculos com facilidade:

Ele é um pouco vago. [...] De qualquer modo, esse Tamkin é esperto. Ele nunca afirmou ter praticado aqui, mas eu acredito que ele tenha sido um médico na Califórnia. Eles não parecem ter muitas leis lá para regulamentar essas coisas. Eu ouvi dizer que com mil dólares você consegue um diploma de uma faculdade a distância de Los Angeles. Ele passa a impressão de saber algo sobre química e coisas como hipnotismo. Porém, eu não confio nele.⁷⁵ (BELLOW, 2003, p. 75)

A citação acima consiste na percepção do Dr. Adler sobre Tamkin. Como vemos, ela assemelha-se, em muito, à que descrevemos no parágrafo anterior. Por ser “vago” e de passado incerto, o personagem é prontamente associado à figura do mentiroso, do vadio, do vagabundo. Essa sua concepção é amplamente aceita e difundida pelos personagens da narrativa, e, em alguns momentos, até mesmo por Wilhelm:

Mentiroso! Wilhelm o chamava internamente. Mentiras maldosas. Ele inventou uma mulher e a matou e depois chamou a si mesmo de curandeiro, e fez de si mesmo alguém tão sincero ao ponto de se parecer com uma ovelha mal-humorada. Ele é um pequeno enganoso inflado, uma fraude de pés malcheirosos. Um médico! Um médico lavar-se-ia. Ele acha que está passando uma ótima impressão, e ele praticamente lhe convida a tirar o chapéu quando ele fala sobre si mesmo; e ele acha que tem uma imaginação, mas ele tanto não a tem quanto não é esperto.⁷⁶ (BELLOW, 2003, p. 91-92)

Este é o julgamento que Wilhelm faz do seu parceiro de investimentos no momento em que começa a dar-se conta de que pode ter caído em uma cilada. Tamkin acabara de que relatar-lhe como era sua esposa e o que lhe sucedera: “‘Afogada’, disse

⁷⁵ Tradução minha. No original: “He’s a little vague. It’s growing into a major industry, and a very expensive one. Fellows have to hold down very big jobs in order to pay those fees. Anyway, this Tamkin is clever. He never said he practiced here, but I believed he was a doctor in California. They don’t seem to have much legislation out there to cover these things, and I hear a thousand dollars will get you a degree from a Los Angeles correspondence school. He gives the impression of knowing something about chemistry, and things like hypnotism. I wouldn’t trust him, though.”

⁷⁶ Tradução minha. No original: “Liar! Wilhelm inwardly called him. Nasty lies. He invented a woman and killed her off and then called himself a healer, and made himself so earnest he looked like a bad-natured sheep. He’s a puffed-up little bogus and humbug with smelly feet. A doctor! A doctor would wash himself. He believes he’s making a terrific impression, and he practically invites you to take off your hat when he talks about himself; and he thinks he has an imagination, but he hasn’t, neither is he smart.”

Tamkin. Em Provincetown, Cape Cod. Provavelmente foi um suicídio. Ela era assim – suicida. Eu fiz de tudo ao meu alcance para curá-la”⁷⁷ (BELLOW, 2003, p. 91).

Nas duas passagens acima, chamo atenção para duas alusões à água como símbolo. Primeiro, tem-se o modo pelo qual Tamkin afirma ter falecido sua esposa: afogamento. Aqui, vale retomar a ideia – que voltará a ser trabalhada na próxima seção – de que o principal propósito do personagem na narrativa é salvar o protagonista do afogamento na modernidade líquida. Pode-se inferir de suas palavras que a falecida senhora Tamkin também encontrava-se perdida dentro de sua própria existência – era alcoólatra e suicida –, assim como Tommy, e que o psiquiatra tentara ajudá-la de modo semelhante ao que faz com o homem. Apesar de seus esforços, contudo, a mulher não pode ser salva e termina morrendo afogada, morte esta que pode ser interpretada de forma literal ou não.

A segunda aparição da água dá-se no momento em que Wilhelm afirma que um verdadeiro médico “lavar-se-ia”. Com isso, ele provavelmente quer dizer que uma pessoa verdadeira, confiável, estaria limpa, lavada, e portanto isenta de sujeira e impurezas. Alternativamente, também pode remeter a alguém que teria passado pela experiência de molhar-se e, portanto, de ter tido íntimo contato com água, talvez até o suficiente para um afogamento, e ter saído ileso. Seria um alguém sábio, que tenha logrado lidar com situações dos mais diversos níveis de adversidade. E, nessa última interpretação, apesar da opinião de Wilhelm, Tamkin enquadrar-se-ia perfeitamente. Aqui, vale lembrar que, como já discutido no capítulo anterior, Tommy pode ser considerado como um narrador não confiável (apesar de o romance ser escrito em terceira pessoa). Assim, os comentários depreciativos que tece acerca do psiquiatra também podem ser interpretados como despeito.

Reforça essa ideia o que Tamkin diz a Wilhelm sobre o investimento no mercado de matérias-primas: “Você precisa arriscar uma certa quantia para sentir o processo, o fluxo financeiro, o complexo como um todo. Para saber como é ser uma alga marinha, você precisa entrar na água”⁷⁸ (BELLOW, 2003, p. 57). O suposto médico incita o protagonista a “entrar na água”, ou seja, a conhecer a fundo o sistema que rege a modernidade, para, enfim, compreendê-lo e a ele adequar-se. E, aqui, chamo atenção para as diferentes respostas apresentadas por Wilhelm para o mesmo

⁷⁷ Tradução minha. No original: “‘Drowned,’ said Tamkin. ‘At Provincetown, Cape Cod. It must have been a suicide. She was that way—suicidal. I tried everything in my power to cure her.’”

⁷⁸ Tradução minha. No original: “‘You have to take a specimen risk so that you feel the process, the money-flow, the whole complex. To know how it feels to be a seaweed you have to get in the water.’”

convite de “molhar-se”, feito ora por Tamkin e ora pelo seu pai. No primeiro caso, Tommy acede às palavras de seu parceiro de investimentos; no segundo nega com veemência o chamado do pai, como teremos a oportunidade de examinar com maior riqueza de detalhes um pouco mais à frente nesta mesma seção.

O fato é que, de um jeito ou de outro, Tamkin se nos apresenta como o oposto completo do outro médico da história, o Dr. Adler. Este, como observamos há pouco, pode ser considerado como uma representação da metafísica da fixidez. Basta lembrar que o velho senhor é quem mais critica e rechaça a figura daquele que considera como um ousado impostor. Por conseguinte, é ao pai de Wilhelm que dedicaremos os próximos parágrafos.

Pode-se questionar o fato de, algumas páginas atrás, eu ter afirmado que o contrário figurativo do Dr. Adler seria Wilhelm, seu filho. Um dos propósitos desta tese, contudo, é justamente evidenciar – o que espero fazer com êxito até o último capítulo – que Wilhelm e Tamkin são dois lados de uma mesma moeda. Ambos estão incompletos e procuram algo – o primeiro está perdido e precisa encontrar seu caminho, ao passo que o segundo, apesar de ter princípios muito claros e estáveis, quer, talvez pela culpa de não ter podido salvar a mulher, ajudar Wilhelm, a encontrar o sentido da vida. O velho médico, em contrapartida, já considera-se plenamente vivido e não possui muitas expectativas, seja para si ou para as pessoas com as quais convive, além de aproveitar seus últimos dias em paz e harmonia.

Segundo Tim Cresswell, a mentalidade da metafísica da fixidez está fortemente ligada à lei do menor esforço, proveniente da física:

Esse princípio do menor esforço é uma peça-chave aqui. A suposição básica é que a matéria (incluindo pessoas) não se move se puder evitar fazê-lo. Essa é uma noção emprestada diretamente da física. O princípio do menor esforço leva o movimento em si a ser descrito como disfuncional, partindo-se do pressuposto de que estruturas espaciais, em um mundo ideal, são supostamente organizadas de forma a minimizar a necessidade de movimento.⁷⁹
(CRESSWELL, 2006, p. 29)

É o que pensa o Dr. Adler em relação a seus filhos: se eles já têm uma condição ideal de vida, caminhos certos a trilhar, por que fazer desvios? Wilhelm já está na

⁷⁹ Tradução minha. No original: “This principle of least net effort is key here.11 The basic assumption is that things (including people) don’t move if they can help it. This is a notion borrowed directly from physical science. The principle of least net effort leads to movement itself being described as dysfunctional, as spatial structures, in an ideal world, are supposed to be organized in such a way as to minimize the need for movement.”

faculdade quando decide largar tudo para seguir a duvidosa carreira de ator. Muito mais fácil e menos dispendioso seria manter-se afixado onde estava, em vez de perseguir um objetivo incerto. Para ressaltar esse fato, os pais de Wilhelm nunca deixam de lembrá-lo, sempre que há a oportunidade, de seu primo Artie, um aluno digno de menção honrosa em na Universidade de Columbia. E, para o desgosto do Dr. Adler, a filha, Katherine, igualmente mostra tendências de desviar-se do curso “natural” das coisas, ao deixar de lado a promissora carreira de médica para perseguir o sonho de ser uma pintora famosa.

Para o médico, as escolhas dos filhos são tão difíceis de compreender porque ele próprio teve de colocar-se em movimento em sua juventude, como já vimos, quando precisou trabalhar duro para conseguir pagar uma faculdade, realizando o sonho americano e mudando o curso do seu destino. Mas, para ele, não fora uma questão de escolha: era se mover ou continuar estagnado em uma realidade desconfortável. Os filhos, ao contrário, não precisariam fazer nada, apenas cumprir o que já estava a eles predestinado, ou seja, a vida universitária seguida de um emprego honrado. Desse modo, é inconcebível ao Dr. Adler que decidam move-se tendo a opção de ficar parados, estáveis, sem perturbações pelo resto de suas vidas.

O ponto de vista teórico de Cresswell (2006, p. 29) sobre essa lógica é corroborado pela construção ficcional da personagem, quando aquele diz: “As pessoas se movem porque chegaram à decisão racional de que um lugar é melhor do que outro.”⁸⁰ É justamente o que acontece com o Dr. Adler. As chances de ele, movendo-se, ir parar em um lugar pior do que aquele em que se encontrava eram ínfimas, se não inexistentes. Com os seus filhos, contudo, ela não só existia e era alta como se concretizou em ambos os casos. O geógrafo completa:

Em certas linhas centrais da ciência espacial, assim, há uma certa quantidade de suposições bem estabelecidas (mas de forma alguma universais) sobre o movimento humano: que ele é um produto da racionalidade, que pode ser descrito em termos universais que negam a diferença, que é inerentemente uma disfunção e que pode ser explicada como característica secundária de arranjos espaciais e das qualidades das localizações. Dentro de tudo isso, nós podemos ver uma metafísica do sedentarismo em funcionamento.⁸¹ (CRESSWELL, 2006, p. 29-30)

⁸⁰ Tradução minha. No original: “People move because they have come to the rational decision that one place is better (in some quantifiable way) than another.”

⁸¹ Tradução minha. No original: “In certain central strands of spatial science, then, there are a number of well-established (but by no means universal) assumptions about human movement: that it is a

Assim sendo, de acordo com o Dr. Adler, o comportamento de seus filhos poderia ser qualificado como irracional e disfuncional.

No que toca à presença da água nesse cenário, chega-se à interessante constatação de que, devido ao seu posicionamento, o médico se nos mostra como que imune aos efeitos da liquidez moderna, sejam eles negativos ou positivos. Um fato que reforça essa ideia é o de o pai de Wilhelm adorar passar parte do seu tempo na piscina e na sauna do hotel onde vivem. É como se, assim como no mundo real, ele estivesse imerso em fluidos, mas estes não tivessem qualquer efeito sobre o funcionamento do seu corpo ou de sua mente. Além disso, é importante observar que a água, tanto no caso da sauna como no da piscina, não é fluente, ou seja, está parada. Diferente de um rio, onde ela move-se em uma determinada direção, em uma piscina ela está fixa, tal qual o pai do protagonista. E, assim como o velho é indiferente à água da piscina – lhe parece agradável estar lá, mas se não houvesse essa possibilidade, também não faria falta –, ele o é às coisas que estão à sua volta. Para ele, não interessa que haja milhares de caminhos que *pode* seguir; sua verdadeira preocupação se volta apenas ao único que *precisa* seguir. E, por mais que a decisão dos filhos o aborreça, ele segue sua vida (sem se mover) do mesmo modo de antes: “A meu pai eu não conseguiria afetar, de um jeito ou de outro”⁸² (BELLOW, 2003, p. 12), afirma Wilhelm, ao contar ao leitor sobre a reação de seus pais ao descobrirem que ele pretendia seguir a carreira de ator.

Para o filho, em contrapartida, a ideia da piscina é abominável. Quando seu pai sugere que recorra à água para relaxar e pergunta se já conhece a piscina do hotel, a primeira resposta que Wilhelm dá é interna: “No caminho para o jogo de cartas, nós passamos pela escadaria que leva até a piscina. O odor da água clorada e fechada em um ambiente não me apetece”⁸³ (BELLOW, 2003, p. 41). Percebe-se que Wilhelm sente-se desconfortável tanto quando imerso na água real, quanto quando na água figurativa da modernidade. Enquanto o pai está confiante do que é e do que quer e, por isso, sente pouco ou nenhum desejo de mudança (ou movimento), o filho teme afogar-se, em um contexto ou no outro. Tanto é assim que, um pouco mais à frente, quando o pai insiste na terapia de “imersão”, o herói apenas assevera: “Oh,

product of rationality, can be described in universal terms that negate difference, is inherently a dysfunction, and that it can be explained as a secondary characteristic of spatial arrangements and the qualities of locations. Within all of this we can see a sedentarist metaphysics at work.”

⁸² Tradução minha. No original: “Dad I couldn’t affect one way or another.”

⁸³ Tradução minha. No original: “On the way to the gin game you passed the stairway to the pool. He did not care for the odor of the wall-locked and chlorinated water.”

pai, é muito gentil da sua parte me oferecer seus conselhos médicos, mas o vapor não vai curar o que tem me feito mal”⁸⁴ (BELLOW, 2003, p. 41). E não vai curar porque a água é justamente o que tem feito mal a Tommy. Ela, ao mesmo tempo em que agrega-lhe opções, priva-lhe de segurança. Ele não é capaz de simplesmente deixar o destino o levar, porque inconscientemente escolheu não seguir um caminho pré-estabelecido.

3.2 Metafísica do fluxo

No que concerne à metafísica do fluxo, Tim Cresswell reconhece: “Recentemente, modos de pensar que priorizam a mobilidade e o fluxo em detrimento da paralisia e da ligação a rotinas pré-estabelecidas tomaram a frente. À medida que o mundo se torna mais movente, o pensamento sobre o mundo se transforma em um pensamento nômade”⁸⁵ (CRESSWELL, 2006, p. 43). Essa afirmação faz bastante sentido se levarmos em consideração, uma vez mais, as ideias de Bauman sobre a mobilidade líquida. O conceito do sociólogo coincide com aquilo que Cresswell denomina “mundo mais movente”, mais fluido. E este explica que, como os movimentos migratórios têm sido entendidos como uma importante marca do nosso tempo, as novas vidas nômades passaram a demandar visões igualmente nômades da realidade para que a existência, especialmente no Ocidente, continuasse fazendo sentido (CRESSWELL, 2006, p. 44).

Além das questões relacionadas à migração de pessoas de diversas partes do planeta, Cresswell também atribui a mudança no pensamento contemporâneo à expansão das experiências associadas à comunicação e aos transportes, que, segundo ele, passaram a basear-se em uma escala e em uma velocidade ainda desconhecidas. Por todas essas razões, ele afirma: “Não apenas o mundo se tornou mais movente, como também as nossas formas de conhecê-lo se tornaram mais fluidas. [...] Esse novo tipo de abordagem é sintomático da pós-modernidade”⁸⁶ (CRESSWELL, 2006, p. 44). E acrescenta, salientando:

⁸⁴ Tradução minha. No original: “Oh, Father, it’s nice of you to give me this medical advice, but steam isn’t going to cure what ails me.”

⁸⁵ Tradução minha. No original: “Recently, ways of thinking that emphasize mobility and flow over stasis and attachment have come to the fore. As the world has appeared to become more mobile, so thinking about the world has become nomad thought.”

⁸⁶ Tradução minha. No original: “Not only does the world appear to be more mobile, but our ways of knowing the world have also become more fluid. These new kinds of thinking are symptomatic of postmodernity.”

Frequentemente diz-se ser a mobilidade não-representativa ou mesmo contra qualquer representatividade. Conectando todas essas ideias, talvez esteja aquela de que, ao nos concentrarmos na mobilidade, no fluxo, na fluidez e no dinamismo, podemos reforçar a relevância do *alcançar* em detrimento do já alcançado – do estável e do estático.⁸⁷ (CRESSWELL, 2006, p. 47), destaque do autor)

As ideias do “alcançar” e do “já alcançado” mencionadas por Cresswell estão diretamente relacionada ao que vimos, no capítulo anterior, sobre os “meios” e os “fins” de Bauman. Recordemos que, na ocasião, discutimos o fato de, na modernidade líquida, os meios, e, portanto, o “alcançar” serem mais importantes do que os fins, que é precisamente o que fala Cresswell na passagem acima. Vimos também que dois dos principais personagens de *Seize the Day*, Tommy Wilhelm e seu pai, Dr. Adler, assumem posturas opostas no que concerne aos modos pelos quais julgam mais adequado ver o mundo e portar-se diante dele. Assim, enquanto Tommy se concentra no “alcançar”, no processo, nos meios, Adler foca o já alcançado ou o que se busca alcançar, ou seja, os fins.

Porém, onde se encontra Tamkin nesse contexto? Ele está mais inclinado a priorizar os fins ou os meios? Não há dúvidas de que o personagem, assim como o pai de Wilhelm, reconhece a importância do lugar aonde se quer chegar. Se não fosse assim, ele não estaria empenhado em envolver-se com o protagonista. Como vimos, o suposto psiquiatra procura transmitir sua própria filosofia de vida a Tommy, no intuito de prepará-lo de forma adequada a lidar com a realidade líquida, ou movente, que o cerca. Isso fica bastante evidente quando assevera: “Eu atinjo o auge da minha eficiência quando não cobro. Quando eu apenas amo. Sem retorno financeiro. Eu me retiro da influência social. Especialmente do dinheiro. Compensação espiritual é o que eu procuro” (BELLOW, 2001, p. 62). Percebemos que, aqui, há todo um envolvimento pessoal com uma meta a ser cumprida. E nesse caso, portanto, pode-se dizer que os meios empregados por Tamkin para atingir essa meta acabam tornando-se pouco relevantes, quando paramos para analisar seu verdadeiro propósito, da mesma maneira que os modos pelos quais o pai de Wilhelm poderia mudar de vida na juventude não importavam; o que importava era chegar à mudança.

⁸⁷ Tradução minha. No original: “Within nomadic metaphysics, mobility is linked to a world of practice, of anti-essentialism, anti-foundationalism, and resistance to established forms of ordering and discipline. Oft en mobility is said to be nonrepresentational or even against representation. Linking all of these, perhaps, is the idea that by focusing on mobility, flux, flow, and dynamism we can emphasize the importance of becoming at the expense of the already achieved—the stable and static.”

Dessa forma, é, sim, possível afirmar que existe uma certa semelhança entre a abordagem de Tamkin e a do Dr. Adler. Contudo, ao mesmo tempo em que o que aquele tem para alcançar ofusca, em termos de relevância, os meios utilizados para fazê-lo, uma das chaves, segundo o supostamente falso psiquiatra, para que Wilhelm consiga evadir-se da situação de angústia e desespero em que se encontra, é justamente adotar uma filosofia de vida que seja condizente com o que pode ser apreendido do conceito de metafísica do fluxo trazido por Cresswell:

“Tem algo preso na sua garganta?”, disse Tamkin. “Eu acho que talvez você esteja muito perturbado para pensar com clareza. Você deveria tentar um pouco dos meus exercícios mentais do ‘aqui e agora’. Eles o ajudam a parar de pensar tanto sobre o futuro e o passado e eliminam confusões mentais.” [...] “Você precisa escolher algo que esteja no momento presente e imediato”, disse Tamkin. “E dizer para si mesmo ‘aqui e agora’, ‘aqui e agora’, ‘aqui e agora’. ‘Onde eu estou?’ ‘Aqui.’ ‘Quando?’ ‘Agora.’ Escolha um objeto ou uma pessoa. Qualquer um. ‘Aqui e agora eu vejo uma pessoa.’ ‘Aqui e agora eu vejo um homem.’ ‘Aqui e agora eu vejo um homem sentado em uma cadeira.’ Me escolha, por exemplo. Não deixe a sua mente divagar. ‘Aqui e agora eu vejo um homem em um terno marrom.’ ‘Aqui e agora eu vejo uma camisa canelada.’ Você precisa afunilar, um item por vez, e não deixar a sua imaginação despontar. Se mantenha no presente. Agarre a hora, o momento, o instante.”⁸⁸ (BELLOW, 2001, p. 85-86)

Mais uma vez, fica clara a inclinação de Tamkin no sentido de orientar Wilhelm para que este consiga desvincular-se das angústias que o perseguem. Pode-se depreender da passagem, por conseguinte, que o método do psiquiatra está muito mais firmado na ideologia que permeia os meios do que na que permeia os fins. Isso significa que, mesmo que ele esteja focado em seu objetivo, reconhece que a solução para viver-se no mundo líquido é justamente não ter objetivos pré-definidos. Ou seja, de acordo com ele, a conduta ideal não seria nem a do pai nem a do filho, pois no caso do primeiro, ela já não funciona na modernidade líquida, como vimos diversas vezes até aqui, e, no caso do segundo, ela provoca ansiedade e sofrimento, na medida em que demanda que o indivíduo tenha metas, mas não limita a quantidade de opções que lhe são ofertadas. Desse modo, o caminho seria viver a vida aproveitando o presente,

⁸⁸ Tradução minha. No original: “Something stuck in your throat?” said Tamkin. “I think maybe you are too disturbed to think clearly. You should try some of my ‘here-and-now’ mental exercises. It stops you from thinking so much about the future and the past and cuts down confusion.” [...] “You have to pick out something that’s in the actual, immediate present moment,” said Tamkin. “And say to your self here-and now, here-and-now. ‘Where am I?’ ‘Here.’ ‘When is it?’ ‘Now.’ Take an object or a person. Anybody. ‘Here and now I see a person.’ ‘Here and now I see a man.’ ‘Here and now I see a man sitting on a chair.’ Take me, for instance. Don’t let your mind wander. ‘Here and now I see a man in a brown suit. Here and now I see a corduroy shirt.’ You have to narrow it down, one item at a time, and not let your imagination shoot ahead. Be in the present. Grasp the hour, the moment, the instant.”

levando um dia após o outro, sem grandes expectativas, já que quanto menores as expectativas, menores as chances de frustração e a sensação de fracasso.

Neste ponto, vale retomar um exemplo citado no capítulo anterior. Ao descrever o meio pelo qual os habitantes de Nova Iorque se comunicam, Wilhelm faz a seguinte analogia:

Se você quiser falar sobre um copo d'água, você precisa começar por Deus criando o céu e a Terra; a maçã; Abraão; Moisés e Jesus; Roma; a Idade Média; a pólvora; a Revolução; de volta a Newton; até Einstein; depois a guerra e Lênin e Hitler. Depois de resumir tudo isso é que você pode começar a falar sobre o copo d'água. “Eu sinto que vou desmaiar, por favor, me dê um copo d'água.” E mesmo assim você terá sorte se for compreendido.⁸⁹

É curioso que, entre tantos assuntos, o autor tenha escolhido especificamente esse para estabelecer o argumento que deseja. O caminho histórico delineado para que, segundo ele, possa-se chegar ao tema pretendido é praticamente o mesmo ao qual recorri para discutir as possibilidades simbólicas assumidas pela água, no primeiro capítulo desta tese. Também chama atenção o tema em si, o que de fato quer-se comunicar depois de tantos rodeios: “Eu sinto que vou desmaiar, por favor, me dê um copo d'água.” Na sentença, a água assume uma conotação positiva, de salvação, de algo que pode ajudar alguém a recuperar-se de um quase desmaio. Assim, temos que, apesar de o tom de Wilhelm ser fatalístico, ao tentar descrever, por meio de uma metáfora, a dificuldade de comunicação das pessoas no mundo líquido, no fim das contas é o próprio líquido que se mostra como solução, da mesma maneira que acontece com a ideia do “aprender a nadar”, tão difundida por Tamkin.

As referida solução, porém, não é assim tão fácil de ser obtida. Assim como Tommy parece estar inicialmente “blindado” contra os ensinamentos de Tamkin – ele escuta o que este tem a dizer, mas sempre acaba duvidando de suas palavras por conhecer a sua origem duvidosa –, os habitantes de Nova Iorque (que, aqui, interpreto como o indivíduo “líquido” em geral) também parecem não conseguir encontrar meios de comunicarem-se de forma eficaz. Os diálogos são truncados e é preciso, metaforicamente, retomar assuntos bem anteriores para ter-se uma chance de

⁸⁹ Tradução minha. No original: “If you wanted to talk about a glass of water, you had to start back with God creating the heavens and earth; the apple; Abraham; Moses and Jesus; Rome; the Middle Ages; gunpowder; the Revolution; back to Newton; up to Einstein; then war and Lenin and Hitler. After reviewing this and getting it all straight again you could proceed to talk about a glass of water. ‘I’m fainting, please get me a little water.’ You were lucky even then to make yourself understood.”

compreensão. Ou seja, em ambas as situações, a água coloca-se como salvadora, mas é preciso sabedoria para utilizá-la na maneira correta, que é precisamente o que o personagem tenta incutir na cabeça do herói.

A teoria do Dr. Tamkin pode ter provindo de diversas fontes, mas escritos de Friedrich Nietzsche (2017, p. 482) relativos ao princípio do eterno retorno parecem resumir com considerável propriedade as noções com as quais acabamos de deparar-nos:

Se o mundo tivesse um fim, já deveria ter sido alcançado. Se existisse para ele um estado final não tencionado, também deveria ter sido alcançado. Se fosse capaz de perseverar e de cristalizar, capaz de “ser”, se no decorrer do seu devir possuísse, embora por um instante somente, essa faculdade de “ser”, já teria de há muito acabado todo o devir, logo também todo o pensamento, todo o primeiro espírito. O próprio fato de que o “espírito” é um devir demonstra que o mundo não tem finalidade, nenhum estado final, que é incapaz de “ser”.

Segundo o filósofo, é inútil que sigamos ocupando nosso tempo com a busca por um fim, seja ele planejado ou não. Ao contrário, o único sentido da vida, para Nietzsche, seria conseguirmos, de fato, “ser”, isto é, disfrutar de tudo o que nos acontece e de todos que passam por nós no momento em que os eventos acontecem e que as pessoas passam.

“A ‘força’, o repouso, o permanecer igual a si mesmo, contradizem-se entre si. A medida da força (como quantidade) é fixa, sua essência é fluida” (NIETZSCHE, 2017, p. 484), pondera o autor. Por “força” devemos compreender aquilo que sustenta o movimento de eternamente voltarmos a nós mesmos, como em um círculo infinito. É sempre lembrarmos-nos de quando e onde estamos, para que não caiamos novamente na tentação de perseguir um fim que jamais será alcançado. E, no caso de *Seize the Day*, esse fim é a felicidade. Wilhelm, tanto quanto todos os que partilham os seus mesmos dilemas, procuram nada mais e nada menos do que felicidade. E eles acreditam que todo novo movimento, todas as chances que lhes são colocadas, haverão de, em algum momento, proporcionar-lhes o que tanto desejam. Como vimos, porém, isso não passa de uma falácia, pois a cada escolha e a cada mudança de foco ou de decisão, a noção de felicidade desse indivíduo se altera, de modo que ele põe-se a perseguir, indefinidamente, um fim fugidivo, o qual, em realidade, jamais estará ao seu alcance. Daí a necessidade, proposta por Nietzsche, de nos atermos a nós mesmo e, portanto, de promovermos um eterno retorno à nossa

própria realidade. Como, contudo, a nossa tendência é a de divagar, a força a que me referi no início do parágrafo tem de oscilar para que consiga dar conta do ir e vir dos nossos ímpetos por perseguir objetivos, como já vimos, fugazes, que escorrem por entre os nossos dedos.

É isso que Tamkin tenta transmitir ao protagonista ao propor que a única forma verdadeira e incontestável de obter a felicidade almejada é parando de procurar por ela e passando a identificá-la em cada pequeno acontecimento dos nossos dias. Daí o nome do livro: *Seize the Day*, uma alusão ao conhecido *Carpe diem*. A expressão tem origem em um poema de Quinto Horácio Flaco, mais conhecido apenas como Horácio, poeta romano que viveu de 65 a.C. a 8 a.C. O texto completo diz o seguinte:

Colha o dia, confia o mínimo no amanhã.
Não pergunte, saber é proibido, o fim que os deuses darão a mim ou a você,
Leucônoe, com os adivinhos da Babilônia não brinque.
É melhor apenas lidar com o que cruza o seu caminho. Se muitos invernos
Júpiter te dará ou se é este o último, que agora bate nas rochas da praia
com as ondas do mar.
Tirreno: seja sábio, beba seu vinho e para o curto prazo reescale suas
esperanças. Mesmo enquanto falamos, o tempo ciumento está fugindo de
nós.
Colha o dia, confia o mínimo no amanhã.
Podemos sempre ser melhores. Basta pensarmos melhor. (HORÁCIO,
2021)

Por meio da leitura do poema, podemos perceber que o posicionamento de Tamkin corrobora as ideias de Horácio tanto quanto as de Nietzsche, no sentido de “lidar-se apenas com o que cruza o seu caminho”. Também não posso deixar de chamar atenção para a metáfora relacionada à água presente nos versos. Os líquidos, uma vez mais, mostram-se presentes na narrativa de Saul Bellow, ainda que indiretamente, por meio de referência, em seu título, às palavras de Horácio. Afirma este que “o último inverno” de uma pessoa, tanto quanto qualquer outro – já que não sabemos quando vamos morrer e, segundo o autor, sequer devemos ocupar nossas mentes com isso –, é como as ondas do mar que batem nas rochas. A imagem evocada transmite a ideia de ação, de movimento. É a vida acontecendo, aqui e agora. E é, de acordo com a filosofia proposta, o único ponto em que devemos confiar para obter a realização pessoal que tanto desejamos. Esse princípio, entretanto, não foi desenvolvido por Horácio, mas sim por Epicuro, de quem deriva o termo epicurismo.

Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico, nascido em 341 a.C., defende, em sua *Carta sobre a felicidade*, endereçada a seu discípulo Meneceu, que a vida é efêmera e que, portanto, nós devemos gozá-la sem dar importância à morte:

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação dessas sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 27)

É interessante tomar a citação acima não apenas como base para os entendimentos de Horácio e Nietzsche, mas também para o desfecho do romance *Seize the Day*, que parece abraçar os ensinamentos de Epicuro sobre a morte e levá-los às últimas consequências. Ora, basta recordar que, nas últimas páginas da narrativa, ao deparar-se com um homem morto, Wilhelm passa por uma experiência similar à de uma epifania. Em contato íntimo com a morte, ele compreende e aceita a fugacidade da vida, que, como as águas de um rio, corre sem esperar por qualquer coisa ou qualquer pessoa que seja.

No que toca ao prazer, Epicuro (2002, p. 37) afirma:

[...] o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano; em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Apesar de priorizar o prazer em detrimento de todos os outros bens que pode possuir o ser humano, é importante, a esse respeito, que tracemos a diferença entre a teoria de Epicuro e o hedonismo. Enquanto este prega que o prazer pode e deve ser absoluto em qualquer circunstância, aquela advoga pela moderação: “Embora o prazer seja o nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer” (EPICURO, 2002, p. 37). Mais à frente, o filósofo explica: “[...] há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis, ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo” (EPICURO, 2002, p.38). Esse pensamento, como podemos notar, está fortemente conectado a tudo o que vimos em relação a Horácio, a Nietzsche e ao Dr. Tamkin, personagem de Bellow, no sentido de que todos preconizam a

experimentação da vida, que compreendem ser volátil, por meio do foco no tempo presente e nos prazeres que só ele é capaz proporcionar. E Wilhelm, o protagonista, é uma prova de que há “muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres”, se levarmos em conta que, na narrativa, é necessário que ele passe por um golpe e perca todo o seu dinheiro para passar a compreender e experimentar o lado bom da estar vivo.

Da filosofia clássica à contemporânea muita coisa mudou. Nações formaram-se, culturas ora consolidaram-se ora modificaram-se e guerras provocaram o ser humano no sentido de buscar novas formas de ver e compreender o mundo e a humanidade. Apesar disso, alguns dos velhos problemas e impasses discutidos milhares de anos atrás se mantêm: a busca pela felicidade, o medo da morte, a insegurança em relação ao futuro, o papel que o prazer ocupa – ou deve ocupar – na vida das pessoas. Muitos permanecem sem solução, e algumas das propostas de resolução, quando examinadas em sua essência, também pouco diferem daquilo que se propunha na Grécia antiga.

É evidente que Tim Cresswell não foi o único pesquisador contemporâneo a se interessar pelas questões que envolvem a formação de identidades no mundo fluido e movente no qual estamos imersos, segundo Bauman, há décadas. Nesse contexto, podemos trazer à baila Stuart Hall como uma das mais relevantes referências no assunto. Segundo o sociólogo britânico-jamaicano, “a chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7). Essa “ancoragem estável” a que se refere o autor era uma realidade à época do personagem que corresponde ao pai do protagonista, mas já não se aplica desde a década de 1950. E Hall (2006, p. 8) reitera, a respeito de sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*: “Este livro é escrito de uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas.”

Ao empregar os termos “deslocado” e “fragmentado”, Hall alude, em grande parte, ao homem que, já há mais de 70 anos, desloca-se mundo afora em busca de melhores condições de vida para si e sua família, caso do próprio estudioso, que migrou para a Inglaterra depois de ser aceito na Universidade de Oxford. Portanto, em grande parte de suas análises, Hall concentra-se no migrante, no sujeito que, por ter abandonado sua sociedade e cultura natais e não conseguir encaixar-se

perfeitamente nas novas sociedades e culturas por ele escolhidas, mostra-se dividido e apresenta dificuldades em assimilar padrões de nacionalidade que começam a cair por terra.

Apesar de os personagens de *Seize the Day*, e, em especial, Wilhelm, o protagonista, não migrarem de uma nação para outra, há importantes pontos de conexão entre a teoria de Hall, a de Cresswell e a narrativa de Saul Bellow. Podemos começar explorando essas conexões por meio da análise da origem religiosa da família de Wilhelm. Como tivemos a oportunidade de verificar anteriormente, Tommy é judeu, o que automaticamente remete-nos, senão necessariamente a outra nação, a outra cultura. Basta lembrarmos que, nos Estados Unidos, país onde se passa a história, a grande maioria das pessoas segue o protestantismo, seguido pelo catolicismo. Portanto, é possível afirmarmos que há, sim, uma sensação crônica de não pertencimento que permeia as ações e relações da família-foco de Bellow. Mesmo o Dr. Adler, tão afeito ao jeito particularmente americano de encarar-se o sucesso, não abre mão das tradições judaicas que segue desde a infância e critica o filho por, segundo sua opinião, ser tão relapso com a própria religião: “Wilhelm frequentemente rezava à sua maneira. Ele não ia à sinagoga, mas ocasionalmente empreendia algumas devoções. Agora ele refletia, ‘Aos olhos do meu pai eu sou o judeu errado. Ele não aprova minhas atitudes. Apenas ele é o tipo certo de judeu’”⁹⁰ (BELLOW, 2001, p. 82). Na passagem, fica bem claro que, à medida que as gerações vão passando, os novos integrantes das famílias judias que não residem no coração da ideologia judaica acabam desvinculando-se naturalmente das práticas comuns da religião. Por essa razão, o pai critica o filho, afirmando ser ele o “tipo errado de judeu”, como se isso sequer existisse.

De acordo com Mark Cohen, uma das maiores sumidades em história judaica no mundo, em um ensaio breve, porém de grande relevância, o próprio Bellow afirma: “Muitos judeus tentaram se livrar, de uma maneira ou de outra, da terrível carga histórica (judia), por assimilação ou outros meios”⁹¹ (BELLOW *apud* COHEN, 2007, p. 367). Isso ocorre porque da mesma forma que o Dr. Adler condena Wilhelm por não ser judeu “o suficiente”, os americanos que não pertencem à religião também

⁹⁰ Tradução minha. No original: Wilhelm often prayed in his own manner. He did not go to the synagogue but he would occasionally perform certain devotions, according to his feelings. Now he reflected, In Dad’s eyes I am the wrong kind of Jew. He doesn’t like the way I act. Only he is the right kind of Jew. Whatever you are, it always turns out to be the wrong kind.”

⁹¹ Tradução minha. No original: “Many Jews have tried to rid themselves in one way or another of the dreadful [Jewish] historic load by assimilation or other means.”

olham para Tommy de forma diferente, para não dizer preconceituosa. Isso fica bastante claro na seguinte fala de Tamkin: “Mas 15 mil não é uma quantia ambiciosa. [...] Por ela você não precisa se acabar na estrada, lidando com pessoas de cabeça pequena. Inclusive, muitas delas não gostam de judeus, não é mesmo?”⁹² (BELLOW, 2001, p. 77).

A esse respeito é importante trazer, especialmente neste capítulo, o fato pouco mencionado e que pode até mesmo passar despercebido ao leitor, de que o próprio Tamkin é judeu. Cohen inicia seu artigo intitulado “Um tipo reconhecível de judeu: Dr. Tamkin e Valentine Gersbach, de Saul Bellow, como parte da história social judaica”⁹³ afirmando: “Há uma interpretação do enigmático personagem Dr. Tamkin, de Saul Bellow, que nenhum crítico foi tentado a oferecer: a de que ele é um retrato realista do judeu moderno”⁹⁴ (COHEN, 2007, p. 350). Segundo o autor, essa perspectiva foi pouco explorada porque muitos insistem em ver Tamkin como um personagem impassível de credibilidade. Alguns chegam mesmo a dizer que o pretense psiquiatra coloca-se como a “ovelha negra” do romance de Bellow, que segue, do início ao fim uma toada perfeitamente realista que, contudo, é maculada pelas repetidas aparições de Tamkin (COHEN, 2007, p. 351).

Cohen, entretanto, mantém-se firme na sua compreensão de que “o compromisso de Bellow com a ‘coisa real’, o verdadeiro judeu em toda a sua complexidade, está suficientemente presente em Tamkin para solapar essas interpretações”⁹⁵ (COHEN, 2007, p. 351). Ele alega que *Seize the Day* foi escrito em um momento histórico chave para que possamos compreender as intenções de Bellow ao criar o personagem. Segundo o historiador, “pessoas comuns, distantes do poder, têm sido o foco de romances realistas desde seu princípio, no século XVIII” (COHEN, 2007, p. 353). E dentro desse vastíssimo grupo ter-se-iam inserido, mais recentemente, os migrantes, mais especificamente os migrantes judeus. Ao citar Todd Endelman, Cohen torna a ideia mais clara:

⁹² Tradução minha. No original: “But fifteen grand is not an ambitious figure,” Tamkin was telling him. “For that you don’t have to wear yourself out on the road, dealing with narrow-minded people. A lot of them don’t like Jews, either, I suppose?”

⁹³ Tradução minha. No original: “A Recognizable Jewish Type: Saul Bellow's Dr Tamkin and Valentine Gersbach as Jewish Social History”

⁹⁴ Tradução minha. No original: There is one interpretation of Saul Bellow's enigmatic Dr. Tamkin character no critic has been tempted to offer: that he is a realistic portrayal of a modern Jewish type.”

⁹⁵ Tradução minha. No original: “But Bellow's commitment to the “real thing,” the actual Jew in all his complexity, is vitally present in Tamkin in a way that undermines such interpretations.”

A influência da história social na escrita da história judaica moderna foi profunda. Ela legitimou novos caminhos de pesquisa e expandiu o conteúdo da experiência judaica moderna. De uma forma sem precedentes, homens e mulheres “comuns”, distantes de influência, poder e fomento ideológico, aqueles que em qualquer lugar e a todo momento constituíam a maioria do povo judeu, passaram a atrair a atenção de historiadores.⁹⁶ (ENDELMAN *apud* COHEN, 2007, p. 353)

Sobre o momento histórico a que me refiro, é imprescindível trazer para discussão o fato de o romance ter sido escrito e estar ambientado pouquíssimos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em que milhares de judeus foram dizimados. As referências a esse acontecimento são discretas e bastante pontuais, mas não podem passar despercebidas, principalmente em meio a uma discussão sobre o povo judeu e a diáspora judaica.

Há, em *Seize the Day*, dois personagens identificados como alemães, e ambos são tratados com hostilidade por Tommy, mesmo que apenas no modo por meio do qual este refere-se a eles. O primeiro é o já mencionado Mr. Perls, homem que Wilhelm detesta e que é amigo de seu pai. A esse respeito, o protagonista faz um observação curta e seca: “Quem é aquele maldito arenque escanifrado, de cabelo pintado, dentes de peixe e bigode tonto? Mais um dos amigos alemães do papai. Onde ele arruma todos esses caras?”⁹⁷ (BELLOW, 2003, p. 28). Toda a linguagem utilizada para caracterizar o velho chama a atenção devido ao seu caráter pejorativo e simbólico. O fato de ser “escanifrado” e de ter o “cabelo pintado”, por exemplo, apresentam-se como complementares, na medida em que o segundo tenta disfarçar o peso do primeiro. Afinal, anos de massacre e crimes contra a humanidade não passam incólumes pelas vidas dos perpetradores de atos tão atroz. Por isso, na intenção de transmitir uma imagem de mais idoneidade, o velho pinta os cabelos.

A referência ao arenque e aos “dentes de peixe” constituem outra metáfora de grande relevância. De acordo com o site do Grupo Integrado de Aquicultura de Estudos Ambientais (GIA):

⁹⁶ Tradução minha. No original: “The influence of social history on the writing of modern Jewish history was profound. It legitimized new avenues of research and expanded the content of the modern Jewish experience. To an unprecedented extent, “ordinary” men and women, persons distant from influence, power, and ideological ferment, those who everywhere and at all times constituted the majority of the Jewish people, attracted the attention of historians.”

⁹⁷ Tradução minha. No original: “Who is this damn frazzle-faced herring with his dyed hair and his fish teeth and this drippy mustache? Another one of Dad’s German friends. Where does he collect all these guys?”

Estudando os diferentes níveis alimentares entre os peixes, observa-se que a grande maioria dos peixes filtradores [...] apresentam dentes diminutos ou até ausentes na cavidade oral. [...] Já os peixes carnívoros, classificados como “topo” de cadeia alimentar, em diversas ocasiões, alimentam-se de partículas (presas) de porte muitas vezes superior ao seu tamanho corporal, necessitando de uma estrutura oral muito mais complexa que os peixes inseridos na base da cadeia alimentar. Esses, por sua vez, apresentam dentes grandes e pontiagudos, dispostos até os arcos branquiais. (STEVANATO, 2015)

A partir da passagem, é possível compreender melhor a expressão utilizada por Wilhelm, já que ela esclarece que são apenas os peixes carnívoros, como o arenque, que possuem dentes; logo, se o Mr. Perls possui “dentes de peixe”, ele é um assassino. Essa analogia encaixa-se, uma vez mais, nas ações empreendidas pelos alemães nazistas durante a Segunda Guerra. Além disso, também vale observar que todos os dentes dos peixes, diferentemente dos humanos, são pontiagudos, como pequenas facas, o que sugere que proporcionam a suas presas uma morte ainda mais dolorosa. Foi provavelmente por essa característica que Bellow optou por empregar especificamente esse animal para descrever o personagem. Ademais, não podemos ignorar o fato de esse ser vivo provir de ambientes em que a água está abundantemente presente.

Para concluir minha menção ao personagem Mr. Perls, passo às duas últimas frases da citação de *Seize the Day*: “Mais um dos amigos alemães do papai. Onde ele arruma todos esses caras?” Nelas, fica claro o desprezo de Wilhelm pelos alemães, bem como a indignação com o pai por, mesmo sendo judeu, construir laços de amizade com cidadãos do país governado pelo líder do nazismo. Inclusive, a menção ao “bigode tonto” de Mr. Perls, parece consistir em uma alusão direta ao ditador, uma vez que constitui uma das marcas mais conhecidas e até caricatas de Hitler; daí, provavelmente, o uso da palavra “tonto”: para Tommy, é vergonhoso sair à rua exibindo um bigode como o do homem que ceifou tantas vidas.

É possível afirmar, a partir da análise acima, que Bellow não ignora os horrores da guerra e faz questão de inseri-los em seu romance, ainda que de maneira simbólica e discreta, sem mencioná-los explicitamente. Inclusive, como pontuei alguns parágrafos atrás, a referência ao Mr. Perls não é a única que oferece indícios de que o autor abomina os acontecimentos que mudaram para sempre a história dos judeus.

O segundo personagem que nos permite relembrar o referido momento histórico é o gerente do mercado de matérias-primas. Wilhelm descreve-o com as seguintes palavras:

Ele era um alemão frio, educado e esguio que se vestia corretamente e usava, ao redor do pescoço, um par de óculos de ópera com o qual ele lia o quadro com as cotações. Ele era uma pessoa extremamente correta, a não ser pelo fato de ele nunca se barbear pela manhã, provavelmente porque não se importava com sua aparência perante os desastrados, os velhos, os operadores, os apostadores e os preguiçosos da parte rica da Broadway.⁹⁸ (BELLOW, 2003, p. 55)

Merece destaque o uso insistente do termo “correto” (que, no texto, aparece como “correta” e “corretamente”). Digo insistente porque ele é empregado duas vezes, em um curto segmento de texto, para descrever a mesma pessoa, o que, em princípio, seria desnecessário. Se isso aconteceu, porém, é porque houve uma intenção por parte do escritor. Os alemães levam a fama de seguir à risca as normas, e muito disso advém do seu comportamento durante a guerra, período em que a rigidez e a disciplina imperavam entre os comandados por Adolf Hitler. Segundo Cleri Aparecida Brandt e César Donizetti Pereira Leite, membros do departamento de educação da Unesp:

O período correspondente ao Terceiro *Reich* (1933 a 1945) [...] caracterizou-se pelo alto grau de violência, de dominação, de extermínio em massa, e, também, pelo envolvimento “voluntário” de crianças e jovens, que desde a mais tenra idade foram educadas para o engajamento incondicional na luta pelos ideais nazistas [...]. (BRANDT; LEITE, 2022, p. 1)

O ditador ficou famoso pela perseguição aos judeus, mas qualquer um que questionasse seus métodos ou seu poder, mesmo os próprios alemães, eram condenados ao mesmo fim.

Outras características do gerente que falam a favor de interpretação semelhante são “frio”, “educado” e “esguio”. “Frio” é o mais sugestivo: para empreender a matança que os alemães empreenderam durante a guerra, eles precisavam, necessariamente, lidar com aquilo tudo de maneira distante e indiferente. “Educado”, por sua vez, pode ter sido usado porque a nação, à época dos eventos

⁹⁸ Tradução minha. No original: “He was a cold, mild, lean German who dressed correctly and around his neck wore a pair of opera glasses with which he read the board. He was an extremely correct person except that he never shaved in the morning, not caring, probably, how he looked to the fumlbers and the old people and the operators and the gamblers and the idlers of Broadway uptown.”

aqui em discussão, prezava, acima de tudo, pela obediência e disciplina. E “esguio” por esse traço físico costumar transmitir a ideia de austeridade e até de controle, aludindo a alguém que faz questão de manter pleno domínio sobre o corpo.

Vale também abordar o uso dos óculos de ópera, que sugere tratar-se de uma pessoa culta, que frequenta ambientes próprios da elite, ainda que, no romance, os óculos não sejam utilizados para o fim que seu nome sugere. Finalmente, o fato de o gerente alemão não fazer a barba pela manhã, segundo Wilhelm, pelo fato de não importar-se com o que os indivíduos com os quais lida diariamente pensam sobre ele, indica-nos que, assim como os nazistas julgavam-se superiores a todos os outros seres humanos, o personagem crê não precisar apresentar-se barbeado por acreditar que lida apenas com pessoas inferiores, as quais não merecem sua preocupação.

Após essas considerações, salientamos, no caso específico dos Estados Unidos, a coincidência temporal entre o que entende-se por diáspora judaica e o advento do romance realista, conforme salientado por Cohen. A estudiosa Marta F. Topel assim define o conceito de diáspora:

O auge do estudo da(s) diáspora(s) nos últimos 30 anos encontra em autores como Bhabha (1994), Appadurai (1989), Hall (2006) e Clifford (1994) referências fundamentais. Basicamente, os autores mencionados escrevem a partir de uma perspectiva pós-colonialista que, entre outros, tenta compreender e valorizar as múltiplas diásporas criadas no Ocidente destacando a sua singularidade em um mundo globalizado e transnacional. Outra questão longamente discutida é o impacto das diásporas nos países de acolhimento. Existe uma dimensão política transgressora e até utópica nessas abordagens que enxergam a diáspora já não como uma catástrofe, mas como um lócus para a recriação de novas culturas, cujas características são o hibridismo, a mistura, a fragmentação e a desterritorialização. (TOPEL, 2015, p. 335)

A diáspora vista sob o ponto de vista descrito por Topel vai ao encontro das ideias de Tim Cresswell, na medida em que valoriza a fluidez e a liquidez das relações humanas, tal qual igualmente apregoado por Tamkin em *Seize the Day*. Recordemos que a “política transgressora e até utópica” descrita por Topel, bem como o “hibridismo, a mistura, a fragmentação e a desterritorialização” são valores igualmente defendidos pelo geógrafo como importantes componentes das mudanças positivas trazidas à tona pela mobilidade e, conseqüentemente, pela metafísica do fluxo.

No caso específico de Israel, houve o registro de alguns movimentos migratórios ao longo dos anos, desde a criação do Estado. Segundo Nathália Queiroz Mariano Cruz (2013, p. 1), “De acordo com a tradição judaica, a dispersão populacional é vista como um estado de exílio, pressupondo uma restauração definitiva com a terra de origem apenas com a vinda do messias.” Ou seja, uma grande parcela dos judeus reconhece nos movimentos migratórios um estado natural do seu povo. A autora aponta dois grandes momentos de dispersão, ainda antes de Cristo: “A ideia de exílio [...] até então abarcava as comunidades judaicas emigradas para as regiões mesopotâmicas e egípcias. Mas é sobretudo com a helenização que o exílio hebraico passará a abranger também as regiões a oeste do Oriente Próximo [...]” (CRUZ, 2013, p. 2).

Foi especialmente a construção de uma sinagoga em Jerusalém, por volta do século X d.C., porém, que criou nos adeptos do judaísmo o seu tão conhecido sentimento de pertencimento àquela terra. Nas palavras de Cruz (2013, p. 11), “O fato de a sinagoga ser a única instituição em comum para os judeus da diáspora no mundo antigo e de ter sido reconhecida como centro religioso de um grupo, pode ter acarretado numa admissão muito prematura desta como local sagrado para muitas comunidades judaicas.”

Para alcançar os objetivos propostos para esta tese, concentrar-me-ei naquele que foi um dos mais importantes momentos de diáspora entre o povo judeu, o ocorrido durante o período da Segunda Guerra Mundial. Interessantemente, uma grande parte dos que migraram para os Estados Unidos escolheram a cidade de Nova Iorque, onde se passa o romance, como o lugar ideal para recomeçarem. Caryn Aviv e David Shneer (2005, p. 139) explicam:

Nova Iorque é judia não apenas devido à sua ressonância cultural, percebida tanto por judeus quanto por não judeus, mas também porque Nova Iorque foi, e continua sendo, o lar de incontáveis instituições, comunidades e indivíduos judeus, representando praticamente qualquer versão imaginável do que significa ser judeu. É o marco-zero dos negócios da diáspora, do turismo judaico global, da filantropia, de institutos de pesquisa e de organizações não governamentais. É onde a identidade e a memória judaicas são formadas, representadas, reinventadas, contestadas e depois enviadas ao resto do mundo. É o lar prototípico para os novos judeus da atualidade, o lugar onde eles

inicialmente fixam raízes, ainda que, eventualmente, eles venham a deixar a cidade.⁹⁹

Essa explicação faz todo o sentido se olharmos para Nova Iorque como um dos poucos lugares no mundo em que diversas culturas e nacionalidades coabitam em relativa harmonia. Não apenas os judeus, mas orientais, africanos, europeus e latino-americanos provenientes de diversos países sentem algum conforto com tudo o que é proporcionado pela cidade. Utilizo os termos “relativa harmonia” e “algum conforto”, contudo, porque, apesar de buscar reproduzir a terra natal de milhares de pessoas deslocadas, Nova Iorque não consegue, mesmo com todos os seus atributos, substituir o contexto e o ambiente próprios dos seus locais de origem.

Daí a ideia trazida pelo Dr. Adler de seu filho ser um judeu “incompleto”. Nascido e criado nos Estados Unidos, ainda que sob os preceitos do judaísmo, Wilhelm se encontra “deslocado” e “fragmentado”, termos utilizados por Hall, no que diz respeito à sua relação com a religião: enquanto sua família julga que poderia ser mais e fazer mais, a sociedade em meio à qual vive diz que ele não só poderia como deveria ser “menos” judeu, ou, até melhor, não ser judeu de forma alguma. Isso leva-o a sentir-se desnorteado, confuso e indeciso, sentimentos que são, segundo Hall, partilhados por milhares de integrantes da contemporaneidade. E é interessante notar como isso também reflete-se, no romance, na relação que o herói estabelece com o dinheiro. Já tive a oportunidade de discutir que Wilhelm, ao mesmo tempo em que o vê como vilão, como o verdadeiro e único responsável pela sua infelicidade, passa todo o dia, quase que obsessivamente, buscando formas de lucrar o máximo possível. Aqui vale recordar que os judeus são amplamente conhecidos pelo íntimo laço que estabelecem com o capital; assim, Tommy, uma vez mais, concomitantemente abraça e combate as suas origens.

Além da questão relacionada à religião, que, como vimos, apesar de não constituir um dos pontos mais importantes da ficção construída por Bellow, está bastante presente em suas páginas, também podemos apontar os constantes deslocamentos físicos de Wilhelm como outro traço característico de sua

⁹⁹ Tradução minha. No original: “New York is Jewish not just because of its perceived cultural resonance, picked-up by Jews and non-Jews alike, but also because New York has been, and continues to be, home to countless Jewish institutions, communities, and individuals, representing almost every imaginable version of what it means to be Jewish. It is ground zero of the diaspora business, of global Jewish tourism, philanthropy, research institutes, and non-profit organizations. It is where Jewish identity and memory are manufactured, performed, reinvented, contested and then circulated throughout the world. It is the prototypical home for today's new Jews, a place in which they first plant roots, even if they eventually leave there for other locales.”

fragmentação. Tommy parece nunca estar satisfeito nos lugares onde se estabelece, e invariavelmente parte em busca de “algo melhor”. Esse comportamento corrobora em grande parte o que vimos ser verdade para a realidade da modernidade líquida de Bauman, em que as pessoas estão sempre procurando pela opção que mais condiga com seus anseios, sem, no entanto, a encontrarem. Wilhelm inicia seu processo de peregrinação na juventude, quando muda-se para Hollywood no intuito de perseguir a carreira de ator. Depois de desistir da empreitada, portanto, ele volta à sua cidade natal e casa-se, assumindo, em seguida, o curioso emprego de caixeiro-viajante, que leva-o a passar a maior parte do seu tempo viajando pelo país. Utilizei a palavra “curioso” porque não parece à toa que Bellow confere justamente essa ocupação a seu protagonista. Assim como as águas de um rio, ou mesmo do mar, que nunca ficam paradas, Wilhelm tem a imperativa necessidade de estar sempre em movimento, sempre em busca de algo que nem ele mesmo sabe o que é. Eventualmente ele acaba abrindo mão também do emprego de vendedor e retorna a Nova Iorque, onde ainda vive seu pai (este nunca se desloca), mas fala com frequência na garota de Roxbury, que pretende encontrar novamente. É como se ficar imóvel fosse quase uma impossibilidade.

Interessantemente, no que toca a Tamkin, as mesmas duas características podem ser apontadas. Me refiro à relação com o dinheiro e com os deslocamentos. Tal qual o protagonista, o médico charlatão está constantemente em busca de aumentar o seu patrimônio financeiro, assim como vê-se, a todo momento, mudando-se de cidade e até de país.

Há, porém, uma diferença substancial, e que é chave para a nossa análise, entre as formas por meio das quais tais características são percebidas por ambos. Enquanto para Wilhelm o dinheiro e as mudanças são tidos como consequências terríveis de uma vida desajustada – a sua própria –, para Tamkin elas são quase que dádivas. E isso tudo tem a ver com as abordagens teóricas que temos discutido, em especial a de Bauman e a de Cresswell. Tommy, fatalista como Bauman, tende a olhar para a fluidez como algo negativo, algo que pode levar não apenas ele como toda a sociedade à ruína. Tamkin, em contrapartida, como o bom “cidadão líquido” que é, enxerga, onde Wilhelm só vê problemas, a solução para o mundo moderno: adequar-se, agir conforme o popular ditado em inglês: “Go with the flow.”¹⁰⁰

¹⁰⁰ Em português: “Vá com a maré.”

Por essa razão Tamkin não sofre. Mesmo como judeu deslocado, mesmo estando distante de suas origens e mesmo precisando adaptar-se a cada cultura que eventualmente abraça como sua, ele não se desespera ou sequer se comove. Ele apenas se deixa levar pelas águas da modernidade líquida, da metafísica do fluxo, e, dessa forma, encontra aquilo que, para ele, coloca-se como a verdadeira felicidade e a verdadeira realização pessoal.

Com isso passo para a minha terceira discussão neste capítulo: a diferença entre as noções de mobilidade e lugar e as suas implicações na narrativa de Bellow e na minha análise.

3.3 Mobilidade e lugar

Optei por iniciar esta seção com uma reflexão trazida de uma outra obra literária, que, assim como as demais que já foram trabalhadas nesta tese, carrega semelhanças com *Seize the Day*, especialmente no que toca à importância conferida à água como símbolo na narrativa. Me refiro ao romance *Sidarta*, do autor alemão Hermann Hesse.

Em que pese a relevância da semelhança entre os textos no uso simbólico do elemento água, ela não é a única, o que contribui para enriquecer ainda mais a comparação feita nos parágrafos que seguem. Além dela, merece ser citado, também, que os dois protagonistas vivem, até certo momento de suas vidas, em um estado permanente de angústia, o qual só é eliminado depois de passarem por anos de sofrimento que, por fim, acabam direcionando-os à plena realização pessoal.

Tal qual Bellow, Hesse foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1946. Também de maneira similar ao autor de *Seize the Day*, o escritor de *Sidarta* levou uma vida repleta de idas e vindas. Filho de pais protestantes fervorosos, ele nasceu e cresceu na Alemanha, mas viajou muito e morou em diversos outros lugares, entre eles a Suíça. Foi uma temporada na Índia – país onde seus pais já haviam atuado como missionários –, contudo, que o incentivou a escrever o romance aqui mencionado, que trata da história de Sidarta Gautama, o fundador do budismo.

A narrativa conta a trajetória do brâmane (casta privilegiada na Índia) que abandonou tudo – família, posição social, dinheiro, conforto e estabilidade – para adentrar uma existência errante em busca de atingir aquilo que, na cultura hindu, é conhecido como o Nirvana, um estado de plenitude espiritual em que ocorre a

libertação de todo tipo de dor, no qual abdica-se completamente do apego aos sentidos, aos bens materiais e até à própria vida.

De modo simplificado, o conceito de Nirvana pode ser compreendido, segundo o filósofo espanhol Ismael Quiles (1964), como um ideal de felicidade que até hoje é fortemente perseguido pelos adeptos do budismo:

Dentro do budismo, (o Nirvana) está arrastando atrás de si, há vinte séculos, as multidões, desde o homem ignorante de um povoado até os mestres sábios, ansiosos por alcançá-lo. Já no tempo do Buda, eram incontáveis os homens e mulheres que abandonavam tudo em suas vidas: as riquezas, os prazeres, a glória mundana, e se encerravam nos mosteiros, levando uma vida de penitência, de austeridade e de vigilante autocontrole, com o único afã de alcançar essa misteriosa felicidade que o Nirvana lhes sugeria. O próprio Buda propunha, desde o princípio, o Nirvana como a recompensa incomparável de todos os sacrifícios que se empreendiam para se cumprir a lei que ele predicava [...].¹⁰¹ (QUILES, 1964, p. 83)

Essa ideia é exatamente o que mostra a história de Hesse, que acompanha praticamente toda a vida de Sidarta, desde sua juventude até a velhice, quando ele, enfim, logra alcançar o célebre Nirvana. Antes de isso acontecer, porém, o personagem passa por diversas experiências, algumas agradáveis, outras nem tanto. Entre elas, podem ser citados seus anos como samana (peregrino cético), sua passagem pelo universo da servidão, quando trabalhou como funcionário de um rico comerciante, e sua descoberta da sexualidade e dos prazeres mundanos, como o jogo, a bebida e a riqueza. Depois de adotar aqueles que julgava serem todos os estilos de vida possíveis para um ser humano e, ainda assim, não encontrar a iluminação procurada, Sidarta se desespera:

Sentia-se invadido de profunda tristeza. Atormentava-o a impressão de ter levado uma existência vil, miserável, insensata. O que lhe sobrava não tinha nem vida, nem encanto. Não valia a pena guardá-lo. Via-se isolado, desprovido de tudo, qual naufrago atirado a uma praia erma. (HESSE, 2019, p. 99)

¹⁰¹ Tradução minha. No original: “Dentro del budismo, está arrastrando tras de sí, desde hace veinticinco siglos, las multitudes, desde el hombre ignorante del pueblo hasta los sabios maestros, ansiosos todos por alcanzar el Nirvana. Ya en tiempo de Buda, eran innumerables los hombres y las mujeres que lo abandonaban todo en su vida: las riquezas, los placeres, la gloria mundana, y se encerraban en los monasterios o llevaban una vida de penitencia, de austeridad y de vigilante autocontrol, con el único afán de alcanzar esa misteriosa felicidad, que el Nirvana les sugeria. El mismo Buda propuso, desde el principio, al Nirvana como la recompensa incomparable de todos los sacrificios, que se hacían para cumplir la ley que él predicava [...]”

Na passagem acima, podemos observar que o estado de angústia de Sidarta aproxima-se em muito daquele experimentado por Wilhelm, em *Seize the Day*. Ambos encontram-se desolados, sem perspectivas. Enquanto Sidarta está ilhado, “qual náufrago atirado a uma praia erma”, Wilhelm afoga-se. Nenhum dos dois estados mostra-se propício à continuação da vida. E ambos têm a água como motivo, na medida em que é ela que previne tanto um como o outro homem de obter o que tanto deseja.

É igualmente importante notarmos que, além da água, eles também têm em comum as suas histórias de vida fortemente moventes. Embora de modos distintos, eles escolhem o mesmo método para encontrar a felicidade: o movimento. Enquanto Wilhelm muda de um emprego para outro e de uma cidade para outra, Sidarta insere-se em uma rotina igualmente dinâmica. Contudo, uma vez mais, para um e para o outro, a verdadeira paz e a verdadeira felicidade são apenas obtidas quando a água passa a ser vista não mais como um obstáculo – a razão para o afogamento simbólico de Wilhelm ou para o aprisionamento metafórico de Sidarta –, mas sim como ferramenta.

Wilhelm, como já vimos, identifica um propósito para a sua existência no momento em que deixa de lutar contra a liquidez que o circunda. Sidarta, de forma idêntica, encontra na água a fonte de inspiração para a resolução de seus impasses espirituais. E, aqui, o mais intrigante é que o buda também conta com um mentor; como o herói de Bellow tinha Tamkin, o protagonista de Hesse tem Vasudeva, um velho balseiro que lhe transmite os ensinamentos que permitem que ele, enfim, comece a vislumbrar o caminho da iluminação:

Quem me ensinou a escutar foi o rio e ele será o teu mestre também. O rio sabe tudo e tudo podemos aprender dele. Olha, há mais uma coisa que água já te mostrou: que é bom descer, abaixar-se, procurar as profundezas. O rico e nobre Sidarta converteu-se num remador; o erudito brâmane Sidarta torna-se balseiro. Também isso te sugeriu o rio. O resto, ele te ensinará ainda. (HESSE, 2019, p. 124)

As palavras do idoso não têm muito sentido para Sidarta no momento em que são proferidas. Assim como para a maioria das outras pessoas, o rio, para ele, representa não mais que um inconveniente:

Muita gente fez a travessia comigo, milhares de homens, provavelmente, para todos eles o rio representava apenas um

estorvo, a atrasar a sua viagem. Andavam atrás de dinheiro ou de negócios, encaminhavam-se a casamentos, faziam peregrinações. O rio opunha-se a eles e o balseiro tinha a incumbência de ajudá-los a vencer o mais depressa possível o obstáculo. Mas houve alguns entre esses milhares, uns poucos, quatro ou cinco talvez, para os quais o rio cessou de ser um estorvo. Escutaram a sua voz e prestaram atenção ao que ele dizia, e o rio tornou-se-lhes sagrado, assim como chegou a ser para mim. (HESSE, 2019, p. 125)

Na passagem, Vasudeva demonstra imensa clareza sobre o modo pelo qual a água é tida pelas pessoas comuns, aquelas que, na narrativa, nunca atingem o Nirvana, aquelas que nunca deixam de viver uma existência vã e sem significado, tal qual a que Sidarta levava até aquele momento e seguiria levando por mais alguns anos.

Certo dia, porém, já em sua velhice, em meio a um intenso sofrimento pela partida do filho, o buda, finalmente, em uma espécie de epifania similar à experimentada por Wilhelm, logra dar significado a tudo o que Vasudeva dissera-lhe até então:

O rio rumava em direção à sua foz. Sidarta percebia a pressa daquela corrente formada por ele mesmo, pelos seus, por todos os homens que já se lhe haviam deparado. Todas essas ondas e águas, carregadas de sofrimentos, precipitavam-se em busca de suas metas, que eram muitas, as cataratas, o lago, o estreito, o mar e, uma a uma, as metas eram alcançadas, mas a cada qual seguia outra; da água formava-se bruma, que subia ao céu, transformava-se em chuva, a cair das alturas, virava fonte, virava regato, virava rio e novamente iniciava a sua jornada, novamente fluía rumo à meta. [...] Sidarta escutava. [...] Quantas vezes não ouvira todos aqueles rumores, a multiplicidade das vozes que vinham do rio, mas que naquele dia lhe pareciam novas. [...] Tudo era uma e a mesma coisa, tudo se entretecia, enredava-se, emaranhava-se mil vezes. E todo aquele conjunto, a soma das vozes, a totalidade das metas, das ânsias, dos sofrimentos, das delícias, todo o Bem e todo o Mal, esse conjunto era o mundo. Esse conjunto era o rio dos destinos, era a música da vida. Mas, quando ele escutava atentamente o que cantava o rio, com seu coro de mil vozes, quando se abstinha de destilar dele o sofrimento ou o riso, quando cessava de ligar a alma a determinada voz e de penetrar nela com o seu espírito, quando, pelo contrário, ouvia todas elas, a soma, a unidade, acontecia que a grandiosa cantiga dos milhares de vozes se resumiam numa só palavra, que era *Om*, a perfeição. (HESSE, 2019, p. 157)

Fica clara, na passagem, a relação estabelecida entre a água e o movimento. Mesmo nos locais em que encontra-se aparentemente estática, como em lagos e lagoas, ela move-se, transformando-se em chuva e passando, em seguida, a compor rios, mares ou até outros lagos e lagoas, em uma dinâmica sem fim. E essa dinâmica sem fim é,

por sua vez, associada à própria vida. Segundo a ideia transmitida no romance, assim como a água do mar eventualmente transmutar-se-á em cascata, em um constante processo de atingimento de “metas”, as pessoas também seguirão movendo-se, transformando-se e alcançando suas metas, uma após a outra, indefinidamente.

Vimos, portanto, que, do mesmo modo que em *Seize the Day*, em *Sidarta* um dos objetivos é mostrar que a mobilidade faz parte da vida. E, no mundo contemporâneo, ou líquido, como definiria Bauman, ela está ainda mais presente. Mas o que, de fato, significa “mobilidade”, esse conceito do qual temos lançado mão desde o início desta tese? E, além disso, qual a sua relação com o termo “lugar”? São eles complementares ou antagônicos?

Pode-se dizer, de modo geral, que, no exemplo de *Sidarta*, “lugar” estaria para rio, mar, chuva e cascata como “mobilidade” estaria para aquilo que é compreendido como a “perfeição”, ou o *Om*. Assim, temos que a mobilidade pressupõe a existência de diversos lugares, sem os quais ela não existiria. É como se o lugar fosse um estado, e a mobilidade a passagem de um estado ao outro.

John Urry, ao discorrer sobre o turismo em sua obra intitulada *O olhar do turista*, coloca o movimento como uma necessidade das sociedades contemporâneas: “[...] o notável crescimento do turismo parece estar vinculado à sacração do desejo de liberdade como uma das marcas mais salientes do homem moderno [...]. Mobilidade, em todas as acepções que o termo permite – social, cultural, temporal, física e de identidade” (URRY, 2001, p. 10). Reforçam esse entendimento de Urry as ideias de Maria Zilda Cury (2010, p. 425), que afirma: “Atualizados no campo semântico da pós-modernidade, diáspora e desterritorialização, liquidez e circulações urbanas e mobilidade linguística ganham matizes que seduzem o leitor para a reflexão sobre o imaginário movente que enforma a contemporaneidade.” Ou seja, a autora vê no termo “liquidez” um componente hoje indissociável dos conceitos de contemporaneidade e mobilidade.

Milton Santos, geógrafo brasileiro, contudo, chama atenção para o caráter classista do termo: “Certamente, nas condições de mutação permanente que caracterizam a sociedade, alguns indivíduos são dotados de mais mobilidade que outros. Com efeito, enquanto uns são extremamente móveis relativamente ao meio, outros são até certo ponto imóveis” (SANTOS, 2007, p. 109). Ele atribui esse fato à pobreza e às diferenças socioeconômicas, que privam os indivíduos de moverem-se. Como exemplo, o autor cita o caso de uma pessoa ou uma família que vê seu acesso

a certos bens e/ou serviços bloqueado pela impossibilidade de custear a sua locomoção até eles: “Os moradores que dispõem de meios para locomover-se têm, assim, acesso mais fácil, e aqueles cuja mobilidade é limitada ou nula devem pagar localmente mais caro, e às vezes por isso mesmo renunciar ao seu uso” (SANTOS, 2007, p. 116).

Com essas duas perspectivas sobre mobilidade, podemos ter uma ideia da amplitude do conceito, que deve levar em conta, para sua apreensão e aplicação, noções de diversas áreas do conhecimento e esferas da vida do homem da atualidade. Para Tim Cresswell (2006, p. 55):

A metafísica do sedentarismo é um modo de pensar e agir que vê a mobilidade como suspeita, como ameaçadora e como um problema. A mobilidade alheia é capturada, ordenada e colocada em algum lugar de modo a se fazer compreensível em uma sociedade moderna. A mobilidade é experimentada como um “*anacrorismo*” – o equivalente espacial de *anacronismo*. Enquanto o anacronismo é uma categoria lógica (uma coisa fora do tempo), o anacrorismo é uma categoria social e cultural – uma coisa fora do lugar ou totalmente sem lugar. Ao passo que o lugar é uma “coisa no mundo” moralmente ressonante, a mobilidade como anacrorismo é uma ameaça ao mundo moral.¹⁰²

Interessante, aqui, é chamar atenção para o uso, por Cresswell, do termo em inglês *anachorism*, o qual optei por traduzir para “anacrorismo”, depois de constatar a inexistência de um correspondente exato na língua portuguesa. A palavra, como pudemos verificar acima, designa um “erro geográfico”, a alocação de uma pessoa, um evento ou um objeto em um lugar equivocado. Como a expressão análoga “anacronismo”, “anacrorismo” provém do grego (*ana*, que significa “contra” e *khōros*, que significa “lugar”).

Para o autor, contudo, o vocábulo perde o sentido quando trazido para o contexto do pensamento nômade, móvel – aquele que Cresswell identifica como o predominante na atualidade –, pelo simples motivo de não mais haver lugar “incorreto” ou “inadequado”. Todos podem estar onde desejarem quando desejarem, sem que isso seja visto como distúrbio:

¹⁰² Tradução minha. No original: “The metaphysics of sedentarism is a way of thinking and acting that sees mobility as suspicious, as threatening, and as a problem. The mobility of others is captured, ordered, and emplaced in order to make it legible in a modern society. Mobility is experienced as *anachorism* – the spatial equivalent to *anachronism*. While anachronism is a logical category (a thing out of time), anachorism is a social and cultural category – a thing out of place entirely. Insofar as place is a morally resonant thing-in-the-world, mobility as anachorism is a threat to a moral world.”

A metafísica do nomadismo, por outro lado, tem pouco tempo para conceitos fechados de lugar. O mundo é visto sob o prisma da mobilidade, do fluxo, da transformação e da mudança. [...] O lugar é visto como algo redundante, exótico, obsoleto – nada além, ou aquém, do desfecho lógico de combinações singulares de fluxo e velocidade. Enquanto um sedentarista veria um prédio, por exemplo, como um todo completo, um edifício, uma permanência relativa no tempo e no espaço, um nomadologista o veria de uma forma diferente. [...] Quando visto sob a lente da metafísica do nomadismo, tudo está em movimento, e a estabilidade é ilusória.”¹⁰³ (CRESSWELL, 2006, p.55)

Trazendo esse raciocínio para o romance *Seize the Day*, temos que o “ruim” e o “errado” não é o fato de Wilhelm ter tido diversos empregos, morado em vários lugares ou mesmo ingressado em um relacionamento que não foi “para sempre”, como Dr. Adler insiste em dizer que seria o mais adequado. O equívoco de Wilhelm, tomando-se como pressuposto a compreensão de Cresswell acerca da mobilidade, foi ter tentado viver a vida toda como seu pai, sendo que, para o velho, os tempos eram outros. O que Tamkin mostra-lhe, portanto, assim como o que Vasudeva mostra a Sidarta, é que a beleza da existência está justamente nos processos; porque quando o rio vira mar, ele não se estabelece como mar para toda a eternidade: ele evapora e se transforma em diversas outras coisas até, um dia, voltar a ser rio e voltar a ser mar mais uma vez.

¹⁰³ Tradução minha. No original: “The metaphysics of nomadism, on the other hand, has little time for traditional kinds of “placey place.” The world is seen through the lens of mobility, flow, becoming, and change. [...] Place is seen as redundant, quaint, in the past—no more (or less) than the logical outcome of unique combinations of flow and velocity. While a sedentarist would see a building, for instance, as a complete whole, an edifice, a relative permanence in space and time, a nomadologist would see the building differently. [...] When seen through the lens of a nomadic metaphysics, everything is in motion, and stability is illusory.

4 UM ROMANCE LÍQUIDO

Como foi examinado até aqui, dois dos personagens mais importantes da narrativa podem ser relacionados cada qual com uma corrente teórica distinta, no que toca à forma de encararem a realidade que os cerca. Enquanto a visão de Tommy Wilhelm, o protagonista, associa-se ao pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, no capítulo 2, a do Dr. Tamkin é, no capítulo 3, conectada aos pressupostos de Tim Cresswell. Ambas têm em comum a sua relação simbólica com a água, que dá corpo tanto às mencionadas teorias quando ao romance de Saul Bellow.

Tendo priorizado a análise de personagens nos dois últimos capítulos, outros aspectos do romance *Seize the Day* em si, relacionados ao recorte teórico já desenvolvido, necessitam, agora, ser detalhados. Para isso, tomo como base, mais uma vez, a ideia de que a simbologia da água permeia a obra em sua completude. Dessa forma, em um primeiro momento, lançarei um olhar mais apurado ao seu enredo, apontando características técnicas da construção da narrativa que falam a favor de aspectos relacionados à fluidez. Depois, tratarei da linguagem empregada na tessitura do romance, incluindo seu vocabulário e algumas de suas estruturas gramaticais. Por fim, discutirei as ambíguas páginas finais de *Seize the Day*, explicitando uma das inserções intertextuais mais relevantes para se pensar no desfecho escolhido por Bellow.

4.1 Enredo em ondas

John Cuddon (1998, p. 557), em seu *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*, define o termo “enredo” da seguinte forma: “O plano, o desenho, o esquema ou o padrão de eventos em uma peça, um poema ou um trabalho de ficção; e, indo além, a organização de incidentes e personagens de modo que induza curiosidade e suspense no espectador ou leitor.”¹⁰⁴ O romancista inglês E. M. Forster, por sua vez, usa exemplos para descrever um enredo eficaz:

Nós definimos história como uma narrativa de eventos organizados em uma sequência espaço-temporal. Um enredo é também uma narrativa de eventos, porém com ênfase na causalidade: “O rei

¹⁰⁴ Tradução minha. No original: “The plan, design, scheme or pattern of events in a play, poem or work of fiction; and, further, the organization of incident and character in such a way as to induce curiosity and suspense (q.v.) in the spectator or reader.”

morreu e a rainha morreu” é uma história. “O rei morreu e rainha morreu de tristeza” é um enredo. A sequência temporal é preservada, mas o senso de causalidade a ofusca. Ou mais uma vez: “A rainha morreu, mas ninguém sabia por que, até que descobriram que foi por tristeza pela morte do rei.” Esse é um enredo com mistério, uma forma passível de amplo desenvolvimento. Ela suspende a sequência temporal, ela se move para o mais longe da história que suas próprias limitações permitem.¹⁰⁵ (FORSTER *apud* CUDDON, 1998, p. 558)

Os casos citados pelo autor são bastante significativos, pois nos fazem compreender não apenas a diferença entre história e enredo (dois termos muito confundidos pelo leitor comum) como também o que faz um bom enredo. Desse modo, temos que a história, enquanto mostra-se preocupada quase que exclusivamente em situar o ouvinte/leitor quanto ao tempo e ao espaço relacionados aos eventos relatados, o enredo tira a relevância desses dois elementos e a coloca em palavras ou expressões que confirmam mistério à narrativa, ou seja, que despertem a curiosidade do receptor em relação à mensagem que está sendo transmitida. Quando lemos “A rainha morreu, mas ninguém sabia por que, até que descobriram que foi por tristeza pela morte do rei”, alguns dos pensamentos que tendem a cruzar a nossa mente são: “Por que será que ninguém sabia a razão da tristeza da rainha? Será que também não tinham conhecimento sobre a morte do rei? Como eles morreram?”

Portanto, a escrita literária, tendo como um de seus principais papéis gerar entretenimento, trabalha com histórias formuladas por meio de enredos. E, como vimos, os traços de tempo e espaço não são elementos principais dos últimos, mas, sim, das primeiras, podendo, muitas vezes, ser alterados sem que o resultado final seja perdido. Exemplo disso são as inúmeras releituras já feitas do clássico shakespeariano *Romeu e Julieta*, que já foi ambientado, tanto em livros quanto em filmes, em diferentes épocas e locais. Essa ideia será de singular importância quando eu for tratar de minhas considerações finais e endereçar a pergunta de pesquisa proposta em minha introdução: como uma narrativa de 1956 pode prenunciar o pensamento teórico de dois grandes autores em voga no século XXI, que publicaram entre 1957 e 2019?

¹⁰⁵ Tradução minha. No original: “We have defined a story as a narrative of events arranged in their time-sequence. A plot is also a narrative of events, the emphasis falling on causality. ‘The king died and the queen died,’ is a story. ‘The king died and then the queen died of grief,’ is a plot. The time-sequence is preserved, but the sense of causality overshadows it. Or again: ‘The queen died, no one knew why, until it was discovered that it was through grief at the death of the king.’ This is a plot with a mystery in it, a form capable of high development. It suspends the time-sequence, it moves as far away from the story as its limitations will allow.”

Por hora, contudo, basta trabalhar o termo-chave desta seção. Trago à baila, portanto, as seguintes palavras de John Mullan (2006, p. 169):

É importante diferenciar *enredo*, *narrativa* e *história*. Nós podemos pensar na história de um romance como o material relacionado a seus eventos e personagens – é o que acontece. [...] A mesma história pode ser narrada de diferentes formas. [...] *Enredo* já é outra coisa. Nós, por vezes, falamos sobre ele como algo “misterioso”, por ser aquilo que conecta eventos e personagens. Nós vamos descobrindo o enredo à medida que vamos lendo, por isso o autor que lhe dá enfoque deve ora ocultar e ora revelar conexões. Um enredo dá dicas ou pistas em uma parte da narrativa, sugerindo que algo vai ser explicado em uma outra parte. Quando o enredo é fundamental em uma história, o romancista deve prever o desfecho antes de definir o início.¹⁰⁶

Disso tudo, tiro a compreensão de que, no fim das contas, o enredo é a forma por meio da qual conta-se uma história. Com isso, temos que uma mesma história pode ser transmitida de maneiras totalmente diversas (com mistério, com romantismo, com humor, com tristeza, e assim por diante). Nesse ínterim, James Wood (2008, p. 168) é outro teórico que pode proporcionar contribuições muito interessantes para esta análise. Ele afirma que:

Muitos de nós encontram dificuldades de ver ou pensar sobre o formato de nossas histórias de vida. Nós vivemos dentro de um enredo – a correria do dia a dia, uma agenda cheia de compromissos e obrigações, as coincidências e eventos que brotam sobre nós pelo acaso. Nós vivemos em uma eterna fase de descobertas. Talvez um ou duas vezes por ano, em uma data importante como o Ano-Novo ou nosso aniversário, nós tentamos refletir sobre as formas da nossa vida, sobre o que já passou e o que ainda está por vir. Nesses momentos, nós tentamos transformar o enredo (acaso) em forma (destino, providência). Algo parecido acontece em funerais e velórios: nós obtemos um senso de reflexão sobre uma vida inteira, agora finalizada; nós paramos para pensar na forma de uma vida. Nós fazemos isso porque a morte interrompeu aquela vida: a morte impôs seu tipo austero de forma, um formato e um significado metafísicos. [...] A morte garante a autoridade da narrativa do contador de histórias; a morte torna uma história transmissível.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Tradução minha. No original: “It is useful to distinguish between *plot*, *narrative* and *story*. We can think of a novel’s *story* as the material of its events and characters – what happens in it. [...] The same story might be narrated in different ways. [...] *Plot* is something else again. We sometimes talk of a plot being ‘unravelling’, for it is the casual chain that connects events and characters. We discover the plot as we read, so the plot-driven author must conceal connections as well as eventually reveal them. A plot has clues or hints in one part of the narrative, suggesting that something will be explained in another part. If a plot is paramount, a novelist must foresee the end before finalizing the beginning.”

¹⁰⁷ Tradução minha. No original: “Many of us find it hard to see or think about the shape of our life stories. We live caught up in a plot – the rush of day-to-day instances, the full calendar of appointments

A citação é longa, mas optei por reproduzi-la na íntegra dada a relevância de seu conteúdo para minha discussão. Além de tratar do assunto desta seção, o enredo, o autor toca em uma questão de grande peso para o leitor de *Seize the Day*. Me refiro ao funeral, à morte, que permeia as páginas finais do romance de Bellow.

Wood coloca os velórios e cerimônias fúnebres em geral como alguns dos poucos momentos em que paramos para refletir sobre o significado dos eventos que tomam parte em nossa vida. Em uma comparação, poderia dizer que esta estaria para o que vimos corresponder ao conceito de “história” como seus mistérios, as coisas sem explicação que acontecem conosco, também chamadas de acaso, estariam para o enredo. Ora, tomando por base esse raciocínio, é possível dizer que *Seize the Day* traz um exemplo que mimetiza com maestria aquilo que está passível de acontecer com qualquer um na “vida real”. Me refiro ao momento em que Wilhelm insere-se no funeral do desconhecido e passa a repensar tudo que se passara com ele até aquele momento, incluindo os ensinamentos transmitidos por Tamkin. E é a partir de sua conclusão, alcançada de maneira velada, que percebemos que o enredo de Bellow, apesar de carregar um tom negativo ao longo da quase totalidade de suas 114 páginas, encerra-se com um otimismo que conforta o protagonista e aqueles que o acompanham, linha após linha, desde o início do dia que vem a ser decisivo em sua existência.

Isso tudo é bastante interessante se pensarmos que, conforme descrito no primeiro capítulo desta tese, uma das acepções simbólicas assumidas pela água é a da morte e, ao mesmo tempo, da vida. Aqui, portanto, retomo um ponto já pincelado anteriormente, o de que o desfecho da narrativa funciona como um resumo do que acontece até que ele seja alcançado. Em outras palavras, o fim de *Seize the Day* nos mostra que a obra conta com um enredo poderoso e eficaz, na medida em que, em certo ponto, descobrimos que, desde o começo, nada é o que parece. O velório parece ser um momento de tristeza e luto, mas, na realidade, produz um efeito contrário sobre Tommy. Tamkin parece ser um charlatão, mas, no fundo, é quem traz a

and obligations, the coincidences and events that are sprung on us by chance. We live in an eternal discovery phase. Perhaps once or twice a year, on some significant day like New Year's Eve or a birthday, we try to reflect on the form of our lives, about what has been and what is to come. At those moments, we try to turn plot (chance) into form (fate, destiny, providence, shape). Something similar occurs at a funeral or memorial service: we gain a reflective sense of an entire life, now finished, we get to think about the shape of a life. We can do so because death has stopped that life: death has imposed its stern type of form, a metaphysical meaning and shape. [...] Death guarantees the authority of the storyteller's tale; death makes a story transmissible.”

verdade para a vida do herói. O Dr. Adler parece saber de tudo e ser o detentor da razão suprema sobre os aspectos relacionados a uma existência íntegra e efetiva, mas, no fundo, é apenas um velho cansado e desgostoso consigo mesmo e, em especial, com o fato de não ter conseguido educar os filhos da maneira que julgava adequada. E, finalmente, a água parece carregar um sentido sombrio e mesmo tóxico na história – considerando-se que é colocada como responsável pelo “afogamento” do protagonista –, mas, depois, acabamos nos dando conta de que, em vez disso, é ela que proporciona os meios para que Wilhelm consiga sair da situação em que se encontra.

A água também está presente no enredo do romance de Bellow quando olhamos para sua forma. De modo geral, um enredo pode ser dividido em linear, não linear e psicológico. No linear, a história segue uma linha cronológica formada pela apresentação de personagens e fatos, a complicação, que consiste na maior parte da narrativa, o clímax, o ponto mais intenso, em que geralmente acontece algo determinante para chegarmos à última etapa, e, por fim, o desfecho. Em um enredo não linear, essa ordem pré-estabelecida não é respeitada, gerando obras que, por exemplo, começam por um fato final, considerando-se sua cronologia interna. O enredo psicológico, por sua vez, é aquele que foca mais o interior de uma personagem específica do que os eventos que constituem a história, o que, por vezes, leva os elementos estruturais apontados acima a não ficarem nitidamente demarcados.

Por tudo o que vem sendo abordado e analisado até aqui, fica fácil perceber que o estilo de enredo que mais condiz com o de *Seize the Day* é o psicológico, já que a maior parte do que acontece, acontece dentro da mente do protagonista. As ideias circulam entre as páginas de maneira fluida, indo e vindo no tempo e no espaço na intenção de mostrar ao leitor a natureza dos pensamentos de Wilhelm. Assim, não podemos dizer que se trata de um enredo sólido, fechado em blocos estáveis e bem definidos. Também não é pertinente classificá-lo apenas como não linear, já que o conceito de não linearidade, em si, pressupõe igualmente uma divisão em blocos. A principal diferença é que, neste caso, os blocos são encaixados em uma ordem não habitual.

Faz-se pertinente salientar, ainda, o fato de todo o romance passar-se no intervalo de um dia. Nesse contexto, parece imperativo que mencionemos a mais famosa “obra de um dia” da literatura ocidental: *Ulisses*, de James Joyce. Alguns

pontos em comum entre *Seize the Day* e o referido texto literário podem ser ressaltados no que concerne à presença da água e seu campo semântico como determinantes para a construção das narrativas.

O primeiro, e mais óbvio e, ao mesmo tempo, mais indireto, é o fato de *Ulisses* basear-se na *Odisseia* de Homero, peça entrecortada, do início ao fim, pelo mar. Ora, basta recordarmos que a história consiste, basicamente, na tentativa de retorno do personagem principal, Ulisses, à sua cidade, Ítaca, onde o aguardam ansiosos sua esposa, Penélope, e seu filho, Telêmaco, após a sua participação na Guerra de Troia. Todo o caminho a ser percorrido pelo herói é marítimo; portanto, a água está presente em cada página.

Um segundo ponto de convergência que posso destacar é o fato de, na história de *Ulisses*, haver inúmeras referências diretas ao afogamento. Casey Krall (2022, p. 1) coloca da seguinte maneira:

Imagens de um homem afogado atormentam *Ulisses*, de James Joyce, sugerindo que o mar e a relação dos personagens com a água atuam como fontes de tensão e potencial ameaça. Analisando algumas das maneiras pelas quais a água e o risco do afogamento aparecem associados a Stephen, Bloom e Molly, o leitor pode perceber conexões entre o padrão de repetição dessas ideias e a culpa, a pobreza e a identidade (tanto social quando pessoalmente construídas). Além disso, as várias imagens da água e as ameaças de afogamento se combinam com a forma do romance de modo a criar interessantes momentos de mimese que potencialmente revelam quem se fato se afogou e quem conseguiu sobreviver dentro de seus respectivos mares ameaçadores.¹⁰⁸

Chama muita atenção o fato de que, se trocássemos *Ulisses* por *Seize the Day*, James Joyce por Saul Bellow e “Stephen, Bloom e Molly” por Tommy Wilhelm, o restante da citação poder-se-ia manter-se praticamente intocada e ser aplicada à realidade do romance estudado nesta tese, mantendo a sua pertinência. Ora, apesar de na obra de Bellow não ser usada a palavra “afogamento” e seus derivados tanto quanto na de Joyce (*drown* e suas variantes, como *drowning* e *drowned* aparecem 28 vezes no texto do escritor irlandês), como já vimos por algumas vezes, a água também

¹⁰⁸ Tradução minha. No original: “Images of the drowned man plague James Joyce’s *Ulysses*, suggesting the sea and characters’ relationships to water as sources of tension and potential threat. By examining a few of the ways that water and the threat of drowning appear with regards to Stephen, Bloom and Molly, the reader can see associations between the motif and guilt, poverty, and identity (both socially and personally constructed). Further, the various images of water and the threat of drowning combine with the form of the novel to create interesting moments of mimesis that potentially reveal who has drowned and who has survived their individual threatening seas.”

funciona como ameaça. Ademais, a sua associação aos conceitos de pobreza, culpa e identidade são igualmente válidas no caso da narrativa dos anos de 1950, já que Wilhelm passa todo o tempo lutando contra sua pobreza, seu sentimento de culpa, especialmente em relação ao pai, e a sua identidade, que parece perdida em algum lugar alheio a ele próprio. E, assim como acontece em *Ulisses*, no fim de *Seize the Day* também termina-se com afogados e sobreviventes.

Tomando tudo isso em consideração, chego a imaginar que, talvez, ao menos no caso específico das duas obras que estão sendo postas lado a lado, o fato de a história inteira passar-se no intervalo de um dia pode servir ao propósito de reforçar a ideia, que está presente em ambas, do afogamento. Ao passo que, para alguns, um dia pode parecer pouco tempo, essa concepção é facilmente relativizada se pensarmos que o romance, até pela questão da sua extensão, é um gênero que, normalmente, transcorre no período de dias, meses ou até anos. É comum nos depararmos com contos ou crônicas que se desenvolvem em apenas 24h, mas os romances são poucos. Por esse motivo, podemos dizer que o modo por meio do qual uma obra desse tipo é tecida é indubitavelmente diferente daquele que direciona a criação das outras. Tudo é mais lento, mais trabalhado, mais refletido e mais detalhado, assim como a morte por afogamento, que não é instantânea: pode durar de alguns minutos a uma hora, se ocorrer em águas congeladas, já que a hipotermia diminui a atividade metabólica do cérebro. A analogia, portanto, faz-se não apenas possível como pertinente.

Tomando por base todas essas questões, surge uma dúvida plausível: será que as similaridades evidenciadas entre *Seize the Day* e *Ulisses* constituem apenas uma coincidência ou Bellow, de fato, sofreu influência do escritor irlandês? De acordo com o jornalista e escritor Luciano Trigo (1991), as principais inspirações do autor estadunidense foram as seguintes: “Em primeiro lugar, os autores do Antigo Testamento. Em segundo lugar, os autores do Novo Testamento. Depois Homero, Shakespeare, depois os grandes romancistas russos, ingleses e franceses do século XIX. Do século XX, eu citaria James Joyce e Marcel Proust.”

Jeff Smithpeters (1994), em artigo sobre as semelhanças entre *Ulisses* e *The Adventures of Augie March*, como vimos, outro romance de Bellow, reforça: “[...] apesar de, em algumas entrevistas, Bellow criticar Joyce, suas obras mostram haver uma forte influência do segundo sobre o primeiro, podendo-se afirmar, inclusive, que

este muitas vezes funciona como ponto de partida para aquele”¹⁰⁹ (SMITHPETERS, 1994, p. 1). O autor menciona, ainda, uma fala do próprio Bellow, que diz o seguinte:

Minha vida seria terrivelmente abstrata se eu não tivesse meus alunos para conversar sobre o que estou lendo. Na verdade, são sobre isso as minhas aulas, sobre o que estou lendo; esse sempre foi o meu acordo com o Comitê. Agora estou lecionando sobre *Remembrance of Things Past*, de Proust. No módulo anterior falei sobre *American Scene*, de Henry James; e antes disso, foi a vez de *Ulysses*, de Joyce.¹¹⁰ (SMITHPETERS, 1994, p. 5)

As duas passagens confirmam que a probabilidade de as similaridades identificadas entre o romance em estudo e *Ulisses* serem obra do completo acaso é muito pequena, já que, pelo que pudemos observar, Joyce está, de várias maneiras, por mais tácitas ou indiretas, amplamente arraigado na obra de Bellow.

A psicanalista Lúcia Azevedo (2004, p. 1) assim descreve *Ulisses*: “[...] é a odisseia de um dia comum de 24 horas, ou melhor, 20 horas de um dia comum na vida de Mr. Bloom. Um dia rotineiro, onde ideias, pensamentos, angústias, dúvidas desfilam de um modo fantástico, descrito o mais extensa e detalhadamente possível [...]”. Uma vez mais temos a impressão de que um comentário dirigido ao texto de Joyce pode ser redirecionado, quase que sem alterações, ao de Bellow. Afinal, *Seize the Day* também trata de um dia aparentemente rotineiro na vida de Tommy Wilhelm, um dia em que “ideia, pensamentos, angústias, dúvidas” desfilam de um modo igualmente fantástico e que é, da mesma forma, detalhadamente descrito, apesar de a extensão das duas obras ser drasticamente distinta.

Falar sobre o desenrolar do enredo, tanto em *Ulisses* quanto em *Seize the Day*, abre caminho para que eu aborde mais uma semelhança entre as duas narrativas: a presença daquilo que James Joyce definiu como “epifania”: “Uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente.” (JOYCE *apud* AZEVEDO, 2004, p. 1). Azevedo lembra que, apesar de a primeira aplicação do termo no contexto da literatura ser atribuída a Joyce, a palavra é velha, remontando à Grécia Antiga, e quer dizer “manifestação divina”. Também é um vocábulo de peso para a história do

¹⁰⁹ Tradução minha. No original: “As will be shown, in some interviews Bellow actually criticizes Joyce, but remains heavily influenced by him nonetheless, almost as point of departure.”

¹¹⁰ Tradução minha. No original: “My life would be terribly abstract if I didn't have my students to talk with about what I am reading. That is what I teach, what I am reading anyway; that has always been my arrangement with the Committee. I am teaching Proust's *Remembrance of Things Past* now: the term before that it was Henry James's *American Scene*, and before that, Joyce's *Ulysses*.”

cristianismo, correspondendo, nesse contexto, ao “episódio pelo qual, aos pastores, é revelada a natureza messiânica do menino Jesus, nascido na manjedoura” (AZEVEDO, 2004. p. 1).

É interessante notar que a noção de epifania remete às mesmas épocas que as da água como símbolo e, como esta, faz-se presente até hoje na literatura. Em *Ulisses*, Joyce descreve as buscas de dois protagonistas, Leopold Bloom e Stephen Dedalus, ambos indivíduos que anseiam por algo mais. Com o passar das horas, os dois personagens, sem saber, têm seus caminhos cruzados um pelo outro, até que, no fim do dia, finalmente se encontram. O resultado disso é que cada um descobre, nos ideais humanísticos do outro, que manifestam-se na forma de epifanias individuais, o que faltava para preencherem seus vazios interiores. Joyce usa essas epifanias para representar a habilidade da narrativa de um único dia de atuar como um microcosmo das várias facetas da sociedade.

Como já tive a chance de verificar e voltarei a comentar com um maior nível de detalhamento na última sessão deste capítulo, algo semelhante acontece em *Seize the Day*. É também no fim da história que a “manifestação súbita” descrita por Joyce se converte na resposta que Wilhelm vinha buscando por toda a sua vida adulta. Assim como acontece com os personagens de *Ulisses*, o conhecimento transmitido, no caso de Bellow, por Dr. Tamkin, não é imediatamente assimilado. Ele requer um fenômeno externo – o velório – para tornar-se de fato significativo para Tommy. É como se, depois de cair na água e passar um longo período agitando os braços para cima e para baixo e respirando de forma irregular, ele finalmente fosse capaz de identificar o movimento corporal correto para nadar e a cadência respiratória ideal para flutuar.

Por meio do exame do conceito de algumas características de “enredo”, bem como da comparação de *Seize the Day* com *Ulisses*, pude, nesta sessão, mostrar como a água e tudo que a envolve em termos simbólicos mostra-se amplamente presente no romance em estudo. Assim, posso asseverar que a maneira escolhida pelo escritor para organizar seu texto literário é indissociável da ideia de fluidez e até mesmo de afogamento, ambas intimamente ligadas ao elemento acima mencionado.

4.2 Linguagem que escorre

Tão importante quanto tratar do enredo de *Seize the Day* para mostrar o quanto a simbologia da água permeia cada página do romance é expor como a

linguagem utilizada pelo autor atua no sentido de reforçar a presença dessa simbologia. Fortuitamente, já tive a chance de examinar algumas passagens do livro que empregam, por vezes explicitamente, termos associados ao universo semântico dos líquidos. Um exemplo é a já citada primeira página da obra, em que podemos ler:

Mas não houve parada no décimo quarto andar, e o elevador afundou e afundou. Então a porta suave se abriu e o grande carpete irregular vermelho escuro que cobria a recepção inundou os pés de Wilhelm. O saguão de entrada estava escuro, sonolento. Cortinas francesas semelhantes a velas mantinham afastados os raios solares [...] ¹¹¹ (BELLOW, 2003, p. 1).

No trecho, os termos “afundou”, “inundou”, “escuro” e “velas” nos transportam para o mar. Chega a ser possível contar uma história unindo as ideias que essas palavras transmitem: alguém estava velejando, por algum motivo a embarcação foi inundada e afundou e o(s) tripulante(s) foram envolvidos pela escuridão do fundo do oceano. E, curiosamente, em termos simbólicos, é precisamente isso que acontece com Tommy Wilhelm, como vimos anteriormente (refiro-me à sensação de afogamento que o acompanha por toda a narrativa).

O exemplo acima chama a atenção para a força da linguagem escolhida para trabalhar-se uma narrativa ficcional. Afinal, tratando-se de arte, e em especial de literatura, nenhum componente de uma obra pode ser tratado como produto do acaso. Nesse sentido, faço um breve levantamento quantitativo dos termos presentes no romance ¹¹² que ajudam a compor essa “atmosfera líquida”. Começo, assim, pela base, ou seja, pela palavra “água”. Ela repete-se 24 vezes no texto. “Afogamento” e suas variantes aparecem três vezes. “Fluxo” está presente duas vezes, e “flutuar”, uma. “Respirar” e derivados, geralmente associada, na história, ao sufocamento, como em “Sua respiração estava ruidosa [...]” (BELLOW, 2003, p. 14), “Eu não consigo respirar” (BELLOW, 2003, p. 33), “Você precisa me deixar respirar” (BELLOW, 2003, p. 72) e “[...] aqui estava Wilhelm outra vez, sem fôlego, seu chapéu pingando, inutilmente perguntando ao gerente se ele se lembrava” (Bellow, 2003, p. 40), apresentam 23 ocorrências. “Nado” e “nadar” são usadas três vezes, no

¹¹¹ Tradução minha. No original: “But there was no stop on the fourteenth, and the elevator sank and sank. Then the smooth door opened and the great dark-red uneven carpet that covered the lobby billowed toward Wilhelm’s feet. In the foreground the lobby was dark, sleepy. French drapes like sails kept out the sun [...]”

¹¹² É importante observar que, no levantamento, utilizamos o romance na língua original. Os termos em português mencionados nessa sessão, por conseguinte, consistem em traduções feitas por mim durante a redação da tese.

total, assim como “superfície”. “Afundar”, “pingar”, “chover”, “boiar” e “fluido” têm uma ocorrência, cada. “Mar”, por sua vez, aparece cinco vezes, “rio”, seis, e “piscina”, quatro. Manifestações fisiológicas na forma aquosa, como “suor”, “lágrimas” e “choro”, são repetidas, respectivamente, quatro, doze e dezoito vezes. Outros exemplos poderiam ser incluídos, mas optei por comentar analiticamente apenas os já citados, que constituem o conjunto de maior relevância.

Somando todas as palavras mencionadas, chego à relevante quantia de 113 vocábulos que compõem o campo semântico de interesse para este estudo. A escolha vocabular feita por um autor literário para compor sua obra – e mesmo pelos escritores não literários – é tão importante para o sucesso do trabalho que, em inglês, temos um termo exclusivo para isso: *diction* (que, em português, poderia ser grosseiramente traduzido como “estilo”). Segundo Edgar Roberts e Henry Jacobs (2003, p. 296):

Estilo se refere às características da escolha de palavras feita pelo escritor. A seleção deve ser correta e explícita, de modo que todas as ações, cenas e ideias fiquem claras. Se uma passagem é eficiente – se transmite bem uma ideia ou chega na essência de uma ação vívida e poderosamente – nós podemos certamente dizer que a escolha de palavras foi correta. Por exemplo, uma passagem que descreve uma ação deve empregar muitos verbos, enquanto a descrição de um lugar deve conter substantivos e adjetivos indicando lugares, relações, cores e formas. Já uma passagem explicativa ou reflexiva deve apresentar palavras que transmitam pensamentos, estados de espírito, emoções e condições de diversas relações humanas.¹¹³

Partindo da citação acima, posso tirar algumas conclusões acerca do estilo que Bellow desenvolve em *Seize the Day*. Primeiramente, é possível, com um elevado grau de segurança, afirmar que sua comunicação foi, de fato, efetiva. Se parto do pressuposto de que sua intenção é mostrar como o mundo é capaz de solapar o ser humano que não sabe “jogar conforme as suas regras”, o emprego da simbologia da água para representar, por meio da sensação de afogamento, a modernidade, e, por

¹¹³ Tradução minha. No original: “Diction refers to the qualities of the writer’s word choices. The selection should be accurate and explicit, so that all actions, scenes, and ideas are clear. If a passage is effective – if it conveys an idea well or gets at the essence of an action vividly and powerfully – we can confidently say that the words are right. For example, a passage describing action should employ many active verbs, whereas a description of a place should contain nouns and adjectives indicating locations, relationships, colors, and shapes. An explanatory or reflective passage should include words that convey thoughts, states of mind and emotion, and conditions of various human relationships.”

meio do “aprender a nadar”, a maneira de sobreviver em meio à liquidez da sociedade, cumpre seu propósito com maestria.

Em segundo lugar, como foi visto na sessão anterior, o romance, até pelo fato de passar-se em um único dia, foca muito mais o psicológico do protagonista do que ações e eventos. Em razão disso, seu vocabulário é muito mais descritivo/reflexivo, o que, assim como descrevem Roberts e Jacobs, leva ao emprego mais extensivo de substantivos e adjetivos, em lugar de verbos. E o levantamento apresentado de fato corrobora a escassez de palavras que expressam algum tipo de ação, as quais, quando ocorrem, geralmente assumem um sentido conotativo.

Tão relevante quanto o estudo da escolha de palavras feita pelo autor é a análise do(s) tipo(s) mais utilizado(s) de construção(ões) gramatical(is). Conforme destacam Roberts e Jacobs (2003, p. 300), existem, basicamente, três tipos de períodos: os simples, os compostos, os complexos e os compostos complexos. Resumidamente, no primeiro há uma oração independente com um sujeito e um verbo; no segundo, há dois ou mais períodos simples unidos por um conector; no terceiro, há uma oração principal e uma subordinada; e no quarto, há duas orações principais e uma subordinada.

Evidentemente, em todo texto literário em prosa podem ser encontrados exemplos dos quatro tipos citados de períodos. Me concentrarei aqui, porém, naqueles que ocorrem com mais frequência em *Seize the Day*: os compostos complexos. A título de ilustração, citarei o seguinte trecho: “Wilhelm ia responder, e, para isso, começou a erguer sua figura corpulenta da cadeira, seus dedos espalmados e embranquecidos pela pressão que exerciam sobre a mesa, mas o velho não permitiu que começasse a falar”¹¹⁴ (BELLOW, 2003, p. 50). A passagem, que ocupa quase quatro linhas inteiras, conta com cinco orações. Esse tipo de construção frásica manifesta-se de forma abundante por todo o romance.

Isso é bastante significativo se considerarmos que, geralmente, são os líquidos, em oposição aos sólidos, que apresentam esse comportamento de encadeamento, de absorção e de incorporação. Estes, em contrapartida, consistem em objetos prontos, finalizados, suficientes e completos em si mesmos, não abrindo espaço para acréscimos, ou pelo menos não de maneira sutil, que não remeta a algo

¹¹⁴ Tradução minha. No original: “Wilhelm was going to reply, and half raised his bearish figure from the chair. His fingers spread and whitened by their grip on the table, but the old man would not let him begin.”

como um remendo. Os fluidos, ao contrário, estão sempre abertos a receber nova matéria líquida, que a eles mistura-se formando um todo. Mesmo no caso daqueles que não se incorporam um ao outro, como o óleo e a água, existe a possibilidade de solução total por meio da adição de detergente ao composto.

O mesmo vale para o tipo de período mais utilizado por Saul Bellow em *Seize the Day*. Períodos compostos complexos são formados por várias orações e estão sempre abertos a receber mais uma, a depender da intenção do escritor. Eles transmitem, portanto, uma continuidade e, por que não, um fluxo, em oposição aos simples, que são fechados em si mesmos.

Seguindo com essa lógica, pode surpreender o fato de, em alguns momentos, ser possível identificar a ocorrência de sucessivos períodos simples e compostos (dois simples unidos por uma conjunção, uma vírgula, um ponto e vírgula ou dois pontos), um após o outro. É o caso da seguinte passagem:

Eu não posso te dar dinheiro nenhum. Eu não conseguiria parar se começasse. Você e sua irmã levariam até o último centavo de mim. Eu ainda estou vivo, não morto. Eu ainda estou aqui. A vida ainda não acabou. Eu estou tão vivo quanto você ou qualquer outra pessoa. E eu não quero ninguém nas minhas costas. Me deixe! E te dou o mesmo conselho, Wilky. Não leve ninguém nas suas costas.¹¹⁵ (BELLOW, 2003, p. 51)

O pai de Wilhelm, Dr. Adler, na citação, demonstra toda a sua insatisfação com as incessantes lamúrias do filho a respeito de sua falta de dinheiro. E a linguagem que ele usa reflete precisamente o conteúdo de sua fala: que ele está fechado, que não está disposto a oferecer qualquer tipo de ajuda ou abertura ao protagonista ou à sua irmã que, ao que tudo indica, também sofre com problemas financeiros recorrentes. Os períodos simples, como vimos, carregam esse peso do sólido, do que já está formado e não aceita mudanças. Essas características, que também já tive a oportunidade de discutir nos capítulos anteriores, são igualmente típicas do período de solidez descrito por Bauman, ao qual mostrei pertencer o médico da história.

Não é apenas nas falas do pai de Tommy, contudo, que verifico a existência dos períodos simples. Em uma parte específica e muito importante do texto, a qual já foi inclusive citada nesta tese, também flagro o seu emprego estratégico: “Eu não

¹¹⁵ Tradução minha. No original: “I can’t give you any money. There would be no end to it if I started. You and your sister would take every last buck from me. I’m still alive, not dead. I am still here. Life isn’t over yet. I am as much alive as you or anyone. And I want nobody on my back. Get off! And I give you the same advice, Wilky. Carry nobody on your back.”

consigo – eu sou estúpido, pai, eu simplesmente não consigo respirar. Meu peito está inundado – eu me sinto engasgado. Eu simplesmente não consigo respirar”¹¹⁶ (BELLOW, 2003, p. 105). Nesse encadeamento de orações, fica muito claro o estado emocional de Wilhelm, não apenas pelas palavras empregadas e pelo sentido conotativo que carregam, mas também pela forma que são organizadas na página: entrecortadas por sinais de pontuação que quebram o fluxo do raciocínio do personagem e simulam o processo de engasgamento pelo qual ele diz passar. Merece menção, ainda, o fato de repetir-se três vezes, na citação, a expressão “não consigo”. Esse é um artifício comumente utilizado para conferir ênfase a determinada ideia, no caso, a de que Wilhelm de fato não consegue ajustar-se. E posso prosseguir com a analogia do sufocamento/afogamento imaginando que a recorrência da referida expressão é passível de ser vinculada aos movimentos insistentes de braços e pernas feitos pelo indivíduo que se encontra imerso em água e é incapaz de respirar.

Assim sendo, afirmo que tanto quanto as escolhas vocabulares quanto as escolhas gramaticais feitas por Bellow em cada ponto da narrativa agem como intensificadoras das intenções do autor, contribuindo para a transmissão de significado.

4.3 Um desfecho flutuante

Para começar a falar do desfecho do romance *Seize the Day*, abordarei uma relação intertextual que é de grande importância para compreendermos as páginas finais de Bellow. É bem verdade que ela não se manifesta explicitamente no fim, mas ao analisar os dois textos em paralelo, muitas portas abrem-se para a interpretação da conclusão da narrativa. Me refiro ao poema intitulado “Lycidas”¹¹⁷, da autoria do escritor inglês John Milton, que viveu de 1608 a 1674¹¹⁸.

Os versos consistem em uma elegia pastoral redigida em homenagem a Edward King, colega de faculdade de Milton que morre precocemente de afogamento. Só com essa breve informação já fica bem aparente que os dois textos têm o potencial de ter muito em comum. No romance, temos duas passagens, em particular, que evocam o poema. A primeira é explícita e aparece já no primeiro capítulo:

¹¹⁶ Tradução minha. No original: “I can’t seem to – I’m stupid, Dad, I just can’t breathe. My chest is all up – I feel choked. I just simply can’t catch my breath.”

¹¹⁷ Anexo 1.

¹¹⁸ O poema completo está no Anexo 1.

O Dr. Tamkin conhecia, ou dizia que conhecia, os grandes poetas ingleses e vez ou outra ele mencionava um poema de sua própria autoria. Fazia muito tempo que ninguém falava com Wilhelm sobre esses assuntos. Ele não gostava de pensar em seus dias de faculdade, mas se havia uma disciplina que ele cursara que agora fazia sentido era Literatura I. O livro-texto, um livro escuro e pesado, com páginas finas, era *Poesia e Prosa Britânicas*, de Lieder e Lovett. ‘Eu li aquilo?’, ele se perguntava. Sim, ele lera, e havia pelo menos uma realização da qual ele podia se lembrar com prazer. Ele lera ‘*Yet once more, O ye laurels.*’ Como era puro recitar isso! Era lindo. ‘*Sunk though he be beneath the wat’ry floor...*’ Essas coisas sempre mexeram com ele, e agora o poder dessas palavras era muito, muito maior.¹¹⁹ (BELLOW, 2003, p. 41)

Antes de adentrar a citação em si, preciso comentar alguns pontos mais relevantes do texto de Milton. “Lycidas” é, ao mesmo tempo, o nome da obra e do personagem que nela morre afogado, o qual, como já vimos, representa o falecido amigo do autor. No intuito de exaltar as virtudes do morto, alguns de seus contemporâneos de Cambridge, entre eles Milton, decidem compor um livro de poesias com trabalhos dedicados a Edward King. Nesse contexto, o escritor de “Lycidas” estrutura suas palavras de modo a construir uma narrativa poética que tem como eu-lírico um pastor. King, ou Lycidas, também é pastor, e ambos passam longas horas de seus dias desfrutando da companhia um do outro, até que, em um desses dias, dá-se o acontecimento fatídico da morte de Lycidas. Milton rememora, então, os suaves momentos divididos com o companheiro, focando sobremaneira a beleza e, ao mesmo tempo, a tristeza da paisagem do campo. Mais à frente nos versos, aparece Phoebus, o deus-sol, uma figura da mitologia romana, quem assevera que Lycidas é dotado de fama, qualidade eterna, e não mortal. Assim, no final do poema, o personagem ressuscita, emergindo das mesmas águas que lhe haviam tomado a vida: “*So Lycidas sunk low, but mounted high/Through the dear might of him that walk'd the waves*” (MILTON, 2021).

Mantendo em mente esse pequeno resumo da história contada por Milton, posso, agora, voltar à passagem de *Seize the Day*. Nela, o autor refere-se a lembranças que Wilhelm tem de seus dias de universitário. Fica claro que, do

¹¹⁹ Tradução minha. No original: “Dr. Tamkin knew, or said he knew, the great English poets and once in a while he mentioned a poem of his own. It was a long time since anyone had spoken to Wilhelm about this sort of thing. He didn’t like to think about his college days, but if there was one course that now made sense it was Literature I. The textbook was Lieder and Lovett’s *British Poetry and Prose*, a black heavy book with thin pages. Did I read that? he asked himself. Yes, he had read it and there was one accomplishment at least he could recall with pleasure. He had read ‘*Yet once more, O ye laurels.*’ How pure this was to say! It was beautiful. ‘*Sunk though he be beneath the wat’ry floor...*’ Such things had always swayed him, and now the power of such words was far, far greater.”

período, o personagem não guarda boas lembranças, à exceção das aulas de literatura, em especial aquela sobre “Lycidas”. O narrador, então, cita duas passagens diretas do poema. A primeira provém logo do início, quando o eu-lírico está descrevendo o cenário em meio ao qual ele e o amigo pastoream suas ovelhas antes do episódio em que o último tem a vida ceifada pela água. Chama a atenção, nesse ponto, a beleza e a simplicidade do lugar, que parece carregar tudo o que a vida tem de mais puro. Podemos dizer que esse momento do poema remete Wilhelm à época boa de sua vida, quando ele sentia-se livre de quaisquer amarras ou dificuldades. Essa época, provavelmente, é aquela em que as diversas possibilidades de escolha que se lhe apresentavam consistiam em vantagens, e não nos fardos nos quais, posteriormente, acabaram convertendo-se. Me refiro à infância e até à adolescência, quando as decisões tomadas pelo indivíduo não possuem grandes repercussões sobre o desenrolar de sua existência. A partir do momento em que nos tornamos adultos, porém, as escolhas passam a ter pesos e consequências. E, quanto mais escolhas diferentes são feitas, com mais consequências tem-se de lidar.

O segundo trecho citado de “Lycidas” (“*Sunk though he be beneath the wat’ry floor...*”) está ligado ao estágio atual de vida do protagonista, o qual, como é sabido, associa-se à mesma sensação de afogamento fisicamente experimentada pelo personagem Lycidas. Como pode-se imaginar, o trecho, no poema, está situado no fim (mais precisamente na última estrofe), quando o eu-lírico descreve o início do movimento de ressurreição pelo qual passa seu antigo colega. Nesse sentido, a palavra “*though*”, que, em português, tem o sentido de “apesar de”, mostra-se bastante significativa para que possamos delinear uma compreensão satisfatória acerca das prováveis intenções do autor ao inserir especificamente esse trecho em sua narrativa. Como vimos, a passagem aqui em discussão está localizada no início da história, logo em seu primeiro capítulo. Isso é relevante se imaginarmos que, de certa maneira, a referência intertextual atua como prenúncio do que vem a acontecer em *Seize the Day*. Em inglês, há o termo *foreshadowing* (o qual pode ser traduzido para “prenúnciação”), que remete com precisão ao caso aqui em análise. Nas palavras de John Cuddon (1998, p. 285), *foreshadowing* é:

A técnica de organizar eventos e informações em uma narrativa, de modo que acontecimentos posteriores sejam preparados ou preditos de antemão. Um romance bem construído sugerirá, logo no início, qual será o seu provável desfecho; o fim está contido no princípio,

e isso confere unidade temática e estrutural ao texto.¹²⁰

Posso dizer, que, no romance de Bellow, o trecho do fim do poema “Lycidas” prenuncia os acontecimentos futuros do dia de Wilhelm, na medida em que insere a informação relativa ao afogamento e, ao mesmo tempo, a retira. Da mesma forma que Milton desenvolve um raciocínio fundamentado em um fato que ocorre “apesar de” Lycidas estar afundado nas águas (a ressurreição), Bellow indica que “apesar de” Wilhelm sentir-se sufocado, afogado, esse pode não ser o seu destino final.

E, de fato, nós vemos, como já foi abordado em algumas oportunidades ao longo desta tese, que, no fim do romance, Wilhelm parece, enfim, encontrar o seu caminho, “aprender a nadar”, ressuscitar. E, assim como acontece no poema de Milton, em que Lycidas renasce em meio às mesmas águas que foram responsáveis por sua morte, Tommy ressurge, recuperando sua confiança em si mesmo, depois de permitir que seus olhos inundem-se e seu rosto seja lavado pelas lágrimas que produz já sem qualquer tentativa de refreá-las. E, em “Lycidas”, as lágrimas também desempenham papel importante:

In solemn troops, and sweet societies,
That sing, and singing in their glory move,
And wipe the tears for ever from his eyes.
Now, Lycidas, the shepherds weep no more:
Henceforth thou art the Genius of the shore,
In thy large recompense, and shalt be good
To all that wander in that perilous flood. (MILTON, 2021)

Elas, assim como em *Seize the Day*, cumprem o propósito de “lavar” a alma daqueles que tanto sofreram com a partida do amigo, representando, em ambos os textos, algo como o último contato do homem com a liquidez e tudo o que ela representa nas narrativas.

Ethan Fishman destaca:

“O que Tommy quer é ser amado. Evidentemente, ele estava trabalhando além da conta para conseguir isso (Bellow, 1961, p. 99). O resultado é que ninguém presta atenção nele, à exceção do cínico Dr. Tamkin. Enquanto Tamkin planeja fugir com o seu dinheiro, Tommy se lembra de um poema que leu certa vez – “... ame bem aquilo que você logo precisará deixar” – e, embora “de início, ele pensasse que se referia a seu pai, depois ele compreende

¹²⁰ Tradução minha. No original: “The technique of organizing events and information in a narrative, in such a way that later events are prepared or predicted. A well-constructed novel will suggest, right at the beginning, what will be its probable outcome; the end is included in the beginning, and this gives structural and thematic unity to the text.”

que dizia respeito a ele mesmo” (Bellow, 1961, p.12). Esse entendimento, de que o nosso propósito de vida não é tanto buscar o amor, mas sim concedê-lo, o leva a chorar incontrolavelmente no funeral de um homem que ele jamais conheceu. Enquanto os amigos e parentes do homem morto o observam estarecidos, um deles diz: “Deve ser alguém realmente próximo para agir de forma tão... O irmão, talvez?” (Bellow, 1961, p. 118).¹²¹ (FISHMAN, 1983, p. 622)

Da passagem acima depreende-se uma série de questões importantes. A primeira é a existência de uma nova inserção intertextual, de um verso do Soneto 73¹²², de Shakespeare. Não é minha intenção me aprofundar sobremaneira na análise desse poema, como estou fazendo como “Lycidas”, mas alguns esclarecimentos merecem ser feitos para que se possa compreender com mais clareza os apontamentos de Fishman.

O Soneto 73, “That time of year thou mayst in me behold”, recorre a uma série de metáforas para caracterizar a natureza daquilo que o eu-lírico entende pelo seu processo de envelhecimento. No primeiro quarteto, ele diz que a sua idade é como uma estação do ano, o fim do outono, quando as folhas já caíram quase que completamente das árvores, o clima está esfriando e as aves já não ocupam mais os mesmos lugares de antes. No segundo quarteto, ele afirma que é como o crepúsculo, quando o sol começa a se pôr, a oeste, e a luz remanescente vai se extinguindo em meio à escuridão. No terceiro quarteto, o eu-lírico compara-se aos restos reluzentes do fogo, correspondendo este à sua juventude, a qual acaba sendo extinta ao afundar-se nas cinzas por ela própria criadas. No dístico final, ele diz aos jovens que eles devem observar essas coisas e investir mais no amor, ao perceberem que a vida é curta e que em pouco tempo serão separados da pessoa amada.

A intenção do verso não é, como aponta Fishman, lembrar Wilhelm de que ele deve amar mais ou ser mais tolerante com seu pai, com sua ex-esposa, com seus filhos ou mesmo com a moça por quem está apaixonado, mas, sim, com si mesmo. Fica evidente, na narrativa, que o protagonista, apesar de vitimizar-se em vários

¹²¹ Tradução minha. No original: “What Tommy wants is to be loved. Evidently, he has been working “too hard” at gaining it (Bellow, 1961, p. 99). The result is that no one will pay any attention to him, except the cynical Dr. Tamkin. As Tamkin is maneuvering to run away with his money, Tommy recalls a poem he once read-“. . . love that will which thou must leave ere long” - and, while “[a]t first he thought it referred to his father, ... then he understood that it was for himself” (Bellow, 1961, p. 12). This understanding, that one's proper end in life is not so much to seek love as to give it, causes him to sob uncontrollably at the funeral of a man he never knew. As the friends and relatives of the dead man look on in astonishment, one of them remarks: “It must be somebody real close to carry on so.... The man's brother, maybe?” (Bellow, 1961, p. 118).”

¹²² Anexo 2.

momentos, também se cobra excessivamente, e demonstra pouca – ou nenhuma – autocompaixão. O “amar bem aquilo que logo precisará deixar”, do verso, portanto, se dirige, antes de qualquer outra pessoa, ao próprio Tommy. E, se considero que esse trecho, que consiste em uma reminiscência dos tempos de juventude do herói, também está situado logo no início do romance, posso afirmar que ele atua igualmente como uma espécie de *foreshadowing*, ao explicitar aquilo que Wilhelm perceberá nos últimos parágrafos da história.

É por esse motivo que ele chora desesperadamente no funeral do homem desconhecido, ao ponto de levar os presentes a pensarem tratar-se de alguém extremamente próximo do morto, como um irmão. A realidade é que Tommy lamenta profundamente não pelo desconhecido em si, mas pela ideia da morte, a dura realidade da morte e, por conseguinte, o fato de ela estar ali, sempre presente, e de ser inescapável. Assim, ele desaba por perceber que, no lugar onde está o defunto, poderia estar ele mesmo, Tommy Wilhelm, sem ter aproveitado o que poderia ter aproveitado de sua vida e amado a si do tanto que poderia – e deveria – ter amado.

É então que a própria morte deixa de ter importância, no momento em que Wilhelm percebe que precisa concentrar-se na vida, pois o arrependimento pelo passado e a ansiedade pelo futuro jamais trarão felicidade. É como diz o velho ditado estoico, de autor desconhecido: “Lamente um pouco menos, espere um pouco menos e ame um pouco mais.” A ideia do amor como sentimento primordial vai sendo lapidada no texto até o seu desfecho, quando vê-se plenamente formada. Isso porque não parece possível amar algo que está no passado ou no futuro. Ao contrário de “lamentar”, que pode ser feito apenas em relação a algo que já aconteceu, e de “esperar”, que se relaciona àquilo que ainda está por vir, só ama-se o que está no agora, no tempo presente.

O crítico literário Ihab Hassan (1961, p. 311) coloca da seguinte forma:

Para Wilhelm, esse é o início do desenvolvimento de um comportamento que, por mais que tenha sido desonestamente apresentado por Tamkin, propõe que a energia humana não se concentre nem na lembrança da falha nem na previsão da morte, mas sim naquela intensidade de percepção, semelhante ao amor, que tem o poder de redimir tanto o passado como o futuro.¹²³

¹²³ Tradução minha. No original: “For Wilhelm, this is the beginning of an attitude which, however disingenuously it may have been presented by Tamkin, focuses human energy neither on the memory

Marcus Klein (1962, p. 41), por sua vez, escreve:

A verdade é tripla. Ela começa com a descoberta de que todo homem precisa amar algo ou alguém. [...] Tommy está com ele (Tamkin), e a segunda coisa que aprende é que há um tipo de amor, o mais comum e aquele com o qual Tommy vinha lidando, que consiste em vaidade invertida e na morte da alma verdadeira. [...] A terceira e última etapa da verdade é a possibilidade de amar e também viver. É uma questão de crença na generosidade da vida, se não do universo... A verdade final é a simples rendição à própria humanidade, a aceitação da sina dos próprios fardos, acompanhada do desfrute da abundante e incontestável vida dentro do aqui e agora. Essa rendição torna possível viver em uma humanidade moribunda, e o desfrute da existência confere valor à vida.¹²⁴

Analisando as duas citações, é possível notar que Bellow é capaz de introduzir, ao mesmo tempo, no romance *Seize the Day*, representações ficcionais de questões teóricas que são, em princípio, opostas, e que viriam a ser desenvolvidas décadas mais tarde. Elegemos como representantes das referidas teorias, para efeitos de estudo, os autores Zygmunt Bauman e Tim Cresswell, mas como já tive a oportunidade de expor até aqui, tanto um como o outro encontram ressonância em outros teóricos que pensaram e produziram a respeito da modernidade/contemporaneidade.

Com isso quero dizer que tanto Klein como Hassan identificam e reconhecem as dificuldades inerentes aos tempos atuais (e, por atuais, me refiro ao período do pós-Segunda Guerra até hoje). Como Bauman, eles destacam a falta de humanidade e de amor e a potencial inabilidade do ser humano de fazer algo tão básico quanto viver. Além disso, fazem igualmente referência ao hábito das pessoas de ficarem transportando-se, a todo momento, ora ao passado, que pode ser associado aos saudosos tempos sólidos descritos por Bauman, ora ao futuro, na tentativa – sempre frustrada – de encontrar um novo sólido, materializado por uma estabilidade inatingível, em razão do foco nos meios, em vez de nos fins.

of failure nor on the presentiment of death, but on that intensity of perception, akin to love, which has the power to redeem past and future alike.”

¹²⁴ Tradução minha. No original: “That truth is threefold. It begins in the realization that every man has to love something or somebody. [...] Tommy is with him and learns secondly that a kind of love, the most usual and the kind in which Tommy has dealt, is inverted vanity and death to the true soul. [...] The third and final stage of the truth is the possibility of loving, and living too. It is a matter of necessary belief in the beneficence of life, if not in that of the universe... The final truth is in the simple giving way to one’s humanness, accepting the doom of one’s burdens but seizing the indisputable lavish life within one here and now. That giving way allows life in a dying humanity, and the seizing of existence confers value upon life.”

Similarmente, também pode-se evidenciar, nas falas de ambos os críticos, alusões ao que viria a ser defendido por Cresswell, ao verem na mobilidade condenada por Bauman uma saída para os problemas contemporâneos. Ao empregar termos como “aceitação” e “rendição”, Klein mostra que acredita que não adianta “brigar” com o passado, ou tampouco admirá-lo com saudosismo. Da mesma maneira, criar expectativas excessivas, e muitas vezes irrealistas, em relação ao futuro só contribui para afastar o indivíduo de si mesmo e daquilo pelo que mais anseia: a felicidade. Como Cresswell, ele vê no presente, na forma atual de organização do mundo e das sociedades, a própria chave para o sucesso. Chega-se, portanto, à mesma conclusão de Wilhelm nos últimos parágrafos da história: a saída é abraçar o presente e tirar dele todas as ferramentas e vantagens que puder-se tirar.

Assim, tem-se que a intenção de Bellow é, desde o começo, mostrar ao leitor que sua história é sobre desespero, frustrações e infelicidade, mas que, no fim, encontra-se a redenção. O examinador atento, por conseguinte, logo é capaz de perceber que detalhes aos quais o protagonista confere demasiada relevância, no decorrer da descrição do seu “dia de acerto de contas” – expressão utilizada pelo próprio escritor –, correspondem a fatos que, no fim, mostram-se irrelevantes para que atinja o desfecho pretendido. A passagem a seguir, retirada do penúltimo capítulo, deixa esse fato bastante claro:

Oh, aquele era um dia de acerto de contas. Era um dia, ele pensou, no qual querendo ou não, ele teria uma clara visão da verdade. Ele respirava com dificuldade e seu chapéu desfigurado caía sobre o seu rosto louro escuro congestionado. Tinha uma aparência rude. Tamkin era um charlatão, e além disso ele estava desesperado. E, além disso, Wilhelm havia sempre sabido dessas coisas sobre ele.¹²⁵ (BELLOW, 2003, p. 92)

Aqui podem-se notar alguns pontos interessantes. O primeiro deles é que o narrador menciona que Wilhelm respira com dificuldade, que está congestionado. Ambas as características podem ser associadas à sensação de afogamento, como já vimos ocorrer em diversas outras passagens do livro. A segunda é que temos uma explícita menção ao fato de que aquele dia, de algum modo, se sobressairia em relação a todos os outros vividos pelo protagonista até então, já que tratar-se-ia do seu dia de acerto

¹²⁵ Tradução minha. No original: “Oh, this was a day of reckoning. It was a day, he thought, on which, willing or not, he would take a good close look at the truth. He breathed hard and his misshapen hat came low upon his congested darkblond face. A rude look. Tamkin was a charlatan, and furthermore he was desperate. And furthermore, Wilhelm had always known this about him.”

de contas. E a terceira é que ele finalmente reconhece que Tamkin é um charlatão, e vai além, assumindo que, na realidade, ele sempre soubera daquilo e que, mesmo assim, decidira seguir os conselhos do falso médico.

Isso tudo se relaciona a “Lycidas” no sentido de que o poema funciona como indicativo de que o herói de *Seize the Day* está vivenciando um dia único em sua existência. E essa ideia é reforçada pela segunda menção, desta vez tácita, ao texto de Milton. No início do quarto capítulo, Bellow escreve:

E apesar de ele ter se colocado acima do Sr. Perls e de seu pai porque eles adoravam o dinheiro, ainda assim eles eram capazes de agir com energia, e isso era melhor do que gritar e chorar, rezar e implorar, cutucar e falar bobagem e passar aos trancos e barrancos pelas dificuldades da vida, para, enfim, *afundar-se naquele chão molhado* – seria isso azar ou um ‘já vai tarde’?¹²⁶ (BELLOW, 2003, p. 53, grifo nosso)

No trecho, o segmento “afundar-se naquele chão molhado”, em inglês “*sink beneath that watery floor*”, repete as mesmas palavras do verso já discutido de “Lycidas”, mas dessa vez, exclui-se o “apesar de”. Ou seja, nesse ponto da narrativa, Wilhelm está cada vez mais próximo da realidade do afogamento, e parece não haver o que seja capaz de salvá-lo.

O prenúncio do início, como acontece em todos os casos de *foreshadowing*, se faz de maneira sutil. Ele, muitas vezes, não será percebido em uma primeira leitura, ou mesmo em uma segunda, se o leitor não conhecer ou não buscar descobrir sobre o poema de John Milton. Assim, até o momento em que nos deparamos com a segunda menção a “Lycidas”, o tom do romance é de desespero e desesperança. Wilhelm, até certo momento, é um homem em estado de sufocamento provocado pela água figurativa que o circunda, que, aqui, é entendida como representativa da modernidade líquida descrita por Bauman. Levando isso em consideração, vemos que o autor constrói seu texto de modo que acreditemos que o que o futuro reserva-lhe não difere muito do que fora sua vida até então. O fim da história, contudo, surpreende, assim como o desfecho de “Lycidas”, ao mostrar que, na realidade, há uma saída possível para os afogamentos provocados pela enchente da vida contemporânea.

¹²⁶ Tradução minha. No original: “And though he had raised himself above Mr. Perls and his father because they adored money, still they were called to act energetically and this was better than to yell and cry, pray and beg, poke and blunder and go by fits and starts and fall upon the thorns of life. And finally sink beneath that watery floor —would that be tough luck, or would it be good riddance?”

Nas três sessões trabalhadas neste capítulo, foi possível demonstrar, por meio da abordagem de três frentes distintas – a do enredo, a da linguagem e a do desfecho de *Seize the Day* –, que o romance não pode ser analisado de forma satisfatória se não lançar-se um olhar cuidadoso sobre as questões envolvendo a água e os líquidos, em geral. Isso se dá porque, como restou evidente pelas diversas passagens aqui elencadas, o emprego da referida simbologia foi feito por Bellow como estratégia para trabalhar, de maneira mais sutil e, ao mesmo tempo, mais contundente, os diversos temas de cunho sociológico, identitário e até geográfico incluídos na história de Tommy Wilhelm.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido até aqui foi longo. Iniciei esta tese apresentando meu objeto de estudo, o romance *Seize the Day*, de Saul Bellow, bem como seu autor e os dois teóricos que discuti com mais ênfase em minhas análises, Zygmunt Bauman e Tim Cresswell. Pude identificar, em comum entre os dois estudiosos e o escritor, a singular propensão de apoiarem-se, para uma melhor transmissão de seus pensamentos, na água como símbolo-chave. Vimos, nesse ínterim, que o escritor literário lança mão, na narrativa que acompanha um dia na vida de Tommy Wilhelm, de diversas palavras, estruturas e ideias estreitamente relacionadas aos líquidos e suas características. De forma similar, o sociólogo cunha o termo “modernidade líquida” (e vários outros dele derivados) e usa a imagem dos fluidos e dos sólidos para descrever seu entendimento sobre as fases pelas quais passam as sociedades. O geógrafo, por sua vez, emprega os conceitos de “metafísica do fluxo” e “metafísica da fixidez” para explicar os traços dos grupos sociais que identifica como fixos e moventes.

Dada a evidente importância da água para o desenvolvimento de todo este trabalho, meu primeiro capítulo foi exclusivamente dedicado à apresentação e investigação de possíveis significados para as representações simbólicas envolvendo esse elemento. Para isso, utilizei o *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015), o também intitulado *Dicionário de símbolos*, de Herder Lexikon, a *Enciclopedia de los símbolos*, de Udo Becker, e *A Dictionary of Literary Symbols*, de Michael Ferber, entre outras fontes, no intuito de apontar os principais sentidos conotativos assumidos pelos líquidos no curso da história. Dividi as várias acepções apresentadas entre “positivas” e “negativas”, de modo a mostrar que a variedade de interpretações é tão grande que estas podem chegar, até mesmo, a opor-se umas às outras. Objetivando demonstrar a recorrente presença simbólica da água na literatura, ofereci, ao final do capítulo, uma discussão em que comparei *Seize the Day* a outra obra literária que conta com a presença da água como símbolo, o conto “Marinha”, do escritor judeu Samuel Rawet.

Meu segundo capítulo foi dedicado à reflexão sobre a relação entre a modernidade líquida de Zygmunt Bauman e o personagem Tommy Wilhelm, de *Seize the Day*. Notei uma peculiaridade entre ambos, a qual consiste no fato de sempre verem com certo grau de pessimismo as perspectivas para o futuro, no que toca a Bauman, para a sociedade e, no que toca a Wilhelm, para a sua própria vida. Vimos

que, assim como o sociólogo entende que estamos imersos, já há vários anos, em um estado de liquidez não natural – uma vez que, para ele, o estado-base por excelência é o sólido –, o protagonista do romance também olha para si mesmo como para alguém em processo de afogamento. Para organizar minha discussão, dividi o capítulo em três sessões, correspondentes a três temas trabalhados por Bauman à luz das ideias envolvendo a modernidade líquida. São elas: individualidade, trabalho e comunidade. Na primeira, adentrei a mente de Tommy. Para isso, discuti as noções de “anti-herói” e de “narrador não confiável” e mostrei como os pensamentos de Wilhelm coincidem com o da maioria dos indivíduos de sua geração, do lado ocidental do globo. Na sessão “trabalho” revelei como a liquidez contemporânea apontada pelo sociólogo intermedeia igualmente as associações laborais entre as pessoas, tornando contratos de emprego efêmeros e profissões voláteis. Por fim, ao falar de comunidade, pude salientar como o ser fluido descrito por Bauman une-se e comunica-se com outros na mesma situação. Julguei pertinente, nesse contexto, trazer um pouco do debate acerca de nacionalidade e de como ele afeta o cotidiano do ser humano. Pude notar que, assim como acontece com a individualidade e o trabalho, o senso de comunidade que se tem na modernidade líquida é transitória, sendo comum, a todo momento, a criação e dissolução dos mais diversos tipos de grupos e associações.

Assim, parti para o terceiro capítulo, que trata, em seu turno, da teoria de Tim Cresswell e das ideias apresentadas no romance pelo personagem Dr. Tamkin. Ao contrário do capítulo anterior, o tom que prevalece é o de otimismo, assertividade e até de esperança. Cresswell vê na modernidade o mesmo estado de liquidez identificado e descrito por Bauman, mas, diferentemente deste, identifica nessa liquidez um meio profícuo para o estabelecimento de mudanças. Assim, ele introduz os conceitos de “metafísica do fluxo” e “metafísica da fixidez”, que são tratados cada um em uma sessão. Ao abordar o primeiro, o geógrafo discorre sobre o preconceito envolvendo as pessoas moventes, grupo representado por refugiados, ciganos, migrantes, entre outros, comumente tidos como “vadios” ou “vagabundos” por uma sociedade que preza pela fixidez e pela estabilidade, ainda que imaginária. Como pode-se imaginar, portanto, os princípios que regem a metafísica do fluxo de Cresswell estabelecem não apenas que a mobilidade não é prejudicial como que ela é o caminho para que consigamos encontrar-nos em meio a todas as novidades que surgem, em uma base quase que diária, no mundo contemporâneo. E vimos que isso vai ao encontro do que Tamkin passa todo o dia tentando incutir na cabeça de

Wilhelm. A partir disso, recorri a Nietzsche e autores gregos para comentar sobre o vínculo entre o título da obra de Bellow e os entendimentos de Cresswell e Tamkin sobre as pessoas e as suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Finalmente, lancei mão de um proveitoso cotejo entre *Seize the Day* e *Sidarta*, romance do escritor alemão Herman Hesse que também emprega metáforas relacionadas à água para tratar de questões muito similares às trabalhadas por Saul Bellow.

Finalmente, no quarto capítulo, optei por trazer à tona e explorar mais a fundo o personagem principal desta tese: a água. Mesmo tendo estado presente em todo o meu percurso até aqui, julguei que seria não apenas pertinente como necessário, dado o meu objetivo de mostrar como Bellow apoia-se na simbologia dos líquidos para construir a sua narrativa de ficção, dedicar uma sessão inteira à sua relação com *Seize the Day*. Dessa maneira, dividi o capítulo em três partes, uma para tratar do enredo, outra da linguagem e outra do desfecho da obra. Na primeira, apresentei brevemente a definição de enredo, usando como base alguns teóricos como John Cuddon, John Mullan e James Wood. Mostrei que a construção de Bellow apresenta um perfil mais psicológico, cujo movimento, inclusive, assemelha-se ao feito pela água. Utilizei também *Ulisses*, de James Joyce, para traçar um paralelo entre ele e a narrativa aqui em estudo, mostrando que os dois textos apresentam muitos pontos comuns, entre eles o fato de desenrolarem-se no período de um dia. Em seguida, expus um pouco da linguagem empregada por Bellow e de como podemos entender que ela foi cuidadosamente escolhida para compreender a noção de fluidez. Para tal, realizei um levantamento quantitativo de termos que pudessem ser relacionados ao campo semântico da água e analisei as principais estruturais gramaticais presentes nos parágrafos do escritor estadunidense. Por último, discorri sobre o desfecho de *Seize the Day*, dessa vez confrontando-o com outra referência literária de suma importância, que, inclusive, encontra-se presente de forma direta na obra, por meio de citações de algumas de suas passagens. Me refiro ao poema *Lycidas*, de John Milton.

Como venho argumentando desde a introdução desta tese, *Seize the Day* é uma obra que explora temas que permanecem atuais. Por essa razão, é possível dizer que, apesar de ter sido escrito quase sete décadas atrás, o romance pode ser analisado sob o prisma de teorias contemporâneas, tais quais a de Zygmunt Bauman e a de Tim Cresswell. Poder-se-ia até ir além e afirmar que ele chega a prenunciar as referidas teorias, empreendendo quase um *foreshadowing* da vida real.

Muito – senão tudo – do que foi analisado serve como embasamento para essa ideia. É evidente que, com isso, não quero dizer que Bauman e Cresswell literalmente lançaram mão de *Seize the Day* para delinear seus entendimentos sobre a modernidade. O que pretendo é mostrar o quanto o conteúdo do romance tem em comum com as concepções trazidas pelos dois teóricos. E é impossível fazer isso sem endereçar a simbologia da água, a qual, como foi visto diversas vezes nesta tese, está presente do início ao fim do romance. É por meio dela, portanto, que alicerçar-se-á a compreensão de que, de alguma forma, o texto literário antecipa aquilo que será amplamente discutido a partir da década de 1970, com maior intensidade nos anos de 1990 e 2000 – recorde que a primeira publicação do livro mais icônico da carreira de Bauman, *Modernidade líquida*, é de 1999.

De forma breve, lembro que tanto Bauman como Cresswell recorrem a metáforas relacionadas a substâncias em estado líquido para descrever aquele que julgam ser o estado da sociedade contemporânea. Logo, ambos reconhecem estarmos vivendo, de maneira crescente e já há alguns anos, em uma realidade fluida, pouco palpável e até fugidia. Eles afirmam que as relações das pessoas entre elas mesmas e entre elas e o meio que as circunda – lugares, objetos, tecnologia, alimentos, meios de transporte, economia, etc. – estão cada vez mais dinâmicas. O modo de encarar esse dinamismo, porém, é que difere entre os dois autores. Enquanto um – Bauman – vê essa característica como algo negativo, sinônimo de regresso social, o outro – Cresswell – observa justamente o contrário: progresso, sinal de que a humanidade está caminhando rumo a um mundo mais igualitário.

Considerando essas diferenças ideológicas entre as teorias que foram aqui estudadas, pode parecer contraditório que eu correlacione pensamentos tão distintos com um mesmo texto literário. Contudo, preciso lembrar que dentro da própria obra de Bellow há uma cisão de ideias, materializadas nas figuras do protagonista, Tommy Wilhelm, e do personagem Dr. Tamkin, os quais, como foi mostrado, assumem, respectivamente, discursos que, posteriormente, viriam a ser atribuídos a Zygmunt Bauman e Tim Cresswell. É como se o escritor conseguisse visualizar, com uma clareza assustadora, as duas principais perspectivas sob as quais o mundo ocidental viria a ser examinado dentro de alguns anos após a publicação de *Seize the Day*.

Não há, entretanto, nada de mágico ou sobrenatural na sensibilidade demonstrada pelo romancista, que é bem própria dos escritores literários. Enquanto teóricos como historiadores, sociólogos (caso de Bauman), geógrafos (caso de

Cresswell) e economistas, por exemplo, pensam e discorrem de maneira mais objetivas sobre fatos, sobre o que está acontecendo ou já aconteceu, os artistas tendem a se ocupar de tais fatos por meio de uma abordagem mais abstrata e esteticamente elaborada.

A teórica Kathrin Rosenfield (2006, p. 5) coloca, a respeito da estética, campo também conhecido, muitas vezes, como a filosofia da arte, o estudo do belo em manifestações artísticas e culturais:

A palavra “estética” vem do grego *aísthesis*, que significa sensação, sentimento. [...] a estética analisa o complexo das sensações e dos sentimentos, investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artísticas ou não) da sensibilidade, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, a razão e a ética.

Ou seja, o papel do artista, e conseqüentemente do romancista e poeta, é lançar mão de sua sensibilidade para, à sua maneira, interpretar acontecimentos reais. Essa interpretação, no entanto, não é encarcerada na mente do seu formulador; ao contrário, ela é lançada na sociedade para que possa ser “absorvida” por todos os interessados em ir além de fatos concretos (e há quem questione, inclusive, a existência de fatos verdadeiramente concretos). Stephen Koch (2008, p. 39), tratando especificamente da arte da escrita, coloca:

O que é o talento literário? Uma influência ágil. Um jeito com as palavras. Uma imaginação que se acende facilmente, sempre pronta para ver, ouvir ou sentir. Um ouvido para a música da linguagem, uma tendência para se deixar absorver nos misteriosos movimentos de seu significado e de sua sonoridade. Uma sensibilidade em relação ao público leitor. Habilidade para organizar conceitos verbais com coerência, eficácia e razoável rapidez. Aptidão para captar formas e figuras sutis da imaginação vivida e destreza para fixá-las na página.

É precisamente o que faz Bellow em *Seize the Day*. Assim, a partir das ponderações de Koch, torna-se plausível afirmar que o autor tenha podido colocar-se à frente das teorias contemporâneas em função de sua sensibilidade artística. Ele oferece-nos, em *Seize the Day*, por meio de uma configuração ficcional, a possibilidade de uma abordagem filosófica da vida e dos rumos que ela pode tomar. Apesar de na década de 1950 não falar-se de metafísica do fluxo e da fixidez ou de modernidade líquida, o capitalismo já estava plenamente instaurado, as duas Grandes Guerras já haviam ocorrido e a revolução tecnológica já estava em curso. Esses fatores, aliados a vários

outros que, em que pese serem de menor peso histórico, colocam-se como igualmente relevantes, levam a mente criativa a conjecturar, delinear possibilidades, ponderar e formular suas próprias crenças a respeito do mundo e dos dados que este transmite à sua consciência.

Nesse sentido, a personagem Tamkin ilustra bem um contexto de incertezas, em especial quando afirma que para vencer-se na vida não se pode mais andar em linha reta, como vinha sendo feito até não muito tempo antes (de Euclides a Newton). Em sua época, e principalmente na de Wilhelm, que é mais jovem, as pessoas precisam saber nadar, ou ao menos flutuar, para seguir seu caminho, que não é mais trilhado sobre o solo, uma superfície rígida e estável, mas sobre ondas. Foi a partir disso que esta pesquisa estabeleceu-se no argumento da antecipação, que também pode ser compreendida como a exposição, pelo escritor, do senso comum acerca daquilo que, anos mais tarde, seria tratado de maneira científica. Diz-se “senso comum” porque, afinal, o que seriam as convicções de Tamkin e Wilhelm além de representações das formas pelas quais as pessoas encaram o mundo que as cerca? Ora, basta recordarmos que o protagonista é um homem ordinário e que Tamkin é um charlatão, ou seja, nenhum dos dois detém qualquer tipo de privilégio em termos cognitivos – apesar de serem ambos, pelo menos aparentemente, escolarizados – que justifique a concessão, a eles, do título de videntes ou mesmo de filósofos.

Em resumo, o mérito da obra de Bellow aqui investigada não reside especificamente em sua suposta habilidade de prever o futuro, mas em sua habilidade concreta de colocar em palavras, de forma clara e convincente, ideias correntes acerca de aspectos da realidade da sociedade em que vive. Nesse sentido, ele é capaz de fazer com que nos simpatizemos com os sofrimentos e dilemas de Tommy e, ao mesmo tempo, nos mostremos inclinados a concordar com as noções apresentadas por Tamkin. É como ocorre, tempos mais tarde, quando somos agraciados com as teorias de Cresswell, Bauman e muitas outras: não se pode dizer que haja aquela que solucionará todos os problemas da humanidade. O que há são pontos de vista com aspectos válidos e úteis de ambos os lados, e melhor se sai aquele que é capaz de extrair de tais compreensões caminhos para compreender a contemporaneidade e buscar a felicidade tão almejada pelos contemporâneos de Wilhelm.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, H. Porter. Saul Bellow and the “Lost Cause” of Character. In.: *Novel: A Forum on Fiction*. Vol. 13, nº 3, pp. 264-283. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1344860>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

ARYAL, Bichnu Prasad. *Seize the Day: Studying Water as a Symbol*. Disponível em: <<https://elibrary.tucl.edu.np/handle/123456789/8301>>. Acesso em: 2 de setembro de 2022.

AVIV, Caryn; SHNEER, David. *New Jews and the End of the Jewish Diaspora*. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

AZEVEDO, Luciana. James Joyce e suas epifanias. *Periódicos eletrônicos em psicologia*. Salvador, v. 6, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792004000100033>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Vidas em fragmentos: sobre ética pós-moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Udo. *Enciclopedia de los símbolos*. Tradução: José Antonio Bravo. Barcelona: Ediciones Robinbook, 2003.

BEGLEY, Louis. Saul Bellow. In.: *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 151, nº 4, pp. 435-439. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25478456>>. Acesso em: 3 de novembro de 2021.

BELLOW, Saul; ROUDANÉ, Matthew. An Interview with Saul Bellow. In.: *Contemporary Literature*. 1984. Vol. 25, nº 3, pp. 265-280. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1207977>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

_____. *Bellow in his own words*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2005/apr/06/saulbellow>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

_____. *Seize the Day*. New York: Penguin Books, 2003.

_____. *Nobel Lecture*. 1976. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1976/bellow/lecture/>>. Acesso em: 29 de março de 2021.

BRANDT, Cleri Aparecida; LEITE, César. *Linguagem nazista: a manipulação a serviço da dominação*. Disponível em: <https://ib.rc.unesp.br/Home/Departamentos47/educacao/grupodeestudosepesquisaslinaguagensexperienciaeformacao/2p-cleri_brandt_cesar_leite.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2022.

CAVALCANTI, Raissa. *Mitos da água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Tradução: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Tradução: Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

COHEN, Mark. A Recognizable Jewish Type: Saul Bellow's Dr. Tamkin and Valentine Gersbach as Jewish Social History. In.: *Modern Judaism*. Vol. 27, nº 3, 2007, pp. 350-373. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/30136790>>. Acesso em: 3 de março de 2021.

CRESSWELL, Tim. *On the Move: Mobility in the Modern Western World*. New York: Routledge, 2006.

_____. *Professor Tim Cresswell*. Disponível em: <[https://pure.royalholloway.ac.uk/portal/en/persons/tim-cresswell\(7d41a2c8-6df1-413f-9b67-892b73b00697\).html](https://pure.royalholloway.ac.uk/portal/en/persons/tim-cresswell(7d41a2c8-6df1-413f-9b67-892b73b00697).html)>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

CRUZ, Nathália Queiroz Mariano. *Diáspora Judaica Antiga: Entre o Oriente e o Ocidente*. Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2013. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Nathalia_Queiroz_Mariano_Cruz.pdf>. Acesso em 3 de setembro de 2022.

CUDDON, John; PRESTON, Claire. *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. 4ª ed. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 1998.

CURY, Maria Zilda Ferreira. In: BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

DE ABREU, Cleto. *A sociologia da modernidade líquida de Zygmunt Bauman: ciência pós-moderna e divulgação científica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-03052013-181711/en.php>>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

_____. *Sociologia ou biografia? Bauman sob a perspectiva de seus intérpretes*. In.: *Revista Sem Aspas, Araraquara*, v. 2, n. 1, 2, p. 155-169, 2013.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação: Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002. Disponível em: <<https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2015/01/epicuro-carta-sobre-a-felicidade.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2021.

FERBER, Michael. *A Dictionary of Literary Symbols*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FISHMAN, Ethan. Saul Bellow's "Likely Stories". In.: *The Journal of Politics*. 1983. Vol. 45, nº 3, pp. 615-634. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2130706>>. Acesso em: 1º de fevereiro de 2022.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura* (1929). Porto Alegre: L&PM, 2019.

FUCHS, Daniel. Saul Bellow and the Modern Tradition. In.: *Contemporary Literature*. Vol. 15, nº 1, pp. 67-89. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1207710>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

FURRIELA, Rachel Biderman. Bendita água. Página 22, n. 29, p. 49, 2009.

GALE RESEARCH. *A Study Guide for Saul Bellow's "Seize the Day"*. Farmington Hills: Gale Research, 1998. Disponível em: <<https://www.scribd.com/read/385751084/A-Study-Guide-for-Saul-Bellow-s-Seize-the-Day#>>. Acesso em: 3 de março de 2020.

HALL, Stuart. *Identidade cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997a.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASSAN, Ihab. Seize the Day. In.: *Radical Innocence: The Contemporary American Novel*. Harper/Colophon, 1961, pp. 311-317. Disponível em: <<http://www.amerlit.com/novels/ANALYSIS%20Bellow,%20Saul%20Seize%20the%20Day%20analysis%20by%204%20critics.pdf>>. Acesso em: 7 de abril de 2022.

HORÁCIO. *Ode 1.11*. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/o-famoso-poema-carpe-diem-do-poeta-romano-horacio/>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

HOCHSCHILD, Jennifer. *Facing up to the American Dream: Race, Class and the Soul of the Nation*. New Jersey: Princeton, 1995.

KLEIN, Marcus. Seize the Day. In.: *After Alienation: American Novels in Mid-Century*. World/Meridian, 1962, pp. 39-41. Disponível em: <<http://www.amerlit.com/novels/ANALYSIS%20Bellow,%20Saul%20Seize%20the%20Day%20analysis%20by%204%20critics.pdf>>. Acesso em: 7 de abril de 2022.

KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 1ª ed.

KRALL, Casey. Raiding Davy Jones's Locker: Investigating Drowning in Ulysses. Disponível em: <https://www.academia.edu/23951630/Raiding_Davy_Jones_Locker_Investigating_Drowning_in_Ulysses>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

LEADER, Zachary. Cultural Nationalism and Modern Manuscripts: Kingsley Amis, Saul Bellow, Franz Kafka. In.: *Critical Inquiry*. Vol: 40, nº 1, pp. 160-193. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/673231>>. Acesso em: 3 de novembro de 2021.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1990.

LOURENÇO, Luciano; BERNARDINO, Sofia. O poder da água. Uma dádiva e um risco. In: *Riscos naturais, antrópicos e mistos: homenagem ao Professor Doutor Fernando Rebelo*. Coimbra: Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. p. 403-423.

MILTON, John. *Lycidas*. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/44733/lycidas>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

MULLAN, John. *Now novels work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Entrevista com Zygmunt Bauman*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

QUILES, Ismael. *La base doctrinal del Nirvana*. Anais da Universidade de El Salvador, 1964. pp. 83-108

RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

ROSENFELD, Kathrin. **Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROBERTS, V. Edgar; JACOBS, E. Henry. *Literature: an Introduction to Reading and Writing*. New Jersey: Prectice Hall PTR, 2003.

SALEM, Tania. O “individualismo libertário” no imaginário social dos anos 60. In.: *Physis: revista da saúde coletiva*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/kHRjrmpZxgNMDh6XPPXt8VK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 de março de 2021.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à conscientização universal*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2006.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SHAKESPEARE, William. *Sonnet 73*. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/45099/sonnet-73-that-time-of-year-thou-mayst-in-me-behold>>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

SIMMONS, David. *The Anti-hero in the American Novel: from Joseph Heller to Kurt Vonnegut*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

SMITHPETERS, Jeff. *Significant affinities between James Joyce's Ulysses and Saul Bellow's The Adventures of Augie March*. Honors Thesis. Ouachita Baptist University, 1994. Disponível em: <https://scholarlycommons.obu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1151&context=honors_theses>. Acesso em 14 de maio de 2022.

SPINELLI, Miguel. *Questões fundamentais da filosofia grega*. Edições Loyola, 2006.

STEVANATO, J. Diego. *Desenvolvimento da cavidade oral em peixes*. Disponível em: <<https://gia.org.br/portal/desenvolvimento-oral-e-tipos-de-dentes/>>. Acesso em 26 de maio de 2022.

TOPEL, Marta F. Terra prometida, exílio e diáspora: apontamentos e reflexões sobre o caso judeu. In.: *Horizontes antropológicos*. Ano: 21, nº 43, pp. 331-352. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/tntb5MVcsNRWpxFjrZQJMnB/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 3 de março de 2021.

TRIGO, Luciano. Influência literária: Saul Bellow. In.: *O Globo*. 1991. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/institucional/Influencia-SaulBellow.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2022.

URRY, John. The Mobilities Paradigm. In.: *Mobilities*. Cambridge, UK: Polity, 2011. p. 44-54.

_____. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VENEFICA, Avia. *Symbolic Hippopotamus Meaning*. Disponível em: <<https://www.whats-your-sign.com/symbolic-hippopotamus-meaning.html>>. Acesso em 24 de janeiro de 2020.

WOOD, James. *How Fiction Works*. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 2008.

ANEXO 1

Lycidas

Yet once more, O ye laurels, and once more
Ye myrtles brown, with ivy never sere,
I come to pluck your berries harsh and crude,
And with forc'd fingers rude
Shatter your leaves before the mellowing year.
Bitter constraint and sad occasion dear
Compels me to disturb your season due;
For Lycidas is dead, dead ere his prime,
Young Lycidas, and hath not left his peer.
Who would not sing for Lycidas? he knew
Himself to sing, and build the lofty rhyme.
He must not float upon his wat'ry bier
Unwept, and welter to the parching wind,
Without the meed of some melodious tear.

Begin then, Sisters of the sacred well
That from beneath the seat of Jove doth spring;
Begin, and somewhat loudly sweep the string.
Hence with denial vain and coy excuse!
So may some gentle muse
With lucky words favour my destin'd urn,
And as he passes turn
And bid fair peace be to my sable shroud!

For we were nurs'd upon the self-same hill,
Fed the same flock, by fountain, shade, and rill;
Together both, ere the high lawns appear'd
Under the opening eyelids of the morn,
We drove afield, and both together heard
What time the gray-fly winds her sultry horn,
Batt'ning our flocks with the fresh dews of night,
Oft till the star that rose at ev'ning bright
Toward heav'n's descent had slop'd his westering wheel.
Meanwhile the rural ditties were not mute,
Temper'd to th'oaten flute;
Rough Satyrs danc'd, and Fauns with clov'n heel,
From the glad sound would not be absent long;
And old Damætas lov'd to hear our song.

But O the heavy change now thou art gone,
Now thou art gone, and never must return!
Thee, Shepherd, thee the woods and desert caves,
With wild thyme and the gadding vine o'ergrown,
And all their echoes mourn.
The willows and the hazel copses green
Shall now no more be seen

Fanning their joyous leaves to thy soft lays.
As killing as the canker to the rose,
Or taint-worm to the weanling herds that graze,
Or frost to flowers that their gay wardrobe wear
When first the white thorn blows:
Such, Lycidas, thy loss to shepherd's ear.

Where were ye, Nymphs, when the remorseless deep
Clos'd o'er the head of your lov'd Lycidas?
For neither were ye playing on the steep
Where your old bards, the famous Druids, lie,
Nor on the shaggy top of Mona high,
Nor yet where Deva spreads her wizard stream.
Ay me! I fondly dream
Had ye bin there'—for what could that have done?
What could the Muse herself that Orpheus bore,
The Muse herself, for her enchanting son,
Whom universal nature did lament,
When by the rout that made the hideous roar
His gory visage down the stream was sent,
Down the swift Hebrus to the Lesbian shore?

Alas! what boots it with incessant care
To tend the homely, slighted shepherd's trade,
And strictly meditate the thankless Muse?
Were it not better done, as others use,
To sport with Amaryllis in the shade,
Or with the tangles of Neæra's hair?
Fame is the spur that the clear spirit doth raise
(That last infirmity of noble mind)
To scorn delights and live laborious days;
But the fair guerdon when we hope to find,
And think to burst out into sudden blaze,
Comes the blind Fury with th'abhorred shears,
And slits the thin-spun life. "But not the praise,"
Phoebus replied, and touch'd my trembling ears;
"Fame is no plant that grows on mortal soil,
Nor in the glistening foil
Set off to th'world, nor in broad rumour lies,
But lives and spreads aloft by those pure eyes
And perfect witness of all-judging Jove;
As he pronounces lastly on each deed,
Of so much fame in Heav'n expect thy meed."

O fountain Arethuse, and thou honour'd flood,
Smooth-sliding Mincius, crown'd with vocal reeds,
That strain I heard was of a higher mood.
But now my oat proceeds,
And listens to the Herald of the Sea,
That came in Neptune's plea.

He ask'd the waves, and ask'd the felon winds,
"What hard mishap hath doom'd this gentle swain?"
And question'd every gust of rugged wings
That blows from off each beaked promontory.
They knew not of his story;
And sage Hippotades their answer brings,
That not a blast was from his dungeon stray'd;
The air was calm, and on the level brine
Sleek Panope with all her sisters play'd.
It was that fatal and perfidious bark,
Built in th'eclipse, and rigg'd with curses dark,
That sunk so low that sacred head of thine.

Next Camus, reverend sire, went footing slow,
His mantle hairy, and his bonnet sedge,
Inwrought with figures dim, and on the edge
Like to that sanguine flower inscrib'd with woe.
"Ah! who hath reft," quoth he, "my dearest pledge?"
Last came, and last did go,
The Pilot of the Galilean lake;
Two massy keys he bore of metals twain
(The golden opes, the iron shuts amain).
He shook his mitred locks, and stern bespake:
"How well could I have spar'd for thee, young swain,
Enow of such as for their bellies' sake
Creep and intrude, and climb into the fold?
Of other care they little reck'ning make
Than how to scramble at the shearers' feast
And shove away the worthy bidden guest.
Blind mouths! that scarce themselves know how to hold
A sheep-hook, or have learn'd aught else the least
That to the faithful herdman's art belongs!
What recks it them? What need they? They are sped;
And when they list their lean and flashy songs
Grate on their scrannel pipes of wretched straw,
The hungry sheep look up, and are not fed,
But, swoll'n with wind and the rank mist they draw,
Rot inwardly, and foul contagion spread;
Besides what the grim wolf with privy paw
Daily devours apace, and nothing said,
But that two-handed engine at the door
Stands ready to smite once, and smite no more".

Return, Alpheus: the dread voice is past
That shrunk thy streams; return, Sicilian Muse,
And call the vales and bid them hither cast
Their bells and flow'rets of a thousand hues.
Ye valleys low, where the mild whispers use
Of shades and wanton winds, and gushing brooks,
On whose fresh lap the swart star sparely looks,

Throw hither all your quaint enamel'd eyes,
That on the green turf suck the honied showers
And purple all the ground with vernal flowers.
Bring the rathe primrose that forsaken dies,
The tufted crow-toe, and pale jessamine,
The white pink, and the pansy freak'd with jet,
The glowing violet,
The musk-rose, and the well attir'd woodbine,
With cowslips wan that hang the pensive head,
And every flower that sad embroidery wears;
Bid amaranthus all his beauty shed,
And daffadillies fill their cups with tears,
To strew the laureate hearse where Lycid lies.
For so to interpose a little ease,
Let our frail thoughts dally with false surmise.
Ay me! Whilst thee the shores and sounding seas
Wash far away, where'er thy bones are hurl'd;
Whether beyond the stormy Hebrides,
Where thou perhaps under the whelming tide
Visit'st the bottom of the monstrous world,
Or whether thou, to our moist vows denied,
Sleep'st by the fable of Bellerus old,
Where the great vision of the guarded mount
Looks toward Namancos and Bayona's hold:
Look homeward Angel now, and melt with ruth;
And, O ye dolphins, waft the hapless youth.

Weep no more, woeful shepherds, weep no more,
For Lycidas, your sorrow, is not dead,
Sunk though he be beneath the wat'ry floor;
So sinks the day-star in the ocean bed,
And yet anon repairs his drooping head,
And tricks his beams, and with new spangled ore
Flames in the forehead of the morning sky:
So Lycidas sunk low, but mounted high
Through the dear might of him that walk'd the waves;
Where, other groves and other streams along,
With nectar pure his oozy locks he laves,
And hears the unexpressive nuptial song,
In the blest kingdoms meek of joy and love.
There entertain him all the Saints above,
In solemn troops, and sweet societies,
That sing, and singing in their glory move,
And wipe the tears for ever from his eyes.
Now, Lycidas, the shepherds weep no more:
Henceforth thou art the Genius of the shore,
In thy large recompense, and shalt be good
To all that wander in that perilous flood.

Thus sang the uncouth swain to th'oaks and rills,

While the still morn went out with sandals gray;
He touch'd the tender stops of various quills,
With eager thought warbling his Doric lay;
And now the sun had stretch'd out all the hills,
And now was dropp'd into the western bay;
At last he rose, and twitch'd his mantle blue:
To-morrow to fresh woods, and pastures new.

John Milton

ANEXO 2

Sonnet 73

That time of year thou mayst in me behold
When yellow leaves, or none, or few, do hang
Upon those boughs which shake against the cold,
Bare ruin'd choirs, where late the sweet birds sang.

In me thou seest the twilight of such day
As after sunset fadeth in the west,
Which by and by black night doth take away,
Death's second self, that seals up all in rest.

In me thou see'st the glowing of such fire
That on the ashes of his youth doth lie
As the death-bed whereon it must expire
Consumed with that which it was nourish'd by.

This thou perceivest, which makes thy love more strong,
To love that well which thou must leave ere long.

William Shakespeare